

VICTOR F. MIRANDA



CHAGAS DA
CONDENAÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VICTOR F. MIRANDA é o autor dos romances *Chagas da Condenação* e *Queimando Viva*. Também escreveu os contos *Quebra-cabeça*, *Monstros e Dragões* e *Homem que é Homem*. Apesar de inspirar-se principalmente por Stephen King e Chuck Palahniuk, não segue gêneros literários específicos para criar suas obras.

Twitter: @victorfmiranda
Wattpad: @victorfmiranda

Capa
César Oliveira

Revisão
Luciane Rangel

© 2012 by Victor F. Miranda
Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

“Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é pelo fogo, pelo fumo, e pelo enxofre, que saía das suas bocas. (...)

E outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar.

E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da prostituição, nem das suas ladroíces.”

Apocalipse: capítulo 9, versículos 18-20

*You know I'm born to lose, and gambling's for fools,
But that's the way I like it baby,
I don't wanna live forever!*

Motörhead

Lembra-se de quando as rádios ainda existiam e tocavam músicas horríveis na maior parte do dia? Um dos pontos positivos do fim do mundo foi não ter que aturar mais isso. De qualquer forma, eu tinha meu *pendrive* com 16 GB cheios de músicas, prontas para serem ouvidas no carro. O problema, é que eu não era o único e aquela garota que decidi dar carona também tinha o dela. Apenas com as últimas tendências pop, desde Justin Barbie até aquela tal de Bitchney.

Não são esses os nomes? Bom, combinam mais, de qualquer forma.

— Porra, garota, dá para por uma música melhor aí?

— Essa é maneira, pô — ela tentou argumentar.

— Eu não entendo esse cara, cresceu e ainda parece uma menininha. Será que ele morreu? — eu ri nessa hora, mais do que estou rindo agora.

— Não concentra na voz dele, presta atenção na letra — que era um poema digno de uma criança de QI baixo.

Enfim.

Ela tentava me convencer de que ouvir canções vomitadas era melhor para mim. Não demorou a escutarmos alguns gemidos sem vida ali por perto. Não era a música, antes que pergunte. Ela me olhou, mas eu caguei para a situação.

Tentei retornar ao assunto, mas ela perguntou como eu conseguia ficar tão calmo nessas horas. Senti um pouco de nojo do pé no saco que essa garota poderia ser dali para frente, então disse a ela coisas que normalmente fazem um homem relaxar, para ela calar a boca logo, você sabe. Relaxar os músculos, prestar atenção no que está a nossa volta... Bater uma.

— Seu escroto — disse, prendendo aquele sorriso safado que ela tentava esconder.

— É. Pegando nele também dá pra relaxar e...

O quê? Essas partes são dispensáveis? Mas elas são as mais legais. Qual é a graça de saber minha história se eu não contar meus argumentos...? Tudo bem, eu vou controlá-los. Mas pode ter certeza que na maior parte do tempo teve o dobro de palavrões e baixaria.

Essa é a minha essência.

Continuando, você sabe como as ruas ficaram vazias, pelo menos sem humanos... E como tudo estava abandonado. Pelo menos, pelos humanos. Mas ainda assim, essa garota estava procurando por alguma coisa através do vidro.

— Qual o problema? Tá com medo? — provoquei, sorrindo para ela.

— Você não tem?

Eu ri. Estava me divertindo com aquilo tudo. Até que ela entrou naquele típico assunto, que todo mundo diz se interessar.

— Mas e família? Amigos?

— Sozinho no mundo — respondi, para cortar de uma vez.

— Somos dois... Você me dando carona assim do nada... Foi legal da sua parte — naquela época, qualquer tipo de elogio era automaticamente recusado pela minha mente.

Eu me mantive calado, mas havia dado carona a ela na verdade porque ela era gostosa e eu estava na seca desde dezembro... Acho que estávamos em março... E eu tinha esperanças de conseguir algo naquela noite. E depois de dirigir por quase uma hora, finalmente chegamos ao nosso destino.

O lugar mais podre e obscuro da Lapa nos dias atuais.

Rua do Lavradio, motherfucker.

Um amigo meu de longa data cismou que morreria dentro de pouco tempo, e para comemorar, sim, comemorar, pôs um cartaz gigante no topo do prédio, sinalizando que ainda havia pessoas ali e que tinha bebida de graça.

O que atraiu quem passava era a bebida, é claro.

Quase ninguém tinha a intenção de formar grupos; sabe como somos em geral, certo? Acomodados demais, como quase todos os brasileiros. Embaixo do anúncio, estava escrito que estávamos à procura de pessoas para ajudarem a acabar com o estoque.

É claro que eu não podia ficar de fora, não é mesmo?

— Vamos parar aqui?! Nessa espelunca? — reclamou ela, com aquele jeitinho nojento retornando à flor da pele.

— E o que não é uma espelunca hoje em dia, meu bem? Vê se relaxa, vamos beber um drinque. Daqui a gente pode ir para um lugar mais aconchegante — eu disse isso me referindo ao meu carro.

Antes de sairmos, fizemos aquela preparação básica de sobrevivência. Peguei minha pistola que até hoje não sei o nome e meu pacotinho especial, que guardei no bolso. O que era? Munição. O que mais poderia ser? Decepcionei-me ao ver que a garota apenas andava com uma faca, mas tudo bem.

Gosto não se discute, né?

Eu havia estacionado meu Santa Fé em um terreno onde antigamente era um estacionamento mesmo. Daqueles pagos. Ele ficava bem de frente para o bar e alguém havia destruído seus muros uns dias antes, talvez para facilitar a entrada e saída dos veículos de seus futuros fregueses ou então porque estava fugindo de carro e era um péssimo motorista, o que me leva a crer que poderia ter sido uma mulher.

Ao sairmos do carro, ela correu até o portão do bar e ficou me apressando. Eu estava caminhando e acendendo meu cigarro. Correr não faria muita diferença, não havia nada por perto. Pelo menos, nada que pudéssemos ver. Enquanto ela batia no portão, daqueles verticais de aço, o pessoal do lado de dentro se divertia ao som de *Motörhead*.

Finalmente um desinfetante potente para limpar meu cérebro daquele lixo que vim ouvindo por quase meia hora.

— Eles não querem abrir — comentou, parecendo uma criança triste.

— Você precisa se atualizar quanto às boas maneiras — atirei nos trincos, levantando o portão logo em seguida.

Com certeza eu teria que consertar aquilo depois. De novo.

É claro que houve necessidade. Eles não iriam abrir a porta se chamássemos, nem sequer ouviriam! Fiz isso pelas nossas vidas e não para parecer *o cara* na frente dela. Apenas sei que quando entramos, um dos grandalhões que estavam sentados na mesa próxima da entrada reclamou do susto, apontando um facão para mim.

O maior erro que cometeu na vida.

Eu rapidamente saquei minha pistola da cintura com a mão livre e atirei contra sua arma, fazendo-a voar longe. É isso aí, comigo não. A garota havia ficado sem palavras enquanto aquele imbecil me encarava junto ao grupo dele.

— Por que você fez isso?!

— Porque eu posso. Eles têm facas, eu tenho pistolas, ele me mostrou o que tem, eu mostrei o que tenho, relaxa, ninguém vai se machucar — *por enquanto*, pensei enquanto puxava o portão para baixo.

Eu não tinha certeza sobre a idade dela, mas pelo jeito que se impressionou, não devia ter mais do que vinte anos. Depois que o mundo tornou-se sem lei, ficou ainda mais fácil ver gente atirando em gente. Sério, nós somos os únicos que ainda nos matamos, mesmo sendo a minoria. Não é como nos filmes em que as pessoas vão se encontrando e formando grupos.

Deixei que ela se familiarizasse um pouco com o ambiente que estava cheio de antigos bandidos, gangues, e a chamei para se sentar em uma mesa próxima ao balcão depois de ter jogado para fora da cadeira um bêbado que estava ali falando sozinho. Bebemos algumas e finalmente havia chegado a hora tão esperada. O quê? Essa parte é crucial para a história, sério! Eu não estou contando vantagem, para o meu azar não aconteceu nada naquela noite. Nada que eu queria que acontecesse.

— E então... Que tal irmos para o meu carro? Ele é bastante espaçoso... As cruces pintadas nele deixam os vampiros afastados, aquilo passa por cima de qualquer zumbi facilmente e os bancos de trás deitam em cento e oitenta graus!

Ela gargalhou depois de soluçar.

— Eu to muito bêbada! Fazia tempos que eu.. Vamos! — chamou ela quando se levantou, agarrando minha mão. Eu nem pensei duas vezes.

Ao me aproximar da saída, gritei para Zé pegar a escopeta. Já aconteceu de abrímos a porta e darmos de frente com alguma aberração, não queríamos passar por isso de novo.

A propósito, Zé era o dono do bar e também meu amigo de longa data.

— Já vai?! Mete o pé antes que eu atire em você! — gritou ele, simpatia pura.

Mas foi quando levantei o portão que tudo começou. O quê? Sim, já havia começado, mas o ponto principal mesmo começou aí. Eu não poderia contar a partir daqui, senão você não entenderia partes principais da história, como... Bem, como eu ter feito Ísis se apaixonar de forma doentia por mim.

De qualquer forma, ao abrir até a metade, derrubei Ísis no chão quando fui jogado para trás por um cara que entrou que nem um cavalo, quase cuspiendo os pulmões para fora, de tão ofegante que estava. Uns cinco de dentro do bar apontaram algum tipo de arma de fogo para ele, pensando que fosse alguma aberração.

Para mim ele era a pior, mesmo com outras duas atrás dele.

— Você tava mais seguro do lado de fora — eu disse isso apontando minha pistola para a cabeça dele enquanto ele segurava o portão tentando abaixá-lo, conforme aqueles dois braços esbranquiçados, que vinham pela brecha de baixo, se debatiam, tentando agarrar algum pedaço de carne.

— Não! Por favor! — ele choramingou. — Tem vampiros querendo entrar, se você não me ajudar não vai dar tempo nem de... — e ele gritou de susto com o tiro que dei em sua direção.

Só que passou do lado, até agora não lembro se eu realmente tentei salvá-lo ou se havia apenas errado, a ressaca foi forte. Mas ele sentiu a diferença. A porta ficou mais leve. O deixei por lá e fui ver como a garota estava, já que ela ficou caída no chão.

Após ajoelhar-me ao seu lado, dei uns tapinhas no rosto dela, chamei pelo seu nome e até peguei no peitinho para ver se ela tinha alguma reação. Nada. Ele já a conhecia, porque veio perguntando o que aconteceu com a Isis.

— O que aconteceu com ela? — engrossei, me levantando. — Ela tava no ponto para dar umazinha comigo, até que um babaca covarde chegou com medo de dois vampirinhos e arrombou a porta, me jogando em cima da vadia bêbada — aponte-i-lhe minha arma.

— Não, *man* — disse ele, com essa mania irritante de brasileiro adolescente viciado em internet, com sotaque britânico ainda por cima, para me torturar logo —, por favor!

— *Man?!* Você é turista por acaso?! Por que misturou inglês com português?!

Certo. Não só em sua direção. Na cabeça.

— É mania, desculpa! — gaguejou. — Você já deve ter feito isso também sem perceber, escapa! — de fato eu fazia. Até faço de vez em quando, *anyway*.

Mas é raro e eu estava bêbado demais para me lembrar.

— Foda-se. Não quero saber, você apagou a única mulher gostosa viva num raio de uns 50 quilômetros que dormiria comigo. Bêbada! Você vai ter que engolir essa — quando eu estava bêbado, deixava transparecer mais que eu não era tão pegador assim. Quanto mais alto, mais próximo do nível máximo da modéstia eu ficava.

Eu era um animal, só para deixar claro.

Lembro-me que neste momento ele olhava ao redor, praticamente implorando por ajuda através do olhar, mas ninguém estava interessado em salvá-lo. Muito menos bater de frente comigo, já que a maioria me conhecia... Sério mesmo!

Foi aí então que Zé se meteu.

— Bento — disse ele, se aproximando. — Calma... Se você sujar o bar de sangue, vai atrair muitos

bichos para cá — abaixou minha arma calmamente.

Eu notei a troca de olhares que os dois tiveram. O cara de nerd que havia entrado estava olhando para Zé como se perguntasse o que ele estava dizendo ou *Por que você está mais preocupado com o sangue do que com minha vida, seu maluco?*, mas a verdade era que Zé sabia como me manter na linha. Ele estava, de fato, poupando a vida daquele adolescente e, principalmente, a minha...

Isis acordou naquele instante.

— Bento...? — perguntou aparentemente tonta.

Quando percebi, disse para o moreno que ele teve sorte. E de fato teve. Guardei minha arma e ajudei Isis a se levantar, explicando que deveríamos esperar um pouco, já que o bar havia sido atacado.

— Como assim? Mas nós entramos à surdina — disse ela, absolutamente certa.

— Não foi por nossa causa, agradeça ao veado ali — apontei para o garoto, que depois descobri que realmente era gay!

— Ei... Eu conheço você — ela falou para ele, olhando-o estrábica após ter sacudido sua cabeça.

— Sou eu, Leafar! — disse ele, achando que o próprio nome invertido seria o apelidomais legal do mundo. — Nós cuidávamos daquele site dos vampiros, lembra?! — e eu, que observava a conversa sobre um de meus joelhos, finalmente levantei e os deixei para trás.

Eu tinha certeza de tê-la ouvido comentar algo sobre um site de vampiros. Mas eram daqueles que pareciam purpurina ao invés de, bem, vampiros.

— Tá aí o porquê de ela gostar daquelas merdas de música — reclamei comigo mesmo, sentando-me ao balcão.

— Lea! — gritou ela sorrindo, o abraçando, dando a ele quase tudo que eu tentei conseguir desde que havia a acolhido nobre e heroicamente com meu carro divino.

Pedi uma água para Zé, que encheu uma garrafa e me entregou direto da bica. Eu definitivamente precisava afogar minhas mágoas. E enquanto eu bebia, o efeito do álcool na minha cabeça ia diminuindo, mas não ao ponto de conseguir entender o que eles conversavam. Acho que eu nem estava tentando.

O que fez tudo parar naquele momento foi um uivo.

Sabe como é... Depois que o apocalipse nos pegou, dificilmente seria um cachorro. Zé estava apoiado no balcão, atento a qualquer ruído que vinha do lado de fora. A briga entre cinco homens perto da entrada havia parado, todos em suas posições: punhos erguidos, segurando as camisas uns dos outros. Nos fundos, perto das escadas, os que jogavam sinuca mantiveram seus tacos em mãos, tremendo da cabeça aos pés e o único barulho que prevaleceu, era a água da minha garrafa, que continuou sacudindo conforme meus goles.

Zé pulou o balcão delicadamente e provavelmente teria me assassinado com os olhos, se encaradas pudessem matar. Ele gesticulou para que todos se abajassem sem fazer barulho e caminhou até o interruptor que estava próximo à entrada. Depois de desligado, o silêncio foi absoluto.

Pelo menos por cinco segundos.

Abaixo do portão de ferro que estava a poucos centímetros do chão, a sombra do focinho do bicho ia de ponta a ponta, junto com o barulho de o seu farejar. Sorri já prevendo o que aconteceria.

Rosnando, a criatura começou a golpear a porta e Zé acendeu as luzes gritando para que todos pegassem suas armas. Naquela hora, a maioria sacou alguma coisa. De facas a metralhadoras que saíram debaixo das mesas. Aquele bicho... Lobisomem, não é? Não sei ainda o que são essas coisas, mas parecem lobisomens. Ele subiu o portão de aço e entrou com a porra dos seus dois metros e meio de altura, atacando o povo que estava perto da entrada.

Aqui uma parte engraçada! Enquanto uns babacas metidos a machões estavam tendo a carne rasgada por aquelas garras, Zé pulou o balcão ao meu lado e começou a me xingar de filho da puta para baixo, enquanto recarregava a escopeta, gritando para eu fazer alguma coisa! Tinha sangue voando e ainda assim eu gargalhei, pois ele havia sido hilário.

Mas acho que ele gritou alto demais, tão alto que superou todos os gritos e atraiu o bicho. Ele veio na nossa direção sobre as quatro patas, em alta velocidade. Só que para a nossa sorte, eu sou um ótimo atirador e me virei calmamente após me levantar, dando um único tiro no meio da testa do monstro, que deslizou pelo chão até parar nos meus pés.

O pessoal já estava metendo o pé para sair dali e Zé amaldiçoava até meus ancestrais enquanto eu acendia outro cigarro.

— Seu bêbado de merda! — gritou Ísis, levantando-se de trás do balcão junto ao veado. — Quase matou a gente!

— Eu só tô um pouco alto — segurei meu cigarro entre os dedos indicador e médio —, diferente de você que ficou fodida com duas doses.

— Você vai deixá-lo falar assim comigo?! — perguntou ela para Zé, como se ele tivesse o dever de protegê-la. Ela estava chapada demais.

— Te conheço? — perguntou ele saindo de perto do balcão. Talvez eu devesse ter feito o mesmo.

Ninguém havia morrido. Quer dizer, alguns já estavam destinados a se tornar lobisomens, mas eu não estaria ali para ver quando chegasse a hora. Todos sabiam disso. Mas antes que pudéssemos perceber, vários zumbis forçaram a entrada, sendo mantidos do lado de fora por pouco tempo devido ao portão amassado ter sido usado como escudo por alguns homens perto da entrada.

Não porque algum idiota atirou nele.

Zumbis. Com vampiros e lobisomens. Tudo na mesma região. Não é distribuído como ouvi falar da maior parte dos outros lugares pelo mundo. O Rio de Janeiro sempre vai estar em primeiro quando se trata de violência.

Bem-vindo ao fim do mundo.

Os homens que seguravam o portão começaram a pedir ajuda. Só deu tempo de puxar minha arma da cintura, sem ao menos tirá-la de debaixo do blazer. Cerca de quinze zumbis invadiram o local. E como você deve saber, eles não eram nem um pouco lentos. Você sabe, esses putos têm músculos fortes o

suficiente para que corram, pulem e peguem objetos com quase a mesma precisão de um de nós. Eu me convenci disso quando presenciei um pivete zumbi roubando um braço de um mendigo zumbi na Lapa.

Enquanto parte do bar lutava contra os invasores, ao mesmo tempo em que alguns eram mordidos, corri em direção à saída. Ísis e Leafar vinham logo atrás sem meu consentimento.

— Agora sim tá começando a valer à pena, não acha?! — perguntei para ela, que apesar de não ter respondido só podia ter concordado comigo. Matar zumbis é o que veio de mais legal com o fim do mundo.

— Eu vou com vocês! — disse o careca para mim, sem que Ísis ouvisse.

— O quê?! Claro que não, eu ainda pretendo tirar o atraso hoje! — gritei, e nesse momento, dei um belo tiro na cabeça de um zumbi que se aproximou. Ele usava terno, julguei que fosse advogado então dei outro quando ele caiu no chão.

Para garantir.

— Eu vou com vocês, tá legal?! — perguntou para Ísis em voz alta, provavelmente para eu ouvir.

— Não sei se ele vai deixar, Lea — respondeu ela, parecendo preocupada. Claramente, ela estava a fim também. Eu sou demais.

— Mas eu pensei que você...

— Você é meu amigo... Mas apesar de ele ser um grosso, ele deve ter um grosso, entende, e provavelmente eu não vou achar um homem tão delicioso tão cedo — disse ela.

O quê? Ela disse isso. Sério. Tá, então... Já entendi.

— Você é meu amigo... Mas apesar de ele ser um babaca, ele tá a fim e provavelmente eu não vou achar alguém pelo menos que pareça limpo tão cedo — disse ela, tentando mostrar que essa era realmente sua opinião, mas sabemos que era puro charme.

— Você só pode estar brincando! — disse ele quando se alterou. O garoto não entendia que mesmo nesses tempos, as pessoas ainda se preocupavam em comer o fruto proibido.

— Lea... Você sabe que eu ficaria com você se você não fosse gay — Eu disse, não disse?! — Quebra esse galho para mim, vai? A gente se vê por aí...

Mais zumbis entraram nessa hora e Zé, usando sua escopeta, abriu caminho. Saímos logo atrás do velho, com mais cinco caras atrás da gente. Foi estranho, porque não havia muitos. Normalmente zumbis chegam como uma nuvem de gafanhotos, não demorou muito tempo para que matássemos todos os infectados em geral que estavam por ali, inclusive os que haviam acabado de se transformar.

Matar é a palavra correta? Quer dizer, eles já estão mortos.

— Até que acabou rápido — me joguei de bunda no chão enquanto me esticava.

— Acho que matei dois idiotas por acidente, quem manda insistir nessa porra de maquiagem gótica hoje em dia — Zé havia dito algo desse tipo. — Limpar isso tudo depois vai dar um trabalho do cacete.

É claro que foi uma piada. Ele não mataria nem uma mosca. Talvez ele pudesse matar algumas criaturas do inferno, mas nem uma mosca nem um ser humano. Nós tínhamos esse costume de fazer piadas

depois dos momentos difíceis, desde antes do apocalipse.

Mas as risadas duraram pouco.

Sabe esses homens que vieram logo atrás? Um deles havia sido mordido. E quando ele se pronunciou, o clima ficou pesado.

— Então... É melhor você ir embora, né? — perguntou Isis diretamente para ele.

Mas esse cara era do mesmo grupo do gordo que havia me apontado a faca quando entramos no bar, que, aliás, estava ali pingando de suor quase como um pano de chão encharcado. Eu não resisti e descontei no mordido.

— Veja pelo lado bom, você já vai morrer mesmo! — provoquei, segurando a gargalhada sem muito sucesso. — Deve ter algum corpo de mulher lá dentro que foi devorado. Deve estar faltando alguns pedaços, mas acho que você ainda consegue comer as sobras antes de virar sobras.

— Seu filho da puta. Eu faço questão de te transformar em sobras primeiro — ele sacou um revólver.

— Acho que não. — respondi quando o encarei ainda sentado.

Então vamos ver se foi a última coisa que ele conseguiu dizer antes de soltar a arma e cair de joelhos. Isis cochichava com a aberração amiga, tentando decifrar o que aquilo poderia significar, mas quase todos já sabiam.

Zé e eu tínhamos certeza.

— O que está acontecendo, crianças — depois que peguei a arma no chão ao me levantar, caminhei lentamente em volta do amaldiçoado —, é que a mordida dessas criaturas não leva muito tempo para deixar a área mordida totalmente dormente.

Ele estava chocado enquanto ouvia. Talvez porque eu estava sorrindo enquanto explicava.

— Daí suas pernas são atingidas, e por último, seu corpo cai no chão. A saliva corre diretamente para o cérebro pela corrente sanguínea. Uma vez atingido, você é um deles — fiz uma pausa, que durou dois segundos. — Ora, qual é! Vocês nunca viram ninguém se transformando sem estar sendo devorado vivo nesses cinco meses?! — sorri inconformado! O que eles fizeram nesse tempo todo?

Lágrimas escorreram no rosto daquele quero-ser-hardcore que forçava para não chorar.

— Mas não se preocupe, há um jeito de você não se tornar um deles — comentei.

Ele olhou para mim com as sobrancelhas franzidas e um olhar melancólico, que ainda possuía um pingo de esperança, sem ter notado sua pele pálida já deteriorando em alguns pontos.

Quando seus olhos clarearam anunciando sua morte, eu disse:

— Acelerando o procedimento — e atirei em sua cabeça. Uma bala entrou e saiu pelo outro lado como um esguicho de sangue.

O grupo que estava com ele não pareceu nada feliz.

Eram de etnias bem variadas, um careca branquelo forte com cara de skinhead, um negão mais forte ainda, o gordo imenso de cabelinho liso e um magricela de cabelo comprido, típico headbanger cheio de

acessórios que diz não ser metaleiro porque não trabalha com metal.

Eles partiram para cima de mim ao mesmo tempo, mas pude pará-los antes que algo acontecesse.

— Opa! — apontei o revólver na direção dos quatro. — Não vamos criar um problema aqui. Seu amigo estava infectado e tudo o que fiz foi salvar vocês antes que fossem consumidos por... — eu escolhi as palavras na minha cabeça — seus pútridos sentimentalismos.

— Seu covarde filho da puta! Armado é fácil, quero ver resolver na mão — gritou o negão da ponta esquerda.

— Como eu pude! Eu esqueci que uma luta de quatro contra um é muito justo. É uma pena que eu não ligo para justiça, então... Azar o de vocês. Agora, só por causa dessa má criação, é melhor o quarteto afetado dar o fora daqui, antes que eu atire em cada um de vocês, infectados ou não.

Eles se encararam por alguns segundos enquanto Zé e os outros dois permaneciam atrás de mim, quietos e atentos. Demos sorte por nenhuma criatura ter aparecido para nos atacar enquanto dávamos bobeira do lado de fora. Após trocarem muitos olhares que deviam significar muitas coisas ruins, eles retiraram-se dali, subindo em suas motos.

Sim, motos.

Dá para acreditar? Não sei como ainda estavam vivos.

— A estupidez humana não tem limites — guardei a arma na cintura. — Engraçado que eu nem sei se acontece mesmo isso tudo que eu falei da saliva e tal.

— Você foi radical demais — comentou o veadinho, o que me irritou. Na verdade, ele já estava me irritando desde que vi que ele poderia acabar com minha noite.

— Alguém aqui pediu a opinião dele? Não? — perguntei para os presentes.

— Você só tem essa marra toda porque anda armado, como os caras disseram... Você é só um covarde.

— Que observação curiosa — eu comentei ao me aproximar dele —, não era eu que corria como um cachorrinho assustado de dois vampiros que não deram nem para o cheiro. Não fui eu também que implorei pela minha vida quando apontaram uma arma para a minha cabeça.

— Tá, deixa isso para lá e vamos para o seu carro... Ele não falou por mal, você sabe. Foca no que interessa agora. Essa adrenalina toda me deixou tão a fim... — disse Ísis, tentando amenizar a situação.

Acho que Zé recomendou que ela fizesse isso, eu o vi cochichando algo no ouvido dela. E de fato, era a única coisa que podia me parar ali.

— É... Assim que se fala... Vamos — falei indo em direção ao meu carro.

Mas o careca queria mais.

— Covarde — disse ele quando me virei de costas.

Eu parei de andar, respirei fundo. Ísis tentou me puxar com um charminho e um pouco de força, mas eu me soltei e voltei até Leafar para olhá-lo no olho.

— Eu não ouvi, você pode repetir, por favor? — pus minha mão perto do ouvido que aproximei de

seu rosto.

— Covarde.

Ele não devia ter repetido aquilo. Eu o cabeceei no rosto, fazendo-o cair no chão com o nariz sangrando.

— E agora? — perguntei calmamente. — Minhas armas estão guardadas na cintura, eu sou covarde pelo que nesse momento? — parei olhando para o céu, tentando buscar alguma resposta para aquela questão extremamente complicada. — Por não te matar? Se o problema for esse eu mato dois coelhos com uma porrada só, te matando com minhas mãos, aqui e agora, o que você acha? — o levantei pela gola da blusa. Eu estava prestes a explodir, apesar do meu sorriso.

Mas ele continuou.

— Você tem medo de aceitar a realidade. Por isso você é tão agressivo e covarde. Covarde — disse ele, olhando nos meus olhos.

Eu desviei o olhar.

Aquele filho da puta havia me confundido. Não soube como responder, falei o primeiro argumento que me veio à cabeça.

— Pelo menos — calei-me por poucos segundos, tempo de engolir seco —, tenho bolas para dizer meu nome verdadeiro. Bento Batista. A porra do prazer é todo meu — e então, eu o soltei.

Não só o soltei como disse que ele e Zé podiam vir comigo. Se eles quisessem, é claro. Eu não estava mais no clima. Não tive uma epifania nem nada do tipo, antes que pergunte. Só que minha raiva havia simplesmente desaparecido com o comentário dele. O que é estranho, pois deveria ter triplicado e feito com que eu comesse suas entranhas enquanto usava seu sangue para ajudar a engolir.

Talvez dividindo amigavelmente com os pobres zumbis famintos e vampiros sedentos.

Dando os restos aos cachorros bípedes de dois metros, quem se importa?

— Eu vou com você porque preciso achar um carro novo — disse Zé, caminhando junto a nós —, mas eu devo voltar logo para cá assim que conseguir um. Venha me visitar depois que resolver suas coisas, Bento. Nós precisamos conversar.

— Entendido.

E depois, ele pareceu um pouco tímido, não sabendo se era a hora certa para pedir um favor.

Mas pediu de qualquer forma.

— Pode me ajudar a colocar o portão de volta, Bento?

Ele realmente pretendia.

Era inacreditável como nós vivíamos onde sempre havíamos vivido mesmo com aquele mundo novo fodido. Nos filmes, quando acontece algo do tipo as pessoas se reúnem, saem em uma aventura arrumando amigos novos para ajudarem uns aos outros.

Mas nós... Nós só queríamos viver nossas vidas.

Beber cerveja, jogar sinuca, ouvir música, transar e consertar o portão de casa quando ele

quebrasse. Quando eu me toquei de que tudo que ele queria eram as coisas simples, ajudei-o a consertar o portão, pois o velho sempre esteve lá por mim.

Leafar e Ísis esperaram no carro.

No centro, de frente para a Avenida Rio Branco, havia passado um tempinho desde que saímos da Lapa.

— Viram? Vocês têm vários para escolher aqui, não me decepcionem — aponte, mostrando a grande variedade de carros abandonados já com a chave dentro que existia por lá.

O Rio de Janeiro inteiro, na verdade, tinha carros abandonados pelas ruas, mas era no centro da cidade que os melhores estavam, apesar de não serem muitos por tudo isso ter começado de madrugada quando os carros dos patrões, que eu mais desejava, estavam nas garagens.

Podíamos ouvir zumbis gemendo não muito longe dali.

— Então nos vemos depois, Bento — disse Zé, saindo do carro com a escopeta em mãos.

— Espera... Você só veio mesmo para isso? — perguntei por que, porra, ele havia ido até lá para apenas voltar depois?

— Eu precisava de um carro, você sabe que só tem lixo por lá — disse ele sorrindo, após acender um cigarro.

Aí eu o entendi completamente. Eu iria até São Paulo se precisasse de um carro novo do meu gosto.

Ísis aproveitou que tudo estava calmo e saiu um pouco, para fumar também. O careca ia sair do carro e eu ainda estava engasgado com a nossa discussão anterior. Eu disse para ele esperar.

— O quê?

— Me diz — eu falei, olhando em seus olhos através do retrovisor central —, como é isso tudo para você?

— Como assim?

— Só responde. Eu quero saber o que você acha disso tudo, da nossa realidade, como você lida com isso — o interrompi rapidamente, me esquecendo de perguntar como ele havia sobrevivido até agora também.

— Que idiotice. É a mesma para todos nós — falou após alguns segundos de silêncio. — Não há diferença, é a mesma merda para todo mundo.

Adolescentes. Acham que sabem de tudo quando não sabem nada. Fechei meus olhos e sorri, tentando reunir paciência.

— Certo... Boa sorte.

— Mas por que você perguntou isso? — indagou ele.

— Para eu ver o que é necessário para conseguir julgar alguém em cinco minutos — sorri para ele.

— Se olha no espelho antes de tentar analisar alguém, idiota.

— Oh, não fique irritadinho, eu percebi o quanto você está perdido no meio desse caos apocalíptico. Não precisa tentar chamar atenção.

— Você tem capacidade para perceber alguma coisa além do seu próprio ego?

— Não tinha até uma hora atrás, mas já comecei a desenvolver essa capacidade quando vi um garoto burro, de mais ou menos 16 anos, que dependia demais dos outros.

— Como assim dependia dos outros?

— Você recomendou que eu olhasse para mim antes de tentar ver alguém, se você tem essa capacidade, descubra sozinho — e assim, me virei para frente, com uma sensação que não sentia há muito tempo, como quando você finalmente consegue aplicar um *Fatality* pela primeira vez jogando *Mortal Kombat* na época em que o jogo não nos ensinava movimento algum e era apenas para as verdadeiras crianças espartanas, como eu era.

— Babaca, criança — sussurrou ele, ao sair do carro, batendo com a porta logo depois. — Você vai ficar, Ísis?

— Sim... A gente se vê depois, o Rio anda bem pequeno ultimamente — ela sorriu para ele, cobra.

O álcool tirou toda a noção de realidade dela, ambos não tinham casas e dificilmente se encontrariam sem poder combinar um dia, lugar e horário.

— Isso se nós nos encontrarmos novamente... Zé...? — o careca havia chamado o velho, que já devia estar a meio quilômetro dali.

— Bom, até outro dia — disse ela, quando finalmente se despediu dele, entrando no carro em seguida e fechando a porta.

Manobrei o veículo e retornei pelo caminho que havia pegado para chegar lá. Pude ver Leafar entrando num Celta e se trancando, talvez fosse assim que ele passava suas noites já que não sabia dirigir. Isso me manteve pensativo. Aquele garoto estava boiando na realidade, totalmente perdido. E eu estava me afogando nela. Era tudo que se passava na minha cabeça.

— Tudo bem? — perguntou Ísis, pondo o cinto de segurança naquele corpinho lindo ao mesmo tempo em que me tirou do transe.

— Sim, estou ótimo — respondi, também pondo o meu.

— Você parecia distraído... Presta atenção na estrada.

Leafar parece não ter enxergado que, na verdade, era Ísis que só olhava para o próprio umbigo. Eu desconfiava desde o bar, mas quis ter certeza. Após dirigir um pouco por dentro das ruas de trás da Avenida Presidente Vargas, eu entrei em ação.

— Vou arrumar um lugar para estacionar e nós irmos dormir — comentei, fingindo um sono pesadíssimo, sem tirar os olhos da estrada e a mão do volante.

— Dormir? E aquele tesão todo? Eu dispensei o Lea para nós ficarmos sozinhos, aproveita enquanto eu estou bêbada, porra! — ela estava se alterando. Bem pouco, mas era notável.

— Foi mal, garota... Perdi a vontade. Não é você, antes que comece a ter suas paranoias e mudar totalmente de humor como foi lá no bar.

Sabe quando numa discussão com sua mulher você, por acaso, acaba chamando-a de gorda devido

ao nosso mecanismo de defesa automático contra as ofensas ao nosso pau e ela de repente começa com as bizarrices como...

Bom, começa esbugalhando os olhos, levantando as sobrancelhas, respirando fundo com a boca aberta e deixando seu rosto passar por uma metamorfose, em que as sobrancelhas franzem, os olhos ficam nos cantos te encarando conforme a cara vira, ao mesmo tempo em que ela trinca os dentes fazendo biquinho e soltando o ar bem devagar. Uma expressão de “Eu não acredito no que ouvi.” Seguida pela “Você vai pagar caro por isso.”... Então. Isso também acontece quando você chama uma mulher de louca e não é necessário que você use a palavra certa para isso.

Basta relacioná-la ao assunto, mesmo que indiretamente.

— Paranoias?! Quer saber, eu sou louca mesmo. — entendeu agora? — Você não passa de um pedaço de merda que eu pretendia usar por não ter nada melhor por perto — e assim, ela se alterou totalmente —, eu sou é boa demais para você, não sei onde eu estava com a cabeça.

Bem... Ela havia pedido.

— Qual é, você não é tão boa — deixei claro. E ela voltou a fazer a cara “Eu não acredito no que ouvi” — e eu só fiz isso porque quis tirar a prova de que você não vale nada. Eu já sou um filho da puta por natureza, mas você também?! — me fiz de surpreso, sorrindo para a estrada.

Foi aí que ela tirou aquele maldito facão da cintura e apontou para meu pescoço, o que me fez levar a cabeça um pouco perto do vidro.

— Oh, você também é assassina?

— Para essa merda agora! Eu não vou ficar com um imbecil que acha que eu sou uma vagabunda qualquer! — gritou, soluçando em seguida, jogando aquele hálito delicioso de vodca com suco gástrico diretamente no meu rosto.

— Não quis dizer vagabunda — não que ela não fosse —, mas você abandonou seu amigo em troca de sexo. Seu amigo que tá totalmente perdido. E quando que tentei te embriagar, afinal?! — transpareci lembrar algo. — Pelo que me recordo você mesma se embriagou... com duas doses — olhei para ela com cara de inocente.

— Mentira — ela começou a bater perninha e gritar mais — você tentou me embriagar, seu merda! Filho da puta! Eu vou te matar! — confesso que eu estava começando a ficar apreensivo.

Não por ela ter atraído com seus gritos vários zumbis que apareceram do nada perseguindo o carro, mas porque conforme o carro balançava, o braço dela ia para baixo e mantinha a faca para lá e para cá perto do meu pau.

— Tá... A brincadeira foi legal, agora tira isso daqui para eu poder manobrar direito...

Fui aumentando a velocidade, atropelando alguns que apareciam na frente.

— Lá vem uma curva. Tira isso daqui senão posso acabar errando a mão e vamos capotar tendo uma morte horrível — comentei como se pedisse para alguém pegar um cigarro para mim enquanto eu dirigia.

Depois que ela tirou, manobrei entrando em uma rua estreita que eu até hoje não me recordo de ter visto antes dessa maluquice toda.

— Você vai matar a gente! Seu filho da puta! Aqui nós só podemos seguir em linha reta — E assim, tudo ficou divertido de novo.

— Essa é a ideia! — comentei, me referindo a seguir reto e não matar a gente. — Nada mais legal do que ver tripas voando a mais de cem por hora! — gargalhei ao notar o desespero dela.

Nessa hora, os zumbis que vinham atrás correram tentando nos alcançar. Alguns que vinham de frente eram atropelados e outros que vinham pelas laterais pularam, se agarrando nas portas do carro. Alguns, que não faço ideia como fizeram isso, conseguiram subir no teto mesmo com o carro em movimento. Tinham três ao meu lado, dois ao lado dela e mais três na parte de cima. Ah! Um estava sendo arrastado devido à calça ter ficado presa no para-choque traseiro, ele foi deixando um rastro conforme avançávamos. Esses putos socavam meu carro como gorilas raivosos famintos, mas eu nem liguei para eles, Ísis estava me divertindo.

— Freia! Eles vão entrar aqui! — ela estava simplesmente desesperada com as pancadas no vidro!

— Se eu frear, esses saem e os outros mil pulam na gente. A rua ta acabando, aguente aí sem reclamar, mulher — gargalhei conforme pedaços do vidro das janelas iam trincando pouco a pouco.

E como nos filmes de comédia, tudo ficou em câmera lenta. Claro que na hora foi rápido, mas eu vi tudo em câmera lenta. E sem áudio. Ísis forçava as pernas contra o porta-luvas fincando as unhas das mãos nas partes laterais inferiores do banco enquanto gritava de olhos esbugalhados e eu... Bem... Eu estava gargalhando como um psicopata, também de olhos arregalados, e quase atravessava o chão do carro tamanha força com que pisava no acelerador. Lembra do Pateta dirigindo estressado naquele episódio clássico? Então. Fim da câmera lenta.

Nós tínhamos saído da rua e saímos na Praça da Bandeira. Eu freei de forma que o carro girasse sua traseira em 180 graus e com isso, zumbis aprenderam a voar.

— Rápido! Vamos sair daqui pelo amor de Deus! — gritou ela, desesperada apontando para os vários zumbis que vinham em nossa direção.

Manobrei rapidamente, atrolei mais alguns e finalmente havíamos saído dali, deixando uma obra de arte para trás. Vários corpos no chão, enquanto outros caminhavam, muito sangue por todo o lugar e o toque especial. Um dos zumbis que voaram foi em direção ao mastro que erguia aquela bandeira gigante do Brasil. É, aquele que está caído e pendurado numa árvore. O bicho foi atravessado bem no meio do peito e ficou lá pendurado. O sangue deu um efeito legal na bandeira, já que ela estava pichada com o símbolo da anarquia.

Irônico, não?

Paramos na Praça Alagoas, na calçada de um posto de gasolina que dividia a pista. Isis parecia menos bêbada e mais abatida por ter voltado à realidade.

— Eu não aguento mais isso — disse ela, em voz trêmula.

E segurava o choro também. Fiquei em silêncio esperando que ela terminasse, mas veio com a maldita pergunta.

— Me abraça...? — fungou. — Minha mãe e meu pai morreram, eu não sei mais o que fazer... Eu só quero um pouco de paz — e aí, abriu o berreiro que logo se tornou mudo tamanha força que veio.

Como eu poderia negar? Uma gostosa de mais ou menos vinte anos, carente daquele jeito, e eu pensando em fazer joguinhos? Óbvio que ela venceu. Soltamos os cintos de segurança e eu a abracei calorosamente. Carinhosamente. Quase amorosamente.

— Sai do carro — disse ela com a voz firme de novo.

— Por que eu faria i...? — e me calei ao sentir uma espetada de faca nas costas. — Você é mesmo uma vagabunda.

Sáimos devagar pelo meu lado. Ela se manteve agarrada em mim o tempo inteiro, sempre com a faca tocando minhas costas com certa pressão, para que eu não esquecesse quem mandava.

— Agora — sussurrou ela no meu ouvido, que me causou arrepios. Talvez pelo clima de tensão e toda aquela excitação —, me diz onde você guarda sua doze. Eu sei que você tem uma além dessa pistolinha idiota aí, você elogia demais essa arma.

Suspirei. Por ela ter percebido isso e principalmente por eu ser um idiota.

— Embaixo dos bancos redobráveis traseiros... Perto da mala. — expliquei em desânimo. — Você é a terceira vagabunda que me rouba em menos de um ano — duas foram antes da maldição, a advogada do meu chefe e a corretora que me vendeu a casa.

— E Bento — falou ela, sensualmente — eu não sou vagabunda. — e assim, riscou aquela faca da minha cintura até meu ombro, o que me fez contorcer um pouco enquanto ela recuava.

Quando vi, ela estava prestes a entrar no meu santuário. Eu rapidamente a puxei de volta e isso definitivamente foi a coisa mais errada que já fiz na vida. O quê? Eu já disse que algo foi a coisa mais errada que já fiz na vida? Certo, vou deixar bem claro então.

O que fiz de mais errado na vida: olhar para uma prima gostosa que eu tinha, imaginando várias perversões durante o culto da igreja. Isso quando tínhamos treze anos e eu ainda era obrigado a ir para a igreja. Às vezes, ela olhava para mim com nojo, como se soubesse o que eu estava pensando. Aí eu tentava me comunicar mentalmente, só para ter certeza se ela podia ler meus pensamentos e como a garota continuava com a mesma cara só que olhando para frente, eu julgava que era coisa da minha cabeça ou então que ela me ignorava até psiquicamente.

Aí eu voltava a pensar nas perversões até que finalmente nos pegamos no confessional.

Enfim, ao puxar Ísis de volta, ela se virou me dando uma facada. No ombro. Tem noção do quanto isso dói? Lógico que eu tive uma reação no mesmo instante.

— *Caraúta!* — exclamei quando bati com as costas da mão esquerda em seu rosto, fazendo-a ir de cara com a porta aberta enquanto eu dava uns passos para trás, enfiando os dedos na minha cara. *Caraúta* foi o que saiu quando tentei expressar minha dor gritando *caralho* ao mesmo tempo em que expressei

minha fúria chamando-a de *puta*.

Enquanto ela se levantava, eu me aproximei tirando aquela merda do meu ombro e a jogando para longe. Eu vi sangue para tudo que era lado, estava uma lambança só e eu sabia que precisávamos sair dali. Então eu a peguei no colo antes que se levantasse totalmente e a joguei dentro do carro com certa raiva. Mas não se preocupe, eu nunca gostei de machucar mulheres. Só quando elas pediam na cama.

— O que você tá fazendo?! — gritou ela, após bater forte com a cabeça na porta do outro lado.

— Salvando sua pele. Por mais que eu seja um filho da puta e goste disso — sorri abrindo os braços, para ela ver o quanto eu realmente gostava disso —, esse pingo de bondade que ainda resta em mim fala mais alto às vezes, então sossega — aponte o dedo na sua cara.

Mas isso não adiantou muito.

Ela me chutou no rosto assim que subi no carro, mas antes de cair eu agarrei a perna dela e a puxei comigo. Ela caiu sentada no meu colo e eu caí deitado de costas no chão, mas puxando-a pela nuca com minha mão esquerda enquanto a direita ainda segurava sua perna. Fechei a porta do carro com minha perna esquerda antes que tocássemos no chão, porque de vez em quando preciso libertar minhas habilidades ninjas para que não transbordem.

Ela me deu um soco no rosto enquanto eu aproveitava a situação, partindo da nuca para o pescoço dela. No momento em que o agarrei, a virei de costas para o chão e descobri que ela também levava jeito para jiu-jitsu. Rolamos até o meio da rua e no final, cumpri pelo menos uma das promessas que havia feito a mim mesmo no começo daquela noite: deitar entre as pernas dela. E, além disso, eu ainda estava segurando um de seus braços no chão.

— Você já me convenceu, eu transo com você sua safada! Agora para de agir como uma mal-comida, eu ainda nem comecei — falei, sorrindo para ela enquanto me defendia com meu braço livre dos socos que vinham do braço livre dela.

— Puta-que-pariu! Você só fala merda! — gritou, socando minha cabeça após tê-la prendido numa chave em seu braço. Ela havia me puxado pelo meu cabelo arrepiado e arrancou alguns fios.

— Você nem me viu na cama ainda, querida! — provoquei, enquanto apanhava.

Até que meu medo se concretizou. Medo não... Pensamento é mais certo. Eu já imaginava que isso iria acontecer.

Ouvimos muitos chiados, o que nos fez parar de brigar. Eu disse preso ao sovaco dela para ela me largar e irmos para o carro.

— Eu ainda não acabei com você — disse a piranha esnobe, crente que estava me machucando.

Facadas e socos não são nada.

— Eu já disse que deixo isso acontecer, mas precisamos de privacidade, né? — perguntei calmamente, ao apontar para o céu.

— Vampiros! — ela gritou quando se virou, me soltando.

Levantamos rápido, mas antes de chegarmos ao carro alguns putos se transformaram em sua forma

humana ainda no ar, caindo de pé em nossa frente. Bem na frente do carro. Eram quatro ali e mais quatro espalhados atrás. Tínhamos um bom espaço para tentar correr, mas quando eu pensei em dar a ideia, ela mostrou-se humana.

— Eu não vou morrer aqui com você! — gritou, me empurrando na direção dos que estavam espalhados atrás de nós.

E conforme eles dispersaram, ela correu na direção que estava livre. O que atraiu a atenção dos outros quatro que estavam a nossa frente. Eu desviei do primeiro que veio de boca aberta em minha direção e soquei a lateral do seu queixo, deslocando seu maxilar. Ele gritou, recuando, o que fez os outros três gritarem chamando a atenção de outros três morcegos que sobrevoavam.

— Que conveniente — olhei ao redor e peguei uma vassoura suja velha que encontrei no chão. Provavelmente pertencia ao posto de gasolina.

Os três morcegos desceram radicalmente, como eu desceria se eu fosse um morcego vampiro, só que se transformaram em três lindas vampirinhas. Pareciam góticas, só que eram magras e com menos pose dramática. Eu admito que os seis lindos peitos pálidos que estavam a minha frente me distraíram por um milésimo de segundo e quase fizeram com que eu fosse mordido pelo da mandíbula quebrada.

Eu me esquivei novamente e quebrei o cabo de vassoura na sua cara, resultando numa clássica e prática estaca de madeira afiada que, logicamente, foi parar dentro do peito desse maluco de cara amassada. Aí aconteceu aquele negócio legal que todos esperavam que fosse acontecer caso os vampiros aparecessem um dia e por acaso fossem mortos por nós. Ele pegou fogo até os ossos e eu juro que vi as partes queimadas que voavam em formas de morcegos minúsculos. Mas só eu vejo isso mesmo.

— Ai, ai — suspirei, enquanto os seis bichinhos berravam para mim olhando para a estaca que eu havia retirado do peito do irmão deles. Ou amigo. Ou companheiro gay, vampiros sempre foram meio gays —, acalmem-se meninas, eu vou deixar todas vocês chuparem meu pau — as encarei me divertindo com a situação.

Um dos machos avançou em mim e levou uma estacada no meio do peito para aprender a ficar esperto e não atacar de braços abertos.

— Desculpe amigo, seu negócio é com o Leafar!

Deixe-me dizer algo... Eu estava fazendo piadas para tentar ignorar minha dor no ombro. Estava sangrando horrores. Mas eu sou idiota mesmo sem dor alguma. Apenas para deixar bem claro.

E acho que foi o que fez uma das fêmeas finalmente avançar em mim assim que seu companheiro entrou em chamas. Ela era tão bonita... Fiquei com pena de matar, esquivei-me durante alguns segundos observando o corpo da beldade, que desculpe a sinceridade, mas humilhava muita mulher gostosa que eu conhecia. Será que seria considerado necrofilia? Zoofilia, porque ela era um morcego também? Ela tentou me morder e bem... Caiu de boca no cabo.

— Eu não esperava que vocês fossem querer chupar mesmo — e essa foi tão ruim que fez minha dor piorar, eu admito.

A cada grito que um vampiro dava ao ser morto, cerca de cinco morcegos chegavam. Já fez as contas para ter noção? Eu ainda estava com a estaca na mão, que era uma vassoura na outra ponta.

— Certo, tem homem demais aqui para pouca mulher, então...

Corri para o Santa Fé que estava já com o caminho livre, mas ao tentar abrir a porta, me deparei com ela trancada e as chaves lá dentro dando tchau para mim com um singelo sorriso.

Gargalhei pela ironia e subi no teto do carro. Não porque estava cercado de capetas que queriam sugar até minha última molécula de sangue, mas porque aquela idiota havia me feito fechar a porta já trancada com as chaves dentro e isso me deixou puto, ao mesmo tempo em que eu achava graça da situação. Foi culpa dela, você acompanhou a história. Eles cercaram o carro e, graças a minha genialidade, não o tocavam devido às cruzes pintadas na lataria. Algumas *morcegas* davam rasantes tentando me atingir, mas eu as acertava com a vassoura. Sociedade Protetora dos Animais? Maria da Penha? Eu estava pensando no que seria, de verdade.

— Que porra é essa? — perguntei a mim mesmo, quando ouvi um barulho de motor.

Nenhuma das aberrações notou o que eu havia percebido, estavam concentradas demais na facada que levei. De longe, dois faróis fortíssimos vinham em alta velocidade enquanto eu ainda lutava bravamente. Ao se aproximarem, atropelaram os vampiros que estavam de pé em volta do Santa Fé, em sequência. Claro que quando se aproximaram não eram apenas dois faróis e sim uma van. Era branca, com duas faixas laterais de cores diferentes, escritas cada uma com o nome de um bairro distinto e, depois do ocorrido, ganhou umas manchas vermelhas radicais pela lataria suja.

Desci rapidamente, ainda com o cabo em mãos, e corri na direção do meu tanque de guerra sagrado e salvador, que havia parado alguns metros à frente. Mas quando fiquei a um metro de distância da porta lateral que corre, uma mulher com máscara cirúrgica a abriu já com um rifle na mão e apontou na minha direção.

Uma mulher.

— Eu sou humano! Não atira!

E ela atirou. O tiro passou do lado da minha orelha na verdade e atingiu um puto que ia me morder sem eu nem ter percebido.

— E isso é um motivo para eu não atirar em você? — perguntou ela, ao me puxar para dentro e fechar a porta em seguida.

Uma pergunta inteligentíssima, aliás.

Comentei que ainda tinha alguém lá fora enquanto ela dirigia freneticamente. Mas ela disse de forma grosseira que não passou por ninguém vivo quando me sentei ao seu lado no carona. Ela parou o carro depois de alguns minutos, em um lugar calmo. Ficamos em silêncio por uns segundos enquanto ela mexia em algumas coisas no porta-luvas, aí ela resolveu quebrar o silêncio.

— Vi um grupo de zumbis de joelhos antes de te achar, estavam em volta de um corpo que ainda dava sinal de espasmos...

Foi um pouco chato ouvir, mas falei para ela deixar isso para lá... Afinal, eu havia conhecido a Ísis naquele dia mesmo. Mas no fim ela estava certa. Não morreu lá comigo. Foi longe de mim e sozinha.

— Ela me deixou para morrer... Então nem ligo.

— Só deixou? Incrível como ela não te matou — disse ela.

— Ela até tentou.

— É melhor você não se mexer, senão eu posso acabar matando você agora — disse ela ao se virar, testando uma seringa.

Sabe o que eu pensei quando ela se virou nesse momento? Tudo que eu não devia pensar quando uma desconhecida te tranca numa van com uma seringa na mão. Mas não acho que eu estava errado, eu estava na seca e ela tinha a pele bem branca, cabelos pretos lisos que iam quase até a cintura, um belo par de olhos azuis e peitos. Peitos grandes. Pernas grossas... Uma bunda bem grande e firme... Aquela cintura em formato de violão, naquela blusa de couro branco colado que ela usava e... Certo. Voltando à história.

Ela era uma gostosona que apareceu do nada querendo dar uma de enfermeira para cima de mim, com uma agulha de qualidade questionável e um líquido que eu não fazia ideia do que era.

É claro que eu a obedeci.

— Deite-se — disse ela, apontando com o rosto para a sequência de bancos em que eu estava sentado.

— Quer deitar comigo? — convidei, tirando meu blazer.

— Não deitaria com você nem que nossa espécie dependesse disso. Ah é. Nós já chegamos a esse ponto — disse ela, se aproximando enquanto ajustava a máscara. — O que é isso no seu braço? *Game-over*? — perguntou, referindo-se a escritura que pegava do meu cotovelo até meu pulso no braço esquerdo.

— É uma scar, sabe? Feita com corte ao invés da máquina de tinta?

— Que mau gosto. Por que game-over?

— Porque eu sou a favor de não ficarmos com joguinhos e irmos direto ao ponto.

— Certo, então minha resposta é não para qualquer sugestão sua e sim para você deitar e eu cuidar do seu ferimento.

E bom... Nesse momento, além de ela ter me conquistado ainda mais com sua firmeza, eu percebi o rosto dela por um segundo, quando ela mexeu na máscara novamente.

— Espera... Eu conheço você...? — a olhei dos pés a cabeça várias vezes. Com longas pausas entre o pescoço e os joelhos.

— Só se você já foi para a emergência do Fundão há uns dois anos. Mas você tem cara de nerd que nunca saiu de casa para viver.

— Ui. Tá achando que é boladona, é?

— Melhor do que você. Pode ter certeza. Agora, vai me deixar cuidar desse seu ferimento ou vai

me secar até amanhecer?

— Posso te secar com uma toalha depois, se preferir — e nesse momento, eu não havia percebido, mas ela já tinha me feito esquecer que vi seu rosto.

— Desculpe, querido. Só ganha um doce depois da injeção.

E eu tenho que dizer. Esse comentário, dito naquela hora, foi o suficiente para me convencer de que eu tinha que receber aquela injeção. Quem liga para agulhas infectadas ou substâncias letais quando se é uma deusa aplicando isso em você?! Eu me joguei nos bancos, na mesma hora em que ela disse “injeção”. Notei que ela tinha um olhar cansado quando se virou para meu ombro ferido.

— Que agulha grande — eu olhei ao perceber que demorou um pouco para ela entrar e vi o tamanho do monstro. — Porra! Parece um canudo de Toddynho! — gritei.

E ela respondeu de forma oposta, com sua voz de veludo.

— É para garantir que você vai ter um bom soninho. Boa noite — foi tudo que consegui ouvir antes de desmaiar. E a última coisa que vi foi a boca dela que pela primeira vez havia aparecido.

Milésimos antes de desmaiar, eu tive certeza de que conhecia aqueles lábios. Infelizmente, não consegui montar a imagem de seu rosto por completa.

Eu estava concentrado demais nos seus peitos.

Acordei de manhã, ainda dentro da van que parecia uma sauna. O céu estava meio cinzento e meio avermelhado, talvez de tanto sangue que tenha evaporado, mas o sol ainda estava belo. O que significava que não tinha vampiros pelas ruas naquele momento.

— Mas o que...? — ainda sonolento, eu notei um curativo no meu ombro. Ela realmente havia cuidado de mim, me sentia novo.

Notei que ela não se encontrava na van e fui me certificar de onde estava, afinal, ela havia dirigido no dia anterior e eu não prestei atenção à estrada. Rua Mirabeau alguma coisa, ao lado do Viaduto dos Fuzileiros, era um pouco depois da praça onde estávamos e antes do centro da cidade. Tirei o suor do rosto após me lamentar de ter perdido minha Fé, suspirei e sorri aliviado ao ver as chaves ainda ali na van. Mas não ligou. Procurei por minha pistola para poder ir até o lado de fora, mas ela a havia levado.

Então, eu lembrei que não tinha medo de nada e fui até o lado de fora mesmo, desarmado.

— Ela roubou todo o diesel... Puta — desabafei, após tampar com força novamente o tanque de combustível.

Sentei-me ao banco do motorista e pensei no que poderia fazer. Zé havia voltado para casa, ainda era dia... O problema era os zumbis que eu encontraria pelo caminho, esses merdas correm, pulam, parece até que fizeram parkour no inferno. E eu, magro, porém com músculos definidamente gostosos, nunca levei jeito para lutas, desarmado contra mais de um já seria suicídio.

Eu não podia morrer sem voltar a ver aquela mulher, então analisei. Olhei em volta e percebi que, apesar de não ter carros ali embaixo onde eu estava que era no mato, com certeza teria no viaduto. Era possível ver alguns de longe, na direção da subida, então a melhor alternativa seria pular para o viaduto

e pegar o primeiro veículo que aparecesse. Saí do carro e, discretamente, olhei para o viaduto. Tinha carros como eu imaginava, e zumbis, como eu também imaginava. Mas que outra escolha existia, não é mesmo?

Apertei *Start* na minha mente e comecei a jogar.

— Dor de cabeça logo de manhã, ninguém merece — reclamei, ao arrancar o para-choque da van. Eu disse que a ressaca havia sido forte.

E após um suspiro de preparação, pulei a parte lateral mais baixa do viaduto e comecei a subir, com o para-choque apoiado no ombro.

Zumbis não são como vampiros que só sossegam quando lhes enfiam paus. Ou quando lhes queimam até sair faísca, se é que me entende. Para um zumbi, basta uma cabeça esmagada. Consegue notar a diferença de métodos? É por isso que zumbis pelo menos têm o meu respeito. Os lobisomens não fedem e nem cheiram para mim, antes que pergunte. Eles só existem para cagar em tudo mesmo.

Três zumbis que estavam mais acima haviam notado minha presença e correram na minha direção. Claro que eu também corri para o primeiro carro grande que estava a minha frente. Sim, eu passei por uns dois pequenos, não era brincadeira. Mas para o meu azar, um deles chegou primeiro.

— Filho da puta, eu vi primeiro! — gritei, acertando com o para-choque no rosto do que estava na frente, fazendo-o cair no chão.

Porém, esse zumbi havia se arrastado e veio morder minha perna enquanto os outros dois vinham correndo. Eu pulei antes que fosse mordido e, com os pés juntos, esmaguei sua cabeça no chão ao mesmo tempo em que acertei, também com o para-choque, o segundo que se aproximou, fazendo-o ir de cara contra o carro e cair no chão em seguida.

— Isso é tudo?! Não me decepcionem, porra! Eu sempre gostei mais de vocês! — gritei, sacudindo o para-choque com uma das mãos enquanto pressionava a cabeça do segundo zumbi no chão usando meu pé esquerdo. O para-choque já estava rachado, *by the way*.

O terceiro estava um metro à frente quando eu acertei a cabeça do segundo, finalmente quebrando o para-choque ao meio. Frágil, não? Enquanto o pedaço quebrado ainda rodopiava no ar, eu já havia fincado e rodado o pedaço quebrado cheio de pontas que estava na minha mão na cabeça do terceiro zumbi, que chegou de boca aberta. O som de sua queda foi emitido junto ao do pedaço de para-choque que havia voado longe. O problema foi que o barulho dessa luta, que durou menos de um minuto, atraiu a atenção de outros zumbis mais à frente, do outro lado do viaduto. Quando vi aquele pequeno arrastão vindo em minha direção, tentei abrir a porta do carro após ter conferido se não havia alguma criatura sem vida indesejável do lado de dentro.

Click. A porta se abriu.

Joguei-me para dentro do veículo e puxei a porta antes mesmo de encostar ao banco. Parti quatro dedos da mão de um deles que tentou segurar a porta, e antes destes dedos tocarem o carpete, eu já havia trancado as portas. Respirei fundo enquanto eles estapeavam as janelas.

— Cara... — gargalhei, me olhando no espelho. — Eu sou o cara — afinal, quantos lobos solitários em histórias de zumbis você vê por aí? Esses covardes só andam em grupinho.

Olhei perplexo para a parte diagonal inferior direita do volante, fez o meu sorriso se fechar imediatamente. A ignição estava com um pedaço de ferro fincado nela, devia fazer parte daquele pedaço de chave que estava logo ali no chão.

Foi engraçado, admito. Mesmo eu tendo dado ataquezinho de raiva naquela hora.

Peguei o pedaço de chave e forcei contra o ferro tentando girá-lo. Sem sucesso, obviamente.

— Merda — pensei ou falei, enquanto as criaturas já rachavam os vidros — Mas é claro, seu idiota — comentei ao notar que realmente ficou claro após aquela lâmpada aparecer flutuando por cima da minha cabeça.

Quebrei a parte debaixo do painel revelando um emaranhado de fios e puxei um dos vermelhos da esquerda riscando ao primeiro azul da direita. Ok, eu não lembro quais fios eu peguei, mas foram os certos, pode ter certeza. O infeliz havia ligado.

— Isso! — soltei o freio de mão, fazendo-o morrer em seguida.

Risquei de novo os fios, sem sucesso.

— Porra — eu olhei em volta após alguns cacos minúsculos terem caído da janela traseira —, vejamos...

Analisei rapidamente os carros disponíveis pelas brechas entre os zumbis que espancavam o vidro, e que possivelmente iriam funcionar. Foi então que vi um *Tucson* preto parado dois carros à frente e com uma saída lateral sem nenhum carro bloqueando sua passagem para fora do viaduto. Ele brilhava como os portões do paraíso. Era o destino.

— É agora — pensei.

Abri a porta violentamente, acertando dois zumbis com ela, fazendo-os recuar. No mesmo momento em que foram para trás com a pancada, passei pela dupla e, com impulso, pulei para cima de um *Kadett* que estava no caminho, o que alertou a eles que eu não estava mais no carro.

O grupo de mortos-vivos foi na direção do *Kadett* e quando eles conseguiram tocar nele, eu já havia pulado para a caçamba da *Ranger* da frente. O barulho do meu corpo pousando ali atraiu a atenção de outros zumbis que perambulavam na frente do *Tucson*, cerca de quinze deles estavam dispersos e conforme um olhava para a direção de onde eu estava os outros iam olhando também. Os que já me perseguiram passaram pelo *Kadett* e subiam na *Ranger*, enquanto eu já estava no teto do *Tucson*, torcendo para que a porta estivesse destrancada.

Fiquei cercado por uma multidão faminta que vinha dos dois lados do viaduto e a porra da porta não abriu. Porém, o barulho que a porta não emitia quando eu puxava a maçaneta dizia que ela estava aberta, deduzi que estivesse colada devido ao calor, então fui para o chão e a puxei com força, enquanto empurrava meu próprio corpo com uma das pernas na porta traseira ao lado. Ela abriu e eu me joguei para dentro novamente, mas dessa vez o mesmo puto sem dedos havia posto metade de seu corpo para

dentro. Como eu havia caído de costas para o banco, consegui chutar seu rosto, deixando-o sem dentes também.

Assim que ele saiu, fechei a porta e tranquei tudo, sem ver se havia alguma aberração dentro do carro. Tive sorte por não ter. Tive sorte também pela chave intacta enfiada na ignição e pelo carro ter ligado de primeira. Engatei a marcha e dei ré da forma mais violenta possível, fazendo com que a dezena de zumbis que se penduraram na frente do carro caísse no chão. Bati com a traseira na *Ranger* esmagando os zumbis de trás, e enquanto os que caíram na frente se levantavam, pisei fundo no acelerador.

— Chupem! — gritei de forma prolongada, pisando no acelerador algumas vezes, só para ouvir o barulho do motor acompanhando minha gargalhada.

Parece idiota, mas isso me dava alguma força para seguir em frente. Eu me divertia e não enjoava na verdade. Após a manhã agitada, acelerei quase em direção ao sol com meu carro novo. Eu estava ferido, sujo, coberto de sangue podre e sem camisa. Estava pensativo também. Pensei em milhões de coisas enquanto dirigia, principalmente no desejo incontrollável que eu sentia de descobrir quem era aquela mulher que apareceu roubando minhas coisas, e, sobretudo, o meu desinteresse por tudo que me cercava.

Já era de tarde quando eu cheguei à Lapa. Fiquei a certa distância do bar do Zé e mantendo sempre o *Tucson* em um caminho aberto para fuga, para prevenir um encurralamento caso algo acontecesse. Eu sabia que tudo poderia ter dado errado.

Quero dizer, naqueles dias, quais as possibilidades de algo dar certo?

Então eu peguei o pequeno extintor de emergência que estava embaixo do banco do carro e fui até o portão consertado de Zé, com sucesso. Também estava lembrando que eu não poderia me esquecer de lembrá-lo de pintar as malditas cruzes logo naqueles portões.

Ele sabia que eu iria vê-lo de novo, a porta que dava acesso à entrada ao lado da parte lateral do balcão estava destrancada e eu sabia que ele estaria lá. Ele sempre voltava para casa. A propósito, esses bichos não pensam e não sabem o que é uma porta, então não tem problema em deixá-la destrancada por algumas horas se você espera visitas. Fora que na prática era bem diferente das histórias convencionais de fim do mundo.

Eu te dou um prêmio se você conseguir usar algum celular, rádio ou uma merda dessas.

— Zé? — adentrei lentamente, pronto para me defender de qualquer coisa, segurando o extintor na altura da minha orelha. A propósito, ele havia feito uma bela limpeza no bar.

— O que houve com você, garoto? Está um lixo! — comentou, saindo de trás da porta que eu havia aberto, segurando uma doze na altura da cintura e apontando para mim.

Pois é, ele havia me surpreendido. Zé era velho, mas sabia de muita coisa sobre a vida e sobre como sobreviver a um holocausto. Decepcionou-me um pouco naquele momento por não saber que eu nunca seria um deles, já que eu sou bom demais para morrer assim.

— Você está pior — respondi —, e eu não estou mordido, antes que pergunte. É que aconteceram umas coisas e...

— Cadê a garota que estava com você? — perguntou ele, abaixando a arma.

— Ah... Ela que fez isso comigo — apontei com meu rosto para o ferimento no ombro —, morreu tentando fugir.

— De você? — me provocou enquanto trancava a porta.

— Dos vampiros.

— Ah sim... — ficamos em silêncio por alguns segundos. — E então, quer beber? — perguntou, caminhando até o balcão destruído.

Sentamos em dois de três bancos que ainda estavam inteiros e nos apoiamos em partes do balcão que permaneceram na mesma altura, apesar de um pouco amassadas. Não trocamos uma palavra durante alguns goles, até que ele resolveu quebrar o silêncio.

— Eu sabia que você voltaria aqui.

— Eu sei que você sabia. Não posso te deixar por aí sozinho, velho. Senão, quem vai trocar suas fraldas? — eu falei roubando um riso dele.

— Primeiro aprenda a trocar as suas, moleque — respondeu, mostrando-me o dedo do meio e bebendo mais em seguida.

Silêncio.

— Sinto falta de quando nossa vida era boa — disse Zé, olhando para o nada, segurando a latinha de cerveja.

— Eu até que gosto de como está agora.

— Mas seria melhor se isso não tivesse acontecido, não acha?

— Nesse caso, seria perfeito — respondi, apoiando-me no balcão, ainda segurando minha lata.

E de fato, seria.

Explodir cabeças de zumbis, corações de vampiros e partes de lobisomens são atividades bem legais, mas era meio sem graça quando não havia pessoas por perto para você dividir esses momentos. Sabe quando você faz algo incrível e não tem ninguém ali para ver e comemorar junto? É mais ou menos assim. E depois de mais alguns segundos de silêncio, meu ferimento chamou a atenção dele.

— O que houve entre vocês? Isso está horrível.

Expliquei a ele que ela tinha deixado a máscara cair.

— Mas estou bem — bebi um gole.

O problema era que Zé sabia quando eu estava mentindo. Eu sabia que ele sabia, mas menti de qualquer forma. Foi meio que natural, como havia sendo nos últimos meses.

— Você parece abatido...

— Qual é velho? Já tenho trinta e dois anos. Não sou mais um moleque que fica triste porque teve um problema besta com alguma garota.

— Porra, eu tenho sessenta e quatro anos e te conheço desde que você tinha quinze anos, Bento. Você não é mais um garoto, mas é humano e, obviamente, fica mal às vezes... Ninguém é de ferro.

— Certo — respondi, apenas concordando com ele, mas é claro que ele percebeu minha intenção.

— Você também devia parar de fugir do que não te convém.

— Não estou fugindo.

— Claro que não, eu digo que você parece abatido e você responde dizendo que não é mais um garoto.

— É porque homens de verdade não se deixam abater por nada, não é? — sorri de leve, já que Zé era o único homem de verdade que eu havia conhecido.

Se meu papai fugiu? Fugiu sim. Sorte minha que matei aula nas primeiras semanas do ensino médio, foi o que me fez dar calote no trem e ir até o bar gigantesco que o Zé tinha quando mais novo. Até que ele vendeu o estabelecimento por uma boa grana e fez a versão em miniatura na Lapa, adaptando um lar no segundo andar e levando um bom público que já conhecia os palavrões dele.

— E de qualquer forma — completei —, você sabe que eu dificilmente me apego a alguém. Também porque logo que a Ísis meteu o pé, aconteceu algo muito foda — e meu sorriso abriu de orelha a orelha conforme meus olhos abriram mais.

— Espera aí... — disse ele olhando para mim com um sorriso tipo “Acho que sei o que você está pensando e gostei disso”. — Quem é a garota nova?

— Como você sabe?

— Eu te conheço há dezessete anos, moleque.

— Homem — eu o corriji, pegando na lata com um pouco mais de força. — Não me provoque, sua múmia.

— Porra, é um homem?

— Sim, tão lindo quanto você. Gostoso. Mas enfim, ela me passou a perna de maneira muito sexy.

— Sério? O que ela fez?

— Cara... Ela apareceu numa van em alta velocidade e atropelou uns vampiros lá antes de eu poder acabar com eles. Depois que a situação acalmou, ela veio com um papo *super* convincente de que cuidaria de mim, que era médica e essa merda toda, daí ela me dopou — quando eu comecei, falava calmamente. Quando cheguei no “acabar com eles” eu já estava parecendo ter bebido cinco canecas de café com rum, que, aliás, é uma delícia.

— Super convincente? — olhou desconfiado. — Como ela era?

— Linda. Um palmo mais baixa que eu, grandes olhos azuis, cabelo preto, branquelona, corpaço e sem nenhuma imperfeição. Cara! — Gritei. — Eu fico louco só de lembrar. Eu mato por uma mulher daquela.

— É. Também me convenceria — virou-se para frente dando mais um gole.

Sorri e ficamos em silêncio por mais um tempo, com um clima mais leve graças à descontração e ao sentimento de irmandade devido ao gosto similar por essas coisas que vem presas a seios. Tentei puxar assunto depois, dizendo que iria tentar parar de beber, mas de repente, o som de batidas na porta ecoou por dentro do bar me interrompendo. Zé se levantou com a doze na mão e foi lentamente até a porta enquanto eu permaneci sentado, observando de longe e bem despreocupado.

— Quem é? — perguntou ele.

— Abre a porta! Por favor! — disse uma voz de garoto pós-adolescência.

Nós nos olhamos por alguns segundos, ambos com uma sobrancelha levantada enquanto as batidas continuaram.

— Por favor! Abre aí!

— Sim, só um momento — gritou Zé, enquanto jogava o revólver que guardava antes na cintura para mim.

E assim que o destravei apontando-o com certo tédio para a porta, Zé a abriu.

— Pois não? — apontou a doze, deparando-se com um casal.

Eram dois adolescentes, sendo que o rapaz de cabelo mais ou menos até os ombros usava uma blusa listrada colorida, bermuda quadriculada e tênis colorido. Acho que era Converse. A garota tinha o cabelo roxo, quase preto por já estar perdendo a cor, usava uma blusa de uma das muitas bandas brasileiras que achavam que tocavam rock, calça colorida e, com certeza, Converse.

— Pragas nunca serão extintas, Bento — disse Zé abaixando a escopeta e também fazendo sinal para eu abaixar o revólver.

Confesso que fiquei tentado na hora, já que era só atirar. Mas acabei cedendo.

— Ser roubado, quase morto e ter uma infestação de demônios já não é o suficiente, Deus?! — comentei em voz alta, pondo o revólver na parte de trás cintura e virando-me de volta para o balcão. Dessa vez eu queria beber para passar mal.

— O que estão esperando, cacete? Entrem — disse Zé.

E assim que a dupla entrou, o garoto perguntou para mim após Zé fechar a porta.

— O que houve com você?! — ele parecia surpreso a me ver sem camisa e sujo de sangue. E ela talvez pela exposição das minhas costas definidas e ombros largos com aquele ferimento radical e sexy.

— Uma garota que conheci. Deve estar dividida para, pelo menos, uns sete estômagos agora.

— Você não conseguiu salvá-la? — perguntou a garota chata, que na primeira palavra posta para fora fez com que eu quase sacasse o revólver novamente.

— Ela era generosa, preferiu ajudar as pobres famílias desabrigadas e famintas.

Todos ficaram em silêncio com minha declaração. Mas acho que eles haviam me entendido errado, já que eu não quis passar a impressão de luto.

— É a vida! — comentei em voz alta, sorrindo. — A gente nasce, cresce, *tenta* se reproduzir e morre. Mas relaxa que daqui a uns dias a gente morre também e todo mundo vai brincar de ser escravo do capiroto.

— Fale por você — disse a garota com aversão a minha pessoa, que sorriu muito satisfeita com isso.

— E então? O que vocês querem? — perguntou Zé, grosso como sempre.

— Nós vimos carros estacionados ao invés de jogados no meio da rua, então pensamos que talvez pudesse ter alguém por aqui — disse o garoto. — Aí saímos para dar uma volta pela área e ouvimos alguém gritando “Cara!”. Pensamos que podíamos nos unir ou algo desse tipo... Estamos sem armas...

Eu não era de gritar. Nunca fui. Sério mesmo. E daquele dia em diante, eu prometi a mim mesmo que nunca mais gritaria em vão.

— Aqui já não tem mais armas sobrando — disse Zé, interrompendo o moleque.

— Como vocês estão vivos até agora? — perguntei quase que gargalhando, pois era engraçado vê-los nesse contraste gritante.

Afinal, Zé usava roupas normais como calças jeans, sapatos e camisas polo comuns de cores comuns. Um clássico homem não muito vaidoso que provavelmente já passou por muita coisa. Enquanto

eu usava algo mais descolado como jeans escuros, uma botina de couro e camisas pretas básicas, sempre com meu blazer por cima. Eu também sentia falta das minhas roupas roubadas. Fiquei sem cueca por um bom tempo.

— Nós meio que nos mantivemos dentro da nossa Kombi até agora — disse ele —, pelo máximo de tempo possível...

Zé e eu nos olhamos rindo e fui direto quanto à pergunta.

— E como vocês comem, bebem, cagam e mijam? — tive que perguntar, porque, porra, meses dentro de uma Kombi! Notei certo constrangimento da parte da garota.

— São nessas horas que nós saímos — disse o moleque —, nós não temos armas, então a gente se vira com o que tem e...

— Vocês querem cagar aqui? É isso? — perguntou Zé o interrompendo e fazendo com que eu me jogasse para trás com uma gargalhada.

— Não, senhor — disse a garota, ainda tentando manter a educação —, nós pensamos que talvez pudéssemos formar um grupo, para facilitarmos...

— Esqueça, eu não ando em grupo — a interrompi, virando minha cerveja em seguida.

Simplesmente não era jogo. Até aquele momento, ninguém, de vários homens fortemente armados, nunca havia sequer tentado formar um grupo conosco, não seriam dois adolescentes frágeis e imbecis que iriam me convencer.

— Prefere enfrentar tudo isso sozinho?! — perguntou o garoto, indignado.

— Pois é.

— Eu tenho uma ideia — disse Zé —, vocês têm mantimentos?

— Sim... Não perecíveis em geral, carnes congeladas...

— Como vocês conseguiram isso?! — perguntei o interrompendo. — Nós demoramos semanas para encontrar alguma carne que prestasse.

— Parte era da nossa casa mesmo, quando tudo começou... Outros são de mercados já abandonados que deixaram tudo por lá nos primeiros dias... Nós pegamos e conservamos na Kombi...

— Tem o suficiente para quatro pessoas? — perguntou Zé.

— Dá e sobra — sorriu a garota.

O velho e eu nos olhamos por uns segundos até que eu me levantei e falei baixo para ele ao me aproximar:

— Você sabe que nós podemos tirar isso tudo deles sem precisar levá-los até lá, não é?

— Esquece, Bento. Eu nunca roubei e não vai ser agora que eu vou começar — sussurrou ele de volta.

Joguei-me de volta ao banco, totalmente largado e mais desapontado. Zé estava sendo uma decepção só naquele dia.

— Nós oferecemos armas em troca de comida, se vocês quiserem — ele ofereceu.

E eles concordaram na hora, é claro.

— Tá... Mas pega pelo menos alguma camisa para mim, Zé. Aquela piranha levou a minha para guardar meu cheiro — comentei ao acender um cigarro que havia posto na boca enquanto me apoiava no balcão.

E depois de alguns minutos esperando a camisa, Zé havia descido com ela e uma jaqueta de couro. Mais alguns minutos para eu vesti-la de forma apropriada, fechando seus botões e levantando suas mangas, e outros vendo se a barra estava limpa. Após ter posto minha jaqueta, estávamos do lado de fora perto de nossos carros. Eu não podia admitir que algo acontecesse caso não pudéssemos voltar, então fiz questão de levar o pequeno isopor que guardava as últimas bebidas geladas do estoque, quem sabe do mundo, além de um inseticida que guardei na cintura ao lado da pistola. Eu já tinha praticado e estava ansioso para estrear um inseticida.

Sabe como é. Só para sair um pouco da rotina de automáticas. Não que elas não sejam legais, é claro. Pois elas são.

— Você não estava pensando em parar de beber?! — perguntou ele sorrindo e me subestimando, da janela da Captiva.

— Sim! — gritei, subindo no Tucson. — Mas falta tão pouco, eu paro quando acabar! — e sentei-me fechando a porta logo em seguida, arrependido por ter gritado novamente. Isso poderia ter atraído mais deles.

Sáimos de lá trocando gargalhadas, não dirigindo longe uns dos outros, mas ao mesmo tempo mantendo uma distancia segura. Para caso precisássemos fugir de um arrastão de zumbis ou então, pior, de novos adolescentes iguais a eles.

Chegamos dentro de dois minutos à Praça Tiradentes, em frente ao antigo 13º Batalhão da PMERJ, para você ter noção de como era perto. Não conhece? É um prédio de três andares, em estilo colonial. Possui duas janelas compridas de cada lado da porta central e bem... Nos andares superiores é meio que quase a mesma coisa, uma porta que dá acesso a uma varandinha também com duas janelas em cada lado e uma janela um pouco mais larga no último andar. Também com duas janelas do lado. Particularmente, eu sempre admirei mais o estilo gótico de arquitetura, então eu acho mais bonito atualmente.

Apesar dos enfeites poderem te matar, quase tudo estar destruído e sujo de sangue.

Engraçado que normalmente o centro da cidade fica cheio e, naquele momento, estava vazio. Não, não é só antigamente quando as pessoas iam trabalhar... Passear... Ou roubar... Atualmente, muitos zumbis ficam por lá caminhando e provavelmente procurando um emprego de degustador e... Certo, parei porque essa doeu até em mim.

— Chegamos, crianças — disse Zé descendo do carro ao mesmo tempo em que atirou com uma pistola de silenciador em um zumbi que veio em sua direção.

Saí logo na frente, encontrando-me com Zé que estava na direção da entrada do prédio e com o casal que veio atrás dele. A rua se encontrava deserta, tanto que tirando esse zumbi que Zé havia matado,

só era possível enxergar mais um bem longe dali.

— Por que aqui? — perguntou a garota irritante, não percebendo o quanto era óbvio irmos até a porra do batalhão depois de termos falado em armas.

Eu a ignorei, evitando uma grosseria, mas não consegui segurar meu impulso. Aí eu saquei minha arma e atirei. Sorte dela que aquele zumbi solitário estava ao alcance dos meus olhos. Eles me estranharam por eu ter atirado no puto que estava distante, mas ninguém perguntou nada, graças a tudo que é mais sagrado. Nesse momento eu lembrei de novo da minha Fé que havia sido tirada de mim.

— E então? Vamos entrar? — perguntou o garoto.

— Sim, mas vocês vão pelo meio. Bento e eu seguramos as pontas.

— Fale por si mesmo velho — respondi caminhando já à frente após ter sacado o revólver que Zé havia me jogado no bar.

O meu comentário havia preocupado o casal, mas o coroa manteve-se tranquilo, ele sabia que eu os protegeria, já que a minha pele também estaria em risco de qualquer forma. Eu lembro... Que meu revólver tinha oito balas e a escopeta do Zé apenas seis. Por isso, não podíamos gastar munição, precisávamos nos recarregar.

Sério, nós provavelmente iríamos até ali de novo mesmo se os pivetes não tivessem aparecido. Nosso estoque na época era só aquilo mesmo, já que eu havia perdido tudo e Zé precisava de munição. Já havíamos esvaziado os cantos de outras delegacias e tínhamos o 13º de reserva. Depois das portas, após entrarmos e olharmos em volta, concluimos que o primeiro andar estava limpo. Parecia um quintal, era difícil de acreditar que ali era mesmo uma delegacia. Nas escadas, nos deparamos com a criatura mais horrenda e repugnante, que havia nos paralisado ao ponto de não permitir que levantasse meu braço para atirar, apesar da imensa vontade.

— Leafar! — gritou a garota para o gayzinho que estava sentado nas escadas, aparentemente preocupado.

— Acho que está mordido, vou atirar nele — comentei, olhando para o grupo que vinha atrás.

— Não, ele é nosso amigo! — disse a garota que passou por mim indo abraçá-lo. O careca parecia melhor ao vê-los, já que havia aberto um pequeno sorriso tímido e gay.

Ok, você me entendeu, um sorriso fechado, mas aos meus olhos foi assim.

— Pensamos que você estivesse morto — disse ela, sorrindo de felicidade enquanto eu me perguntava quantas pessoas aquele nerd conhecia no mundo.

— Como conseguiu se salvar?! Aprendeu a dirigir? — perguntou o namorado dela, que mais parecia namorado dele.

— Isso não interessa agora, meninas — interrompi, já que aquele momento estava me fazendo ter vontade de vomitar —, nós estamos em área de risco, ponham a fofoca em dia no carro — passei por eles.

— Ele tá certo. Fiquem ligados. É no terceiro, não é? — perguntou Zé com sua memória já

falhando de novo.

— Sim, só espero que esse gordo não nos atrase nas escadas — provoqueei apontando para Leafar com a cabeça.

— Tava com saudades de mim, Bento?

— Sim, suas tetas me lembram as da sua amiga Ísis antes de elas estarem sem uns pedaços, só que as dela eram mais bonitas e menos peludas. Por que você estava aqui sentado, *fagote*? Refletindo sobre a forma menos *fucking* dolorosa de morrer?

Ele ignorou minha provocação. Notei pelo segundo de silêncio junto ao olhar penetrante... Putz! Eu disse que ele me lançou um olhar penetrante?

— Eu aproveitei que estava aqui perto e vim buscar uma arma, mas ouvi barulhos lá de cima, estava pensando no que fazer — disse ele. — Cheguei ainda agora, não viram meu carro lá fora? Eu aprendi a dirigir na marra.

Ninguém havia visto esse carro.

— É claro que vimos — comentei —, mas não queremos mais ninguém conosco. Esse grupo já está cheio demais e seriam necessárias duas vagas para você tomar espaço.

— Larga essa babaquice, cara. Ele é nosso amigo — disse o garoto para mim, alterando seu tom de voz.

— Tá protegendo a sua amante?

Ele ficou puto com isso, ao ponto de tentar partir para cima de mim achando que realmente conseguiria me fazer alguma coisa. Eu já havia guardado o revólver, pronto para dar uma lição na criança, mas as outras que eram mais conscientes o seguraram dizendo que não valia à pena.

Após Zé ter nos apressado dizendo para mantermos o foco e essas coisas, subimos lentamente as escadas, afinal, barulho em um lugar onde você não vê nunca é bom sinal em pleno apocalipse, a menos que fossem gemidos de mulheres. Ou vampiras. Zé e eu fomos à frente, já que a retaguarda estava limpa. Preparados para atirar em qualquer coisa que se mexesse.

Subimos e vasculhamos sorrateiramente os quartos que estavam no caminho daquele corredor que dava para o segundo lance de escadas. Também limpos. Limpos no sentido de não ter nada que pudesse nos matar, porque na verdade tinha sangue e tripas para tudo que era lado, fora o cheio de carne humana podre. Seguimos em frente, mas antes de subirmos as escadas novamente, Leafar perguntou para os amigos de tênis coloridos sobre o futuro.

— Tá, nós vamos pegar as armas e depois?

— Depois cada um segue com sua vida — respondi antes que alguém propusesse algo.

— Não seria melhor ficarmos juntos? — perguntou Leafar.

E sinceramente, eu estava tão cansado dessas propostas de uniões que simplesmente continuei quieto.

— Desistam, vocês não vão por isso na cabeça dele — disse Zé, revelando nada mais que a

verdade.

— Mas por quê? Seria muito mais fácil para sobrevivermos — disse a garota de voz irritante. Eu já disse que ela tinha voz irritante?

— O que vocês preferem? Viver ou sobreviver? — eu perguntei já impaciente para o grupo. E antes que pudessem responder o óbvio, eu continuei. — Eu vivo melhor sozinho, obrigado — subi as escadas após a resposta.

Não sei que cara eles fizeram, pois eu já estava uns dois degraus acima e de costas, mas imagino que as crianças não devam ter entendido muito bem. E eu não fazia questão que entendessem o porquê disso. Só fazia questão que entendessem que eu queria ficar sozinho.

Nossos pés tocavam o piso suavemente a cada degrau. Eu só conseguia ouvir a nossa respiração e os batimentos cardíacos. No fim das escadas, só era possível ver uma parede, já que essa instalação era aquela do tipo em que você sobe as malditas escadas e tem que virar para o lado para ter acesso ao lugar. Quando cheguei ao topo, sinalizei com uma das mãos para que parassem naquele instante, chiando entre os dentes e pondo o cano do revólver em posição vertical de frente para a minha boca, ainda olhando para cima.

O terceiro andar era uma sala grande. Tinha mesas com documentos espalhados e todos os tipos de armamentos pendurados nas paredes. O chão estava repleto de carne humana podre e cápsulas de munição. Não tinha uma parte do lugar que não estivesse suja de sangue e o motivo de eu ter pedido para que todos parassem, era porque uma centena de morcegos dormia no teto e o local ainda era inédito para mim.

Sutilmente subi os últimos degraus, percebendo que havia três corpos de soldados da PM caídos perto da parede oposta à saída das escadas. Eu fiquei impressionado com a quantidade de morcegos presentes ali, porém, Zé não notou minha alegria e moveu os lábios para o grupo sem emitir som, dizendo algo como “Vamos pegar as armas sem fazer barulho e levar para os carros”. Zé com certeza também não percebeu meu sorriso de satisfação ao ver aquele desafio. Só se deu conta quando ouviu meus passos e viu que eu já estava sacudindo o inseticida que tirei da cintura após ter acendido um cigarro e guardado meu revólver onde a lata estava.

— O que esse idiota está fazendo?! — sussurrou Leafar em desespero, eu pude ouvi-lo reclamar, tenho certeza que disse algo assim.

— Não faço ideia. Se ele fizer alguma merda, eu juro que atiro na cabeça dele — disse Zé, obviamente tentando acalmá-los.

Claro que ele sabia que iria dar tudo certo, minha presença sempre garante isso. Ele ter apontado a arma para mim também foi parte da encenação, tenho certeza.

Enquanto aqueles medrosos tremiam das cabeças aos pés, meus passos acordaram alguns morcegos que me observaram guardando o maço de cigarros no bolso da camisa. E antes que um deles pudesse grunhir para alertar ao resto, dei meu ultimato a aqueles putos.

— Deus ajuda quem cedo madruga, não é?! — gritei enquanto eles abriam seus olhos e esticavam suas asas. — Quero ver como ele vai poder ajudar vocês agora — gargalhei maleficamente em seguida.

No exato momento em que ri, eles avançaram em mim de todas as direções possíveis e, para o grupo, eu com certeza havia sumido naquele tornado negro de criaturas malignas, já que eu também não podia vê-los. Eu pude ouvir Zé gritando que eles eram uns filhos da puta e também puxando o carregador da arma, pronto para dar um tiro.

Mas eu não podia deixá-lo roubar a cena.

O furacão sombrio se tornou um tornado flamejante que emitia som de labaredas misturados a grunhidos agonizantes. Entre os vários morcegos de fogo, eu sorri com um cinismo inabalável para eles, que não esboçaram reação ao me verem ali no meio, rodando e espirrando o inseticida contra o fogo que saía do meu isqueiro, improvisando um magnífico e *foderoso* lança-chamas caseiro, que dizimava cada criatura que tentava se aproximar da minha pele.

Por que eu havia feito isso? A ideia era divertida e, como eu disse, eu já praticava isso há alguns meses, então por que não, certo? Eu já tinha uma plateia.

— É, porra! Bem como eu te ensinei! — comemorou Zé, querendo levar meus créditos enquanto sacudia a escopeta no ar.

O resto do grupo observava com alegria o meu sucesso, gritando e comemorando. Eu sei que sou demais. Mas os gritos e grunhidos despertaram os três corpos que dormiam no canto da sala. Um deles se levantou rapidamente e correu na direção do grupo enquanto os outros dois ainda abriam os olhos. O barulho dos passos largos no chão chamou a atenção da garota, que gritou ao notar aquele bicho feio pulando em sua direção e *bang!*

O grito serviu muito bem como alerta, já que sua voz era quase uma sirene. Zé estourou os miolos daquele ex-soldado que ainda vestia sua farda suja e rasgada. Os morcegos haviam morrido, restando alguns pelo chão que ainda agonizavam. Pisei com força na cabeça de um que havia caído vivo perto de meus pés e notei os outros dois zumbis no fundo da sala junto ao grupo, após o chão se sujar com corpos de animais em chamas.

A dupla havia se levantado e correu com toda a selvageria possível na nossa direção. Possuíam dois metros de altura cada um, aproximadamente, contra meu um e oitenta, e um e oitenta e cinco de Zé. Estes dois pareciam mais zumbis da tropa de elite, já que possuíam músculos gigantes, facas e pistolas pela farda.

— Vocês enfrentaram essas coisas na última vez que vieram aqui?! — perguntou o jovem se pondo à frente da namorada.

Mas Zé e eu nos mantivemos calmos.

— A última vez que viemos aqui foi quando tudo isso tava começando ainda — saquei o revólver da cintura. — A cidade estava um caos e precisávamos de armas, não tinham aberrações aqui dentro, pelo menos não até aonde fomos, no segundo andar — respondi atirando na cabeça de um deles após ter

girado minha arma nos dedos.

— Relaxem, dois zumbis são equivalentes a nada — disse Zé quando estourou a cabeça do segundo.

Um, dois, três zumbis... Se você está armado, eles não são problema. Não é um pé no saco como os vampiros que se transformam e voam, ou então os lobisomens que podem quebrar todos os seus ossos com um peteleco e o seu lindo e perfeito carro. Mas se milhares de zumbis aglomeram-se em algum lugar e você está ali...

Bem... Os vampiros e lobisomens serão sua menor preocupação.

Zé havia me pedido o isqueiro emprestado após termos acabado com todos ali, mas o gás havia acabado, então emprestei a ele meu cigarro mesmo, para ele acender o dele.

— Então? Vocês não vão pegar nada? — gritei, apontando para os armamentos na parede.

Enquanto fazíamos nossas escolhas pessoais, pude ouvi-los conversando entre si cheios de amor e finalmente havia descoberto seus nomes que eram Vagner e Juliana. E ouvindo o papo deles enquanto escolhíamos as armas, descobri até que eles tinham bom gosto musical, apesar das roupas. Por outro lado, qualquer arma já os satisfazia e eu não conseguia entender isso. Eu fiquei pelo menos uns quinze minutos escolhendo de tão maravilhado que estava.

Devolvi o revólver de Zé após pegar duas pistolas que mantive na cintura e uma magnífica doze. Como essa arma me encantava. Levamos o resto da seleção em cima de um daqueles escudos gigantes da polícia enquanto carregávamos dividindo o peso e equilíbrio em cada ponta. Só a garota ficou de fora, levando uma trouxinha feita com uma bandeira do Brasil, carregada de granadas.

Ao descermos o primeiro lance de escadas, estávamos ouvindo coisas demais para uma praça tão deserta como aquela. Entreolhamo-nos e pedimos para que Juliana desse uma olhada pela janela, para ver se a rua estava calma.

Na visão dela, o negócio era o seguinte: tinha um caminho a nossa frente saindo da delegacia que daria para várias ruas estreitas, nos faria bater em algum momento e ter uma morte trágica barra dolorosa. Para a direita, poderíamos seguir por baixo dando algumas voltas, mas ainda assim chegando lá e no que havia sobrado, poderíamos simplesmente cortar esses longos caminhos e chegar até o nosso destino principal, o de origem, que era a casa de Zé. Este foi o caminho que pegamos para chegar até onde estávamos também.

Mas, como tudo na vida, o mundo conspira para que você não consiga e sempre vá pelo caminho mais difícil, já que de repente uma multidão de zumbis se concentrou pelos caminhos da esquerda e direita. Quando ela nos explicou a situação, optei pela opção mais óbvia.

— É claro que temos que ir pela esquerda! A gente passa por cima e que se foda o resto.

— Mas seria mais seguro se fossemos pelo caminho mais longo... Pelo menos poderíamos despistar qualquer coisa que surgisse de surpresa — disse Zé, sendo relutante. — É melhor evitarmos confrontos.

— O que tá acontecendo com você, velho? Só porque tem algumas crianças aqui você vai ficar agindo como o pai de todos?

— Tem uma criança que já tá comigo há anos, eu sempre tenho que agir como pai.

— E cadê ela? Foi devorada?

— Gente — interrompeu Juliana —, por favor... Não briguem.. Vamos tentar resolver...

— Não estamos brigando — interrompeu Zé —, esse é nosso entendimento.

Sim, eu também não estava brigando. Ele não era sentimentalista e muito menos eu. Era por isso que nos dávamos muito bem. E era por isso que eu estava estranhando ele de repente querer tomar as atitudes mais seguras.

— Então me faz entender, velho, com o que você está tão preocupado?

— Bento... Eu tenho que voltar em casa...

— Essa não era a ideia?

— Sim... Mas... Eu preciso mesmo voltar para lá só mais uma vez. Eu não posso morrer antes de voltar, entendeu?

Não perguntei o que era, pois não éramos disso. Mas eu havia entendido que era algo importante para ele, então me calei. Quem cala concede, não é mesmo? Eu só estava achando estranho mesmo ele de repente querer ficar nesse vai e vem.

— E como vamos fazer para ir até os carros? — perguntou Juliana.

— Precisamos de uma isca — falei —, para que enquanto estivermos entrando nos carros, eles fiquem distraídos com algo. E então fagote? É sua hora de brilhar.

— Não... Espera — pediu Juliana, enquanto Leafar abaixava seu dedo do meio da única mão livre.

E Juliana nos surpreendeu! Ela era inútil nas horas mais intensas, mas quando precisávamos parar e pensar, ela se mostrou muito boa nisso. Mulheres sempre mais pensam do que fazem, mas enfim.

Passamos sangue de vampiro, que era o mais limpo disponível, em uma granada inteira. A ideia era arremessá-la pela janela central dentro da rua da frente sem ser visto por eles. Eu, que sem dúvidas era o mais forte, não podia arremessar devido ao grave e letal ferimento heroico que tinha no ombro, então, Vagner sugeriu que “Lea”, como era chamado pelos amigos não gays, como pode perceber, a jogasse o mais forte possível já que o garoto era mais parrudo, entenda-se quase gordo, do que todos ali.

Após ajeitar seus óculos e respirar fundo, deu dois passos para trás e correu em direção à janela, arremessando a granada. Ela cortou o ar por uns três segundos e meio e depois quicou quatro vezes, rolando após a última batida. O barulho de ferro junto ao cheiro de sangue atraiu alguns zumbis que tinham a visão no alcance e, após estes caminharem até a granada, outros gradativamente foram seguindo.

Descemos rapidamente e esperamos por quase um minuto o barulho de explosão. Aquela granada devia estar zoada. Quando finalmente aconteceu, Juliana abriu as portas rapidamente e fomos com a cara e a coragem em direção aos carros, que estavam a uns cinco passos largos à frente, enquanto aquela multidão de zumbis corria dos dois lados até a isca.

Juliana abriu a porta traseira do Captiva, que era o mais próximo de nós, e jogamos tudo em cima do banco. Fechei a porta ao mesmo tempo em que todos corriam para seus carros, Zé atrás de mim, e os garotos atrás de Zé. O problema foi que o barulho das portas se fechando atraiu a atenção de alguns dos bichos e aí rolou aquilo que sempre rola. Um olha para o que o outro está olhando e de repente todos já sabem da última.

Ligamos os carros conforme eles vieram com seus gritos desafinados em nossa direção e pegamos o caminho livre mais longo que era a minha frente. E sabe... Naquele momento, enquanto dirigia após aquela puta aventura com aqueles garotos, lembrei-me das conversas que nós tivemos, de como todos havíamos nos ajudado e eu havia finalmente chegado a uma conclusão.

Eu devia ter ignorado Zé e roubado os mantimentos deles.

Seguimos pela rua à direita, mas passando direto pelo caminho que deveríamos ter tomado, porque nem todos os zumbis saíram de lá e ainda tinham muitos dos minutos futuros que com certeza dariam trabalho. Eu ia à frente com o Tucson, enquanto Zé vinha atrás com a Captiva, seguido dos garotos. O problema é que estávamos sendo atacados de tantas direções e formas que eu me distraí tentando nos manter seguros e não prestei mais atenção para onde estava indo.

Certo, eu me distraí porque havia ligado o tocador de MP3 do carro no volume máximo, com minhas músicas mais barulhentas, enquanto atropelava criaturas do inferno. No meu pendrive havia de tudo, mas as músicas foram variando de rock pesado a trilhas sonoras de jogos de videogame, então dá para imaginar a emoção que eu sentia ao matar aquelas coisas.

Nossa ideia era seguir pela República do Paraguai, uma avenida que segue o caminho que deveríamos pegar, mas por fora, dando uma volta não muito grande, e termina na outra esquina do quarteirão que fica de frente para o bar. Porém, nos deparamos com algo inesperado.

No meio da avenida tinha um caveirão, daqueles do BOPE, tampando a passagem.

Pude ouvir gritos e tiros segundos antes, como já não tinha nenhum bicho por perto para nos pentelhar, resolvi parar e dar uma olhada. Pelo visto eles também haviam escutado, já que pararam atrás de mim e também saíram dos carros, indo até o de Zé para pegarem algumas armas. Caminhei com a doze na mão e minha curiosidade estampada nos olhos enquanto o grupo vinha atrás. Quando passamos pelo caveirão, vimos um cara de uniforme preto surrado, ajoelhado de costas para nós e muito sangue no chão.

Na frente dele, tinha dois cadáveres: um soldado de elite com uma bela mordida que ia da clavícula até o estômago e um lobisomem com vários buracos de tiro pela cara.

Daria um belo quadro.

Juliana tentou se aproximar, mas eu a impedi pondo meu braço à frente, não sabíamos se ele estava mordido e eu não queria arriscar mais uma garota tentando me matar. Apontei a doze ao mesmo tempo em que assobieei para chamar sua atenção e quando o homem olhou para trás, fiz a clássica pergunta.

— Não fui mordido — disse ele, com uma cara péssima —, mas eu não consegui salvar o meu parceiro de qualquer forma...

Vendo que ele estava bem, tinha um carro e tudo mais, permaneci indiferente com aquilo e tentei voltar ao carro... E eu teria conseguido se não fosse por aqueles moleques intrometidos.

— Vem com a gente — disse Vagner, ajudando-o a se levantar junto a Leafar —, temos espaço.

Eu olhei para Zé, para tentar fazer aquelas comunicações sinistras que sempre tínhamos apenas com olhares, mas ele me ignorou. Parecia sutilmente orgulhoso de aqueles garotos estarem ajudando o caveira, que ao se aproximar de nós apoiado em Vagner perguntou:

— Para onde vocês vão? — tossiu, pondo uma das mãos livres no estômago.

— Não interessa — falei antes que alguém revelasse nosso destino, mas minha moral estava em baixa.

— Vamos para a minha casa — disse Zé. — É aqui perto, um pouco depois da avenida.

— Não sigam por aqui, voltem — ele falou. — Tá impossível, nós fugimos dali porque está com uma concentração muito grande dessas coisas.

Após terminar de falar, ele deu um tapinha amistoso no ombro de Vagner e ficou de pé por conta própria, continuando de onde havia parado.

— Eu e meu parceiro estávamos voltando de lá, até que fomos atacados por um trio de lobisomens. Conseguimos fugir de dois, mas este nos perseguiu até aqui e não tivemos escolha senão lutar. Ele quase virou nosso carro.

— Bom, a história do seu amigo morto não nos interessa, sabe — falei, virando de costas —, tudo que queremos é chegar ao nosso destino...

E aí, antes que eu terminasse levei uma porrada na nuca, que me fez cair no chão, segurando-me com os braços para não ir de cara.

— Abuso de poder até hoje? Vocês não enjoam? — falei, me virando e sentando no chão enquanto me recuperava com a mão na nuca.

— Abuso de poder é o caralho — disse ele, todo estressadinho. — Você falou merda do meu amigo que acabou de morrer e que lutou uma porrada de vezes para garantir a sua segurança aqui nessa porra dessa cidade, seu filho da puta!

Enquanto garotos ficaram de “Deixa disso” e “Calma gente”, Zé permaneceu indiferente, assistindo àquilo tudo.

— Oh, perdoe minha indelicadeza. Eu esqueci que vocês subiram os morros bravamente para negociar o extra de vocês — falei, gesticulando para ele esquecer isso.

— Já chega — disse ele, após me apontar uma pistola que havia tirado da cintura.

O que, é claro, não fez a menor diferença para mim. Eu continuei sorrindo.

— Para! — gritou a garota, abaixando o braço dele. — Nós temos que nos manter unidos... Parem com isso, por favor...

— Tudo bem.. — disse quando suspirou. — Desculpe.. — e quando notou a pistola na cintura dela, perguntou. — Qual é o seu nome?

— Juliana... Por quê?

— Você já atirou alguma vez na vida? Você parece ser muito nova.

— Não...

— Então — disse ele interrompendo-a, inconformado —, uma arma na mão de alguém inexperiente pode ser perigoso para todos, pensem melhor com quem vocês vão deixar...

Eu não entendi porque de repente ele resolveu dar dicas tão inúteis, mas alguém precisava falar que estava errado.

— Que nada — interrompi —, eu peguei em uma arma pela primeira vez só no dia em que essa merda toda começou — puxei um cigarro do maço após tirá-lo do bolso.

— Não brinca? Mentira sua — disse ela. — Você atira bem demais, ainda mais para um amador.

— Não tenho culpa se nasci para isso — e o acendi ao colocá-lo na boca.

— Você nasceu para mentir — disse Vagner.

— Não precisam acreditar, mas é verdade. Zé sabe — traguei aquele delicioso gosto de menta com nicotina, que me relaxou bastante naquele momento.

— E você treinou por quanto tempo? Só nesses cinco meses?

— Desde novo, jogando videogame — soltei a fumaça para o alto, desprezando a todos.

O silêncio foi absoluto por alguns segundos, de forma que parecia até mesmo uma cidade deserta, pois nem de longe ouvíamos alguma coisa. Foi como se todas as criaturas também tivessem ficado impressionadas com o meu comentário, já que eu estava acostumado a sempre chutar as bundas delas. Zé foi o único a não se mostrar espantado, pois ele sabia que era verdade.

— Mas é claro — disse o policial —, policiais do BOPE morreram contra essas coisas, mas você sobreviveu tranquilamente até agora com seu treinamento de pistolas de plástico contra a televisão.

Ele parecia levemente irritado com aquilo.

— Pois é. Não tenho culpa se eles não eram tão bons — sorri, levantando-me. — Atirar é fácil, quem me ensinou a manusear foi Zé. Ele é ex-fuzileiro aposentado.

— Sério? — perguntaram os garotos, recebendo a confirmação com a cabeça do próprio enquanto eu voltava para os carros.

Eu vi que as meninas iam conversar sobre o passado *cool* de Zé, então fui nos adiantando.

— Nesse caso, desculpe pela falta de respeito, senhor — disse o soldado abaixando a cabeça.

— Relaxa — falou Zé —, deixa essa merda de lado. Temos que pensar agora em como sobreviver... Venha conosco, quanto mais ajuda melhor.

— Certo...

— E então? Vamos continuar? — perguntou Leafar, ajeitando seus óculos retangulares de armação preta.

— Posso dar uma sugestão? — disse o oficial, recebendo o consentimento de quase todos. — Tem algumas unidades do caveirão no quartel ainda. São bem mais resistentes do que qualquer carro...

Eu, que nessa hora estava organizando os armamentos no banco de trás do Captiva, parei na mesma hora e olhei para o cara, empolgado, logicamente. Quero dizer, pilotar caveirões e exterminar essas porras?! Qual o nível de *fodacidade* que isso tem?! É quase que cósmico. Fora que eu já conseguia me imaginar pintando no meu próprio veículo um zumbi em cima do desenho da caveira, com um olho pendurado... Alguns pedaços de pele e carne viva... Talvez sem o maxilar, com sangue escorrendo... Hm... Escopetas cruzadas ao invés de revólveres na parte de trás, e no fundo, uma serra elétrica bem no meio!

— Você vem comigo aqui no meu carro então! — gritei com um grande sorriso. — Eu estou indo na frente, então você vai nos guiar.

Ele não concordou, é claro. Ele queria ir com Zé, já que estava todo derretido pelo mais experiente, mas o velho pediu para que ele fosse comigo, para que entrássemos num entendimento. Não sei o que Zé pensou nessa hora, pois eu nunca arriscaria mandar um policial de atitude numa viagem de carro com alguém como eu, tendo uma grande quantidade de armas no banco traseiro.

Mas enfim.

A viagem prosseguia e o silêncio prevalecia no meu carro. Ele olhava para mim e o fato de eu não transparecer me preocupar com nada o incomodava. Eu podia ver que ele queria perguntar algo, mas desistia antes que pudesse abrir a boca para tentar.

Minha curiosidade falou mais alto.

— O que foi? — perguntei, ainda com os olhos na estrada.

— O que foi o quê?

— Você está querendo dizer algo — falei com a esperança de provocar-lhe novamente.

— Eu — ele relutou — só queria pedir desculpa por ter te acertado naquela hora — parou novamente. — Apesar de você ter merecido, não era hora para isso...

— Oh — fingi surpreender-me um pouco —, não pensei que você fosse se redimir. Mas não era quanto a isso ao que eu me referia.

— O que então?

— Você não se conforma de me ver nesse estado de espírito no meio disso tudo ao invés de simplesmente ignorar.

E foi em cheio.

— É só que não é normal — disse ele —, a tendência é nos unirmos para nos ajudarmos...

E enquanto ele vinha com toda aquela ladainha de sempre, mais um papo sobre fazer uma colônia de humanos e blá blá blá, eu fingi escutá-lo até que de repente ele chegou a um ponto interessante depois de alguns minutos de silêncio.

— Eu queria ter conseguido pelo menos ir para outro país junto com minha irmã...

— Não mudaria muito — interrompi. — Isso foi repentino, no dia as rádios, emissoras... Tudo estava divulgando como isso estava se propagando pelo mundo inteiro, você deve ter visto, até mesmo na Austrália aconteceu.. — comentei, pois se aquele país antes já era sinistro com todos os animais e aranhas que vieram direto do inferno, imagine agora.

Ele olhou para mim naquele momento de forma mais amigável. Talvez porque eu agi mais como um animal e menos como gente com ele, sendo mais amigável. Ou pelo menos quase, se é que me entende. Não? Tudo bem; é compreensível. Humano.

— A propósito, Rodrigo... E você?

— Bento Batista.

— Nome bonito — disse ele, aos risos, talvez já achando que eu lhe daria essas confianças. —

Você é muito abençoado mesmo.

— Não é bonito, mas deve ser o que me mantém vivo. Qual é o da sua irmã?

— Minha irmã está viva...

— Jura? Como você consegue se comunicar com ela? Sabe, o meu celular parou de funcionar quando os operadores foram devorados na central de atendimento, a internet não funciona mais e, diferente de como pensávamos, esses rádios não pegam em lugar nenhum.

— Ela também é treinada.

— Bope?

— Exército.

— Interessante, mas você sabe que não quer dizer nada, já que a maior parte morreu mesmo sendo elite das forças armadas. Então, não tenha tantas esperanças, você pode acabar encontrando ela aos poucos por aí — sorri imaginando a cena é claro. Eu vejo graça até na minha desgraça, não me condene.

E ele se mostrou um pouco abalado com os comentários, mas ficou em silêncio até chegarmos ao estacionamento do quartel que ficava em Laranjeiras. Ao ver que a barra estava limpa, descemos dos carros e, quando subi no meu próprio caveirão, percebi que as crianças colocavam sua fofoca em dia na ausência de Zé e de Rodrigo.

Reagi assim que li os lábios de Vagner dizendo meu nome.

— Qual o problema?! Fala para mim, querido — falei mais alto, chamando sua atenção.

E após algo como “Não me segura, ele merece ouvir isso” Vagner se aproximou.

— Tudo bem, quer saber mesmo? Eu não to mais com paciência para aturar você — disse ele enquanto eu descia do veículo com Rodrigo estacionando o outro logo atrás.

— Se cansou então me beija logo — sorri para ele. — Ou então me dispensa.

— É isso que estou pensando em fazer.

— Espera, Vagner — interrompeu Leafar. — Não é bem assim.

— Claro que é, Lea — falei seu apelido pausadamente. — Esse cara é o mais bem treinado, ele pode mandar aqui. Mas, quem irá me acompanhar quando eu partir e quantos ficarão com vocês? — pus uma das mãos no queixo enquanto a outra apoiava o cotovelo. — Não vamos esquecer quem atira melhor aqui. Sem falar que o Zé já é do meu time.

Vagner se aproximou de mim me encarando.

— É que nós cansamos de ouvir merda de um fracassado que não fez nada da vida além de jogar videogame. Todo mundo aqui sofre por alguma coisa. Só você que parece invencível e faz questão de cutucar a ferida de cada um aqui.

Eu não acreditei que ele falou isso! Sério, eu arregalei meus olhos e levantei minhas mãos a minha defesa.

— Uh. Sabe a expressão “vaso ruim não quebra”?

— O que tem?

— Ela se aplica bem a você, garoto. Continue assim, um dia você chega ao meu nível — sorri, saindo de perto enquanto os outros dois idiotas o seguravam conforme ele me xingava.

— Qual é o problema, magricela? Gente feliz te incomoda? Dá um sorriso para a gente. Não vimos isso de você até agora — provoquei conforme caminhava ao redor do trio, torcendo para que ninguém dissesse que eu também era um pouco magro demais.

— Amor, por favor! Para! Deixa ele, você é melhor do que isso! — e adivinhem quem disse isso ao mesmo tempo em que o abraçava?! No seu lugar eu também pensaria que era o Leafar.

Mas foi aí que ele parou.

— Bento — respirou fundo —, você vai morrer sozinho um dia.

— Sozinho, acompanhado, que diferença faz, não é mesmo?

— Você vai ver como a solidão vai te destruir — disse ele.

— Bom... Você nunca passou por isso para saber — franzi as sobrancelhas —, mas se você morrer acompanhado um dia, me conta quando chegar do outro lado.

— Desculpe, mas você vai para uma parte muito mais profunda do inferno.

— Inferno? Já estamos nele, acho que não pode piorar — falei me aproximando. — Mas veja as coisas como eu vejo. É divertido! Depois de sexo, é claro. Isso quando você consegue arrumar, que no seu caso deve ser mais fácil, porém, extremamente mais tedioso.

— Vamos para o carro amor. Deixe-o falando sozinho — disse ela o puxando para o caveirão.

Eles passaram por mim e pelo meu sorriso que foi constante, até aquele nerd desgraçado bombardear calmamente meu ouvido de novo, como no dia que nos conhecemos.

— E viver sozinho, Bento? Não é pior?

Eu o encarei, mas ele passou direto sem me olhar nos olhos. E enquanto todos passavam as coisas dos carros para os caveirões, eu fiquei meio distante. Peguei minha pistola e fiquei olhando para ela enquanto a segurava com as duas mãos, observando-a de forma serena. Era só apertar um gatilho, mas eu não sabia por que era tão difícil. Esconder meu desgosto naquele momento foi inevitável, assim como esconder que eu estava distante do mundo como no início de tudo, envolvido em trevas.

Mas, por sorte, ninguém percebeu.

Estava anoitecendo e um dia em todo esse apocalipse nunca pareceu tão longo. Lembrou-me das aulas de matemática do meu professor super estressado do ensino médio, até hoje desconfio que ele fosse o Cronos, deus do tempo disfarçado, pois as suas aulas demoravam uma eternidade.

O grupo havia se dividido e eu fui de carona de um dos caveirões, enquanto Zé dirigia e Leafar se mantinha em silêncio atrás de nós. Nem todos debateram, mas também ninguém contestou que não devíamos passar a noite na igreja próxima dali, já que estávamos por perto. Você sabe, é melhor sempre fazer tudo de dia, quando há menos infortúnios famintos por aí. Entramos na São Clemente em Botafogo depois de uns dez minutos dirigindo e estacionamos ali em frente mesmo. Aqui vai uma curiosidade: essas coisas tem certo medo da igreja. Não é como se entrassem em combustão ao colocarem os pés lá dentro, mas é um dos poucos lugares em que eles são cautelosos. Seria bem legal se eles disparassem fechos de luz até explodirem, mas pelo visto nem a “Fé” mais forte pode causar isso.

Eu já tentei. A mais de cem.

Conforme o povo entrava depois de ter arrombado o portão, eu, encostado na frente do caveirão, fumava um cigarro enquanto observava a lua e seu falso brilho atrás do Cristo Redentor, que apesar de tudo ainda estava lá de pé. Eu, particularmente, sempre achei legal a visão do Cristo através dessa rua, ele fica bem próximo, sendo visto de baixo para cima, uma visão bem artística. Eu trabalhava com design de games para celulares antes disso tudo, *by the way*. O que Leafar havia me dito ricocheteava dentro da minha cabeça e aquilo estava me incomodando. Enquanto observava aquele monumento de braços abertos, eu havia me perdido nos meus pensamentos, como em várias outras vezes me questionando o porquê disso tudo. Eu também pensava no meu PSP dentro do porta-luvas do Santa Fé e em como eu estava querendo jogá-lo.

Acho que as cruzes terem o tal poder divino ao ponto de ferir essas coisas já prova a existência de uma divindade, mas... O que significa isso tudo? Apocalipse talvez? O inferno lotou? Afinal, são mortos-vivos, os zumbis e os morcegos. Devo considerar os lobisomens como demônios? Quando tudo começou, as evidências eram de que os mortos simplesmente se levantaram de seus túmulos e começaram a morder as pessoas por aí depois de invadirem suas casas. Então não é nenhum tipo de vírus pelo visto. Pelo menos não foi de dia. Senão as ruas estariam engarrafadas de carros e seria impossível para nós... Mas a minha opinião é a seguinte: eles te mordem, você morre e como o inferno está lotado, com as portas abertas aqui para o nosso mundo, você já passa direto pelo ponto de morto indo ao de zumbi. De qualquer forma, não me prendi muito a essas questões, não fazia diferença refletir sobre elas a aquela altura do campeonato e eu nunca senti a menor vontade de crer em Deus se ele me lançou propositalmente essa maldição, como parecia de fato.

Entrei ao notar que só faltava minha presença lá para voltar a semear a discórdia.

Naquela noite, havíamos tido uma pequena discussão dentro da igreja. Não daquelas que todos se desentendem, infelizmente, mas daquelas raras onde todas as pessoas concordam com alguma coisa. Sabe os mantimentos que o casal maravilha tinha oferecido? A maior parte estava ruim e nos demos conta de que precisaríamos encher as barrigas em breve. Logo, qual seria a primeira coisa a se fazer no dia seguinte? Eu queria levar Zé até sua casa depois de sumir com aquelas crianças só de raiva, mas o próprio insistiu para que fossemos primeiro ao mercado catar algumas coisas.

Ninguém conseguia se lembrar de algum supermercado próximo que estivesse inteiro ou pelo menos com algo para pegarmos. Mas como eu estava com muita fome e queria alguns luxos, decidi me lembrar de um que ficava em Laranjeiras. Marcamos para sair quando acordássemos, depois do café da manhã.

Mantivemos nossa divisão na manhã-tarde seguinte. Isso porque como não tínhamos noção alguma de hora, dormimos sei lá que horas e acordamos com aquele sol cruel que sempre castigou o Rio de Janeiro. Enquanto eu esperava no carro, pude ouvir certa discussão entre Rodrigo e Vagner, sobre o que devíamos ou não fazer conforme eles preparavam algumas coisas no outro caveirão logo atrás.

— Não existe esse lugar em Washington — disse Rodrigo —, lá também foi destruído.

— Claro que existe! Nós ouvimos no rádio quando isso tudo havia começado! — respondeu Vagner, referindo-se a algum possível boato sobre colônias ou coisa do tipo.

— Olha só — disse o capitão para o casal —, minha irmã estava voltando de lá quando isso tudo começou e a última notícia que ela me deu antes de pegar o avião foi que o país havia perdido o controle, que a notícia apenas não havia sido passada oficialmente para a imprensa.

Isso os deixou quietos.

— Esqueçam. Não existe nenhum refúgio declarado para sobreviventes. O que temos que fazer é reunir o maior número de humanos possível e tentarmos começar algo do tipo — ele disse.

E eu sorri deixando meu veneno escorrer. Nunca acreditei nesse tipo de coisa.

— Isso é loucura! — disse Vagner, se exaltando para variar. — Nunca vai dar certo!

— E o que você tem a perder se tentar? Larga de ser moleque.

E assim, Rodrigo terminou a conversa deixando-o sozinho após um violento tapa na cara com uma luva feita de palavras e subindo uns dez andares no meu conceito ao mesmo tempo em que subia no caveirão.

Sei que soa meio estranho logo eu dizer isso, mas não ligo. Até porque, todos nós somos hipócritas. O que define perante os outros o quanto você é hipócrita não é a sua hipocrisia em si e sim o quanto você não consegue escondê-la, seja em forma de palavras ou de atitudes. Portanto, não ache que alguém exagerado e até às vezes inconveniente, como eu, está sempre sendo verdadeiro. É comum possuímos pontos de vista diferentes por uma questão de escolha.

Depois de dirigir por quase meia hora, porque tínhamos que pegar caminhos diferentes devido a algumas ruas estarem bloqueadas com veículos abandonados impossíveis de serem movidos, adentramos

o estacionamento do supermercado em Laranjeiras. Eu não me lembro do nome, mas era em uma rua não muito distante da estrada. Ele era do tipo que tomava quase um quarteirão contando com o estacionamento gigantesco cercado por grades. A entrada permitia a passagem de um veículo por vez em seu terreno, sendo a mesma coisa para a saída que era ao lado, ambas divididas por uma cabine onde possivelmente ficava o porteiro. Eram duas passagens, porém, uma trancada fortemente. A outra, conseguimos arrombar com os caveirões.

Fomos até uns cinco metros da porta principal e estacionamos, mantendo uma distância segura. Naquele momento, eu observava a pistola em minhas mãos.

— Zé...

— Fala — disse enquanto puxava o freio de mão.

— Não quero continuar com isso.

— Com o quê? — nesse momento ele virou-se para mim e deixou o cigarro cair de sua boca acidentalmente, sacudindo o próprio colo antes que queimasse sua roupa. — Merda!

Hesitei por um momento sobre o que falar. Eu queria na verdade falar sobre tudo mesmo, o que estávamos vivendo no geral e como eu estava cansado. Mas eu sempre fui covarde, foquei em algo que também me incomodava para não soar tão estranho.

— Essa babaquice de andarmos em grupo... Nós sempre andamos sozinhos e estamos aqui até hoje.

— Bom...

— Eles desceram agora — interrompeu Leafar olhando pela parte de trás do carro. — Podemos relaxar por aqui?

— Vá armado, nunca se sabe — disse Zé jogando um revólver para o gayzinho, que o pegou no ar de forma atrapalhada.

E enquanto ele saía do carro pelo lado em que eu estava, Zé acendia outro cigarro junto a mim.

— Você mudou bastante — disse ele, soltando a fumaça lentamente.

— To ligado. É que agora eu passo máquina no cabelo, aí ele fica bem curto e acaba arrepiando naturalmente quando cresce.

— Está vendo? Você não consegue mais conviver com as pessoas e nem levar mais nada a sério. Era para eu estar assim devido a minha idade, não você.

— Não é nada pessoal, cara, só acho que, quanto mais gente, mais complicado fica.

E de fato, era isso também. Só que eu pensei que Zé não me entendia e fiquei batendo na mesma tecla em vez de prosseguir com a conversa.

— Como pode complicar mais? São mais olhos e ouvidos para ficarem de prontidão, mais pessoas para ajudar com os mantimentos...

— E para dividi-los — interrompi. — Acredite, será muito pior daqui para frente.

— Certo... Mas pelo menos tente. Se você não gostar, vá embora, ninguém está te segurando — disse ele olhando profunda e seriamente para mim.

— É — falei pensando no motivo de eu não ter ido ainda, apesar de já saber o porquê —, eu vou pensar bem no assunto — respondi um pouco puto, batendo com a porta do carro depois de sair.

Ele saiu em seguida, indo em direção ao grupo. Eu permaneci por ali, encostado na lateral do veículo, terminando meu cigarro. Da distância em que estávamos eu podia ouvir a conversa deles. Mas eles não sabiam disso.

— Ele está bem? — perguntou Rodrigo.

— Não — respondeu Zé.

— Talvez se eu tentar falar com ele — disse Juliana, sendo interrompida.

— Você só vai levar um fora. Deixe-o sozinho, é melhor para todos — disse Zé, com toda sua razão.

— Mas nós vamos precisar dele — disse Vagner.

— O plano envolve a todos, Zé — disse Rodrigo.

— Chamá-lo agora será pior. O cigarro dele já passou da metade, esperem terminar, com certeza ele virá.

E eu ia mesmo.

— Não aguento mais esse cara — disse Vagner —, eu vou convencê-lo — caminhou em minha direção.

— Espere Vagner — disse Rodrigo. — Não vamos criar conflitos, Zé está certo, ele conhece Bento melhor do que nós. Vamos esperar — mais um ponto para Rodrigo.

— Vai ser rápido — disse de costas, ignorando a todos.

E enquanto o grupo observava de longe, ele já chegou falando.

— Eu sei que você não gosta desse lance de equipe, mas isso é pela sobrevivência do grupo... Nós criamos um plano, precisamos que você participe... você sabe, sua participação é crucial...

— Dá um tempo, a comida não vai fugir... A não ser que sejamos nós — sorri.

O garoto se mostrou um pouco decepcionado com meu comentário ao mesmo tempo em que se segurava, mas eu me conformei ao fechar meus olhos com um sorriso.

— Eu ouvi algo na igreja ontem enquanto roubava o resto do vinho. O Rodrigo comentou do plano, não foi? Relaxa — apaguei o cigarro no caveirão. — Vamos lá — e assim, dei uma leve palmada no ombro dele —, quanto mais rápido acabarmos com isso, mais rápido eu tiro vocês, pesos, das minhas costas.

Eu sabia que precisávamos de comida, então resolvi cooperar. Eu sabia também que ele havia bolado um plano desde o dia anterior, pois chegou a comentar de novo enquanto as crianças dormiam.

— E então? — perguntei ao me aproximar com o garoto.

— Um de nós vai até a porta verificar se está tudo O.K. do lado de dentro — disse Rodrigo disfarçando um leve sorriso para mim, que foi meio gay, mas eu consegui ignorar.

Estávamos atentos ao plano e também ao redor, mesmo com as grades.

— O outro vai atrás, dando cobertura e levando a lanterna, ambos de mochila nas costas e armados. Quando chegarem, vão nos sinalizar pela lanterna — apontou para a lanterna na mão de Juliana.
— Está funcionando, não é?

— Sim — Juliana a piscou rapidamente.

As mochilas e a lanterna foram adquiridas no BOPE também, só para você saber. Infelizmente só tinham duas bolsas inteiras.

— Se estiver seguro, ambos prosseguem e sinalizam para os que ficarão no volante no caso de precisarmos de uma fuga. O quinto membro do grupo fica com o fuzil nos fundos do caveirão, pronto para qualquer coisa.

— E quem vai ficar aonde? — perguntou Zé.

— Nesse caso, eu pensei em ir com Bento até lá. Vagner e Juliana ficariam no volante, já que eles sabem dirigir e você, que é um bom atirador, ficaria no fuzil. Leafar pode dar apoio a Vagner.

— Para mim tá ótimo — falei, pegando duas pistolas no veículo deles.

— E para vocês? — perguntou Rodrigo ao grupo, estendendo a mão para receber uma das pistolas que eu havia pegado.

Todos concordaram, obviamente, e Rodrigo permaneceu de mãos vazias, é claro.

— Elas são para mim, pegue as suas — falei desprezando-o e pondo uma mochila nas costas.

Ao nos posicionarmos alguns minutos depois, paramos na porta estando Rodrigo com uma escopeta na mão esquerda e a lanterna na direita enquanto eu segurava as “duas irmãs”, se é que me entende. Lindas gêmeas sedutoras fatais.

— Está limpo? — ele perguntou de costas para mim, observando o outro lado dos caveirões enquanto nos dava cobertura.

— Não... — falei observando o lado de dentro pelo vidro quebrado.

— O que tem aí?

— Bom, o que sobrou da porta está imundo de sangue e tem comida espalhada pelo chão — respondi, ainda observando o interior.

— Vamos acabar logo com isso, Bento.

— Por enquanto, não tem nada. Dá para entrar sim.

Ele não tinha muito senso de humor, mas era tolerante. Vai ver foi por isso que simpatizei com ele. Depois de sinalizarmos para o grupo, com a lanterna, que estava tudo bem, nós entramos.

Não sei como eles estavam, mas pelo o que pude ver de longe, os garotos pareciam no mínimo levemente desequilibrados. Vagner estava com a janela aberta apoiando seu braço e usava um dos fones de ouvido enquanto o outro se mantinha pendurado. Juliana estava suando frio, segurando o volante do outro veículo com as duas mãos, enquanto Zé movia o fuzil apoiado na saída lateral para armamentos do caveirão, talvez para se acostumar com a posição.

Deixamos as portas traseiras do carro de Vagner, iguais àquelas da ambulância que eles entram e

saem com as macas, encostadas apenas. Para qualquer emergência, caso precisássemos de uma fuga.

Caminhamos um pouco pelo lado de dentro, observando com atenção o teto, o chão e os lados enquanto ele iluminava o caminho. Nada podia passar despercebido. Após caminharmos um pouco, fiquei de prontidão com as duas pistolas nas mãos enquanto ele colocava algumas coisas na minha mochila, pois havíamos enchido a dele. Eu estava de costas para ele.

— Podia aparecer um zumbi aqui — comentei, já que estava totalmente entediado com aquele silêncio e vazio.

— A gente quer se livrar e você tá pedindo mais? — disse ele, ainda pondo as coisas na minha mochila.

— Minha vida não teria sentido se não fosse para matar essas coisas — sorri girando as pistolas nas mãos rapidamente, uma de cada vez.

— Claro que teria. Um sentido muito melhor, até. Numa comunidade refeita, você poderia encontrar pessoas novas, conhecer alguma mulher...

— Não me interessa por relacionamentos — cortei-lhe rapidamente.

— Deu para perceber. É algum trauma?

O filho da puta estava caindo no meu conceito novamente por querer saber mais da minha vida. Ele estranhou o silêncio que mantive por alguns segundos.

— Não... Mas é chato quando você conhece alguém interessante e ela acaba virando comida...

— Isis, não é?

Leafar, seu fofoqueiro do caralho, pensei naquele instante.

— Como você sabe?

— Eles comentaram algo sobre você estar assim por causa da morte dela. Por isso estou respeitando quando você não quer companhia. Eu perdi um amigo ontem, Bento. Sei como você se sente.

Eles não sabiam de porra nenhuma. Eu me mantive sério para não me estressar.

— Acabou aí?

— Sim, acabei de fechar.

— Que tal procurarmos uns doces? Acho que ninguém vai ligar — sugeri mesmo, afinal, qual o sentido de você deixar para trás várias unidades gratuitas das maiores delícias do mundo que você não comprava por que eram caras demais?

— É... Tanto faz.

Após chegarmos ao corredor de doces, escolhi quais seriam os mais apropriados para os próximos dias sem que dessem uma tremenda diarreia, e ele me fez uma pergunta bem na hora que minha fome veio.

— Tá ouvindo? — ele falou mais baixo que o normal, olhando para o nada como se estivesse prestando atenção em alguma coisa longe dali.

— Foi o meu estômago — falei, já que para mim era mesmo.

— Não... Parece que tem alguma coisa em cima da gente... Fecha a mochila Bento...

Peguei uma leva aleatória de chocolates e pus na mochila antes de fechá-la. Sabe-se lá quando teríamos uma chance daquelas de novo.

Voltamos em passos largos para a entrada e, conforme andávamos, o som seguia a mesma direção, só que mais rápido. Corremos e quando chegamos à saída, nos deparamos com Zé atirando para o céu bem em cima de nós ao mesmo tempo em que Juliana gritava para ficarmos onde estávamos.

Não deu tempo para dizer nada.

Um lobisomem caiu em frente a nós e esquivou-se dos tiros de Zé, indo até o vidro de Juliana. Ele tinha a pelugem preta e era um pouco maior que o normal. Latia constantemente, enquanto segurava o veículo pela parte de baixo, querendo levantá-lo ou abri-lo, não sei dizer.

— Não faça nada... Ele pode jogar o carro longe com eles dentro — disse Rodrigo.

— Porra, ele pode jogar contra a gente.

O lobinho ouviu nossa reflexão sobre suas atitudes e se incomodou por estarmos falando pelas suas costas. Mexia as orelhas procurando a origem dos sussurros e soltou o veículo. Ao percebermos, tivemos uma conexão estranha, igual como eu tive com Zé nas outras vezes. Nós chegamos a um acordo sem ao menos trocar uma palavra. Corremos em direções opostas aos gritos, para atrair a atenção do bicho e dar tempo deles se recolocarem.

— Zé, faz alguma coisa! — gritou Juliana de dentro do carro, mas pude ouvir Zé gritando de volta que não dava, pois ele ainda estava muito próximo.

O monstro finalmente percebeu que à sua esquerda, na frente do caveirão em que Zé estava, corria Rodrigo e, à direita, em direção ao caveirão de Vagner logo atrás, euzinho aqui. Assim que o lobisomem saiu de perto do veículo, abrimos fogo contra ele, errando os tiros, pois o filho da puta era rápido e tínhamos que tomar cuidado para não nos atingirmos. Enquanto o confrontávamos, percebi Zé buscando por algo no meio dos armamentos dentro do carro, provavelmente por uma arma com munição prateada.

Bastou a minha distração para o desgraçado perceber que eu não estava muito concentrado e me perseguir.

Guardei rapidamente a pistola que segurava na minha mão esquerda, subi na traseira aberta do caveirão de Vagner e gritei para ele acelerar quando agarrei uma das portas. Ele estava tenso, pisou no acelerador com força dando uma grande arrancada e desviava com grandes curvas dos poucos carros abandonados no estacionamento, eu precisei me segurar firme naquele momento.

— Esse filho da puta é mais rápido do que os outros! — respondi, atirando em vão contra a criatura enquanto me segurava na saída da porta traseira do veículo. — Tem alguma coisa incomodando ele! Eles não costumam latir!

— Será que foi o smartphone que o Vagner ligou?! — gritou Leafar do lado de dentro, que estava ajudando Vagner ordenando as direções para o melhor caminho.

— Deve ser a música ruim! Desliga para descobriremos! — gritei de volta, enquanto guardava minha pistola sem balas ainda vendo aquele monstro vindo cheio de fome sobre as quatro patas.

Enquanto lidávamos com aquele problema, um problema maior estava se aproximando, mas nós não sabíamos. Aquele carnaval todo estava chamando a atenção de zumbis que rondavam por perto. Vários grupos se formaram a aproximadamente uns seis quarteirões dali, julgando pelo tempo em que chegaram depois do primeiro tiro, correndo em direção ao local de onde os barulhos saíam.

Depois que o garoto desligou o aparelho, o lobisomem parou de latir e aumentou sua velocidade saltando em cima de onde estávamos, amassando a lataria com o seu peso. O impacto fez com que eu soltasse uma das portas, ficando pendurado com as pernas no ar enquanto me segurava apenas com uma das mãos em um dos ferros da porta.

Rodrigo voltou a atirar de longe e Zé saiu de dentro do seu caveirão, atirando contra o monstro com uma pistola, porém, a criatura se pendurou no lado esquerdo do veículo, como uma fucking aranha na parede, que ficou desgovernado e derrapou para a grade do estacionamento depois de eu ter ficado cara a cara com aquele bafo de cão. No impacto que havia sido bem de frente, a porta me jogou para dentro e eu voei na direção do painel, torcendo para não quebrar muitos ossos naquela batida.

Aí o improvável aconteceu. Vagner pulou do banco e me agarrou no ar ao perceber que tinha perdido o controle do carro antes mesmo de batermos, evitando que o meu impacto fosse mortal.

— Seu idiota! — gritei, enquanto me colocava de pé rapidamente, tentando ignorar a dor no meu ombro — Você está bem?!

— Sim... Só pegou de leve nas costelas — disse ele, esnobando a própria dor apesar de sua voz dizer o contrário.

Porra de moleque. Não pude ter outra reação com ele naquele momento, ainda estava no meio da agitação com gritos, latidos e tiros do lado de fora. Para completar, o tempo estava fechando e trovões começaram a tomar o céu também.

— Garoto — pus a mão em sua cabeça —, eu te devo uma. — e assim me levantei, abrindo a porta do lado de Leafar, apontando minha arma para a lateral do carro enquanto ele ajudava o amigo ferido.

Assim que pus a cabeça do lado de fora depois de quase atirar no vento.

— Ele subiu! — alertei a todos com um grito.

Quando voltei minha direção para os garotos, o idiota que bancou o herói tinha se recolocado ao volante, mesmo ferido, e Leafar estava inconsciente. Mas quando me dei conta, Zé e Rodrigo já atiravam para cima do caveirão enquanto o policial gritava desesperadamente para eles saírem de lá. Antes que Vagner pudesse olhar para a janela, o monstro atravessou o vidro com seu forte braço e o agarrou pelo tronco com sua pata gigantesca, arremessando-o para o lado de fora. Enquanto ele capotava no chão, Zé e Rodrigo se aproximaram, gritando ao mesmo tempo em que atiravam, para tentar intimidar a criatura. Eu puxei Leafar mais para trás e vi Juliana, desesperada, saindo em alta velocidade do outro caveirão com um facão na mão enquanto gritava e chorava.

O lobisomem pulou de cima do veículo para trás de Vagner, fazendo com que Zé e Rodrigo cessassem fogo imediatamente, já que nós estávamos atrás do lobisomem, no caveirão. Aquele filho da

puta era mais esperto do que os outros. Fiquei puto ao ver aquela porra nos vencendo daquele jeito, então pulei em um mergulho pela janela estilhaçada, me agarrando nas costas dele e fazendo com que ele se desequilibrasse, dando alguns passos para frente. Antes de dar seu terceiro passo, ele tentou me acertar com suas garras por cima dos ombros. Eu pulei rapidamente, rolando no chão e atirando em seguida com a outra das gêmeas que eu tinha guardada na minha cintura, ainda carregada, mas ele recuou esquivando-se dos tiros ao mesmo tempo, que também foram disparados por Rodrigo e Zé.

Porra, se tem uma coisa que me deixa puto é quando algo que eu quero matar não morre.

Ele escalou o mercado em menos de cinco segundos enquanto eu me levantava e se escondeu no teto quando precisamos recarregar as armas.

— Eu vou empalhar esse aí e por na sala — disse Zé.

Eu estava num ponto em que não sabia ao certo o que fazer com ele. Acho que pensava em colocá-lo em um jogo como no filme Jogos Mortais ou então numa aula com aquele meu professor lá, o Cronos... É equivalente, qualquer um seria ótimo.

Agachei-me para ver como o garoto estava, após ter pedido para Leafar ir até o outro caveirão e esperar no volante, mas a garota me empurrou, surpreendendo-me, abaixando-se perto dele, pondo sua cabeça próxima de suas pernas, quase que em seu colo. Eles ficaram se olhando de ponta-cabeça em silêncio até que ela teve forças para falar.

— Amor — ela falou soluçando, tremendo dos pés a cabeça.

Eu pude ouvi-lo bem baixo, chamando-a por um apelido carinhoso, dizendo para não se preocupar. Ela tremia por vê-lo com as roupas rasgadas e arranhões pelo corpo inteiro.

— Você está muito machucado... Eu... Eu preciso cuidar de você — disse ela, perdendo a voz e o controle enquanto acariciava o queixo dele.

Aí ele pôs uma de suas mãos trêmulas suavemente no rosto dela com um singelo sorriso.

— Ele não me mordeu e nem me arranhou... Eu vou ficar bem, amor...

Eles prenderam totalmente minha atenção naquele momento.

Zé e Rodrigo subiram no teto do caveirão batido que estava mais distante do prédio para tentar localizar o monstro. Percebi que seria melhor se eu os ajudasse, então decidi tomar uma atitude que já deveria ter tomado há muito tempo com aquele garoto, que sempre lutou pelo o que era certo, apesar de fazê-lo da forma errada.

— Vagner.

— Bento...? — surpreendeu-se.

— Agente firme... A sua participação é crucial — falei sem olhá-lo nos olhos, mas acho que ele entendeu a mensagem. Afinal, ele que havia a criado.

— O que... deu em você? — perguntou ele, quase perdendo a voz.

— Nós somos uma equipe, não é? — respondi, e ele sorriu.

Falei para Juliana levá-lo até o caveirão onde estava o nerd e para que ficassem lá até que nós

acabássemos com aquele bicho. Esperei ela o levantar para escoltá-los até o veículo, mas ao dar o meu primeiro passo para o lado, antes que Juliana pudesse ajudá-lo a se levantar, Rodrigo e Zé gritaram ao mesmo tempo os nossos nomes enquanto atiravam freneticamente para o alto. Percebi a sombra do monstro passando por cima de mim em alta velocidade e quando levantei a arma enquanto Zé e Rodrigo corriam até nós, o lobisomem pulou sobre a cabeça de Vagner esmagando seu crânio, olhos, nariz, dentes superiores e cérebro no chão, deixando apenas seu maxilar ainda de pé com os dentes de baixo e sua língua pendurada.

O sangue espirrou no rosto de Juliana e, depois de um trovão, a chuva caiu.

Todos ficaram paralisados. Um de nós havia morrido. Na nossa frente. Havia acabado. Não tinha mais o que se fazer em relação a ele, agora era lutar pela nossa sobrevivência. Esse seria o pensamento de um líder, é claro, mas eu nunca fui líder de porra nenhuma senão de mim mesmo.

Então, para mim a única coisa a se fazer naquele momento era a vingança.

Ao perceber que se atacasse Juliana ele seria acertado, o monstro tentou correr para a direção lateral da garota após ter abocanhado um pedaço da carne de Vagner, mas felizmente Zé havia sido mais rápido, ele também estava tão puto quanto eu. Acertou um tiro preciso em uma das patas da criatura, que caiu no chão. Rodrigo acertou mais dois antes que aquela aberração pensasse em reagir, um na mesma ferida e o outro na outra pata, fazendo-a cair no chão.

Arrastou-se apenas com as patas da frente enquanto gemia como um cão ferido. Ele levou mais três tiros, um em cada pata da frente que ainda estava inteira e mais um em uma traseira, o que garantiu que aquela pata não lhe seria mais útil nunca mais. Esses últimos disparos foram meus. Caminhei em direção ao monstro com uma frieza que eu não sentia há muito tempo e ao passar por Juliana que estava paralisada, sem ao menos desviar o olhar da criatura, eu soltei minha pistola e peguei o facão que a garota havia largado no chão.

Zé e Rodrigo observaram de longe, em silêncio.

Apenas ouvia-se o barulho da chuva fraca, meus passos e os gemidos de dor daquela coisa, que olhava para mim tentando se afastar com um aparente medo.

— Agora você vai ficar choramingando? — chutei o rosto da criatura, arrancando-lhe uns dentes com umas boas gotas de sangue.

Leafar, que antes recuperava a consciência, saiu do carro e foi até Zé. Falou alguma coisa que provavelmente era ligada a me impedir e que foi ignorada.

— Eu estou cansado de vocês — falei, acertando brutalmente um golpe de faca no pescoço do lobisomem, que agonizou por pouco tempo enquanto gemia.

Sim, por pouco tempo. Um tiro de revólver havia lhe silenciado. Notei que o lobisomem havia morrido pelas mãos de Leafar. Ele abaixava a arma que ainda exalava fumaça pelo cano. Acho que era o revólver que Zé havia lhe dado para ele se proteger. Eu soltei o facão imediatamente e fui em direção a ele.

— Nã-não se aproxime! — gaguejou ele, apontando o revólver para mim, achando que me convenceria.

Rodrigo e Zé se prepararam, eles sabiam que iria dar merda. Mas não se meteram. Apenas ficaram a postos. Fiquei próximo a Leafar, com o cano quase que se encostando à minha cara enquanto ele ainda tremia.

— Por que você fez isso? — perguntei, sendo curto e grosso.

Ele lacrimejou, mas manteve sua voz firme também me encarando.

— Por que *você* fez isso?

— Você não reparou? O Vagner foi morto por aquela merda ali — aponte para trás com o polegar por cima do ombro, ainda o encarando.

— Aquela merda ali já foi humana um dia... Ela estava chorando e sofrendo enquanto você a torturava — e aí, ele começou a soluçar em silêncio.

— *Acorda porra!* — gritei, agarrando-lhe pela gola da blusa com as duas mãos e o prensando contra a lataria do caveirão — *Nós* somos humanos! Eles *eram* humanos! Agora não passam de aberrações sem alma, que só matam e destroem tudo!

Aquele idiota manteve-se firme, apesar do silêncio, e depois de engolir seco, falou olhando nos meus olhos:

— Por você ainda ser humano, que estou tentando te alertar... Você também tem sido algo que só mata e destrói desde quando?

Ele me olhava de tal forma que eu podia ver o meu reflexo em seus olhos. Tudo o que eu pude enxergar foi um rosto perdido.

— Essa é a nossa natureza, não é? — perguntei, quase que exigindo que ele concordasse comigo.

— Só se você se permitir continuar assim...

Ele não desviou o olhar nem por um segundo.

O larguei após bater com seu corpo contra a lataria e, depois de sair de perto, pressionei meus dedos contra meus olhos para tentar me livrar daquela dor de cabeça que estava me dominando. Ao mesmo tempo, percebi Zé falando com o fagote.

— Não se preocupe — apoiou uma de suas mãos no ombro dele —, mantenha-se firme. — e aí, ele foi até Juliana, que ainda estava no mesmo lugar, de joelhos na chuva.

Rodrigo passou por Leafar sem dizer uma palavra, apenas lhe sinalizando respeito com a cabeça. Também foi na direção da garota. E enquanto a levantavam, nós ouvimos algo. Não era um trovão e muito menos a chuva. Eram passos de mais ou menos uns seiscentos corpos sem vida correndo em nossa direção.

— Rápido, temos que sair daqui! — gritou Rodrigo.

— Zumbis! Corram para o carro! Vão! — gritou Zé, guiando a garota até o caveirão onde Leafar estava próximo.

Mas eu não podia deixar aquele garoto ter morrido em vão, mesmo que o motivo fosse idiota. Eu corri para o caveirão batido depois de eles terem entrado no outro. Joguei minha mochila no banco ao lado, tranquei as portas dos fundos e gritei para eles irem se adiantando. Assim que demos partida e nos movemos nos primeiros metros até a saída, vimos aqueles montes de zumbis virem de todos os lados cercando as grades do estacionamento do mercado. A única saída disponível estava com inúmeras filas de mortos-vivos correndo em sua direção, prestes a adentrar o local.

Ninguém sabia como sair dali naquele momento e eu era o que mais corria perigo, pois minha janela estava quebrada.

Saí do carro deixando a porta aberta ao me posicionar com o caveirão ao lado do corpo do lobisomem que havíamos matado. O grupo gritava para que eu me apressasse.

— Rápido! — gritou Rodrigo após abrir a sua porta e estender a mão para mim.

Deixei-o, dizendo que ainda daria para salvar a outra carga e pedindo apenas para que me dessem cobertura. Ele gritou que eu era maluco e tal, mas entendeu o recado, fechando a porta.

Rodrigo havia trocado de lugar com Leafar e manobrava rapidamente conforme Zé atirava com um fuzil contra os inúmeros zumbis que entravam pelo caminho principal através do suporte para os canos das armas no caveirão, atrasando-os um pouco. Ao mesmo tempo, eu arrastava o corpo daquele lobisomem pelas pernas até o meu veículo. Alguém deve ter perguntado de mim lá, porque ouvi Leafar gritando para um deles que eu já estava voltando para o carro e perguntando se alguém sabia por que eu estava arrastando pelas pernas um defunto de lobisomem. Ao me aproximar do meu caveirão, pus as patas traseiras estouradas daquele bicho penduradas na janela quebrada da porta que estava aberta e, após eu entrar, fechei a porta conforme puxei o corpo para mim, tendo uma dificuldade fodida para levantá-lo.

— Não vai dar tempo, Bento! — gritou Leafar, atirando junto a Zé, só que pela janela do carona, deixando uns cinco entrar enquanto ainda detinham os das grandes fileiras.

Rodrigo largou a direção, deixando o caveirão parado, e se juntou a Leafar na janela, abrindo fogo e reforçando o grupo. Eles gritavam para que eu me apressasse e quando eu consegui puxar o corpo até que suas coxas chegassem à janela, já a tampando parcialmente, três dos zumbis que haviam passado chegaram se pendurando no corpo, fazendo com que o peso aumentasse, abaixando o defunto novamente e me puxando junto, deixando-me de frente para eles, cara a cara.

O pessoal gritava pelo meu nome, achando que eu levaria uma mordida na cara, mas eu fui precavido.

Assim que fiquei de frente para eles, saquei a doze que deixei perto do câmbio e acertei os três ao mesmo tempo, fazendo-os voar longe.

— Já era! Agora não dá mais! Vai! Vai! — gritou um deles que não consegui diferenciar a voz no momento, já que as centenas de zumbis que adentravam o local roubaram minha atenção.

Eles então aceleraram, atropelando uma boa parte dos que entravam e, nesse momento, eu finalmente havia conseguido puxar o corpo daquele bicho até a cintura na janela, fazendo com que seu grande tronco a tampasse totalmente. Sentei-me ao banco do motorista assim que o buraco foi fechado, mantendo minha escopeta por perto.

— Mas que merda! — gritei isso e algumas coisas mais pesadas enquanto dava ré, pois a bunda de um lobisomem morto estava empinada perto do meu rosto.

O caveirão deles forçava a saída com a metade do carro para fora do estacionamento, passando por cima de vários corpos enquanto outros mortos-vivos se penduravam no veículo. Pude ouvir os gritos deles no meio dos gritos dos zumbis, já que eram palavras ao invés de gemidos e urros raivosos.

Enquanto os que haviam se pendurado lá batiam nos vidros blindados, percebi que algo estava em cima do corpo da minha janela. Não demorou muito para que se pendurassem também no meu caveirão e batessem nos vidros. Ao olhar para frente, percebi o grupo perdendo a força devido à quantidade imensa de corpos que se amontoavam na sua frente.

— Vocês vão me desculpar... Mas não precisam me agradecer.

Acelerei, pintando o chão de preto com meus pneus e acertei violentamente o caveirão deles que já estava quase parando, fazendo-o ganhar velocidade novamente após o impacto já que mantive a aceleração, resultando com que vários zumbis à frente fossem atropelados e que provavelmente quem estava sentado colasse as costas nos bancos.

Ouvi coisas como “Está funcionando!”, “Estamos conseguindo!” e “Mas que porra!” vindo de lá e eu encostava meu pé no carpete do carro devido ao acelerador já tocar o seu limite.

A merda foi que acordamos bem tarde naquele dia e ali tinha acabado de anoitecer. Provavelmente esses ratos que voam sentiram o cheiro do sangue de Vagner no meio do cheiro de sangue podre que se espalhou com a chuva e saíram de suas tocas, que eram os monumentos abandonados da cidade, para irem até onde a guerra estava acontecendo.

Vi pelo retrovisor, embaixo do sovaco podre de um zumbi, alguns que pousavam sobre o corpo de Vagner, tomando suas formas humanoides. Outros percebiam os roncos de motores e vinham em direção ao tumulto.

Eu não podia fazer nada, senão pisar mais fundo ainda com minha doze em mãos e torcer para que eles tivessem percebido o vidro deles rachar.

Havíamos saído do estacionamento e seguíamos pela rua que estava lotada de corpos, com uma lerdeza ridícula de 15 quilômetros por hora. Notei o meu vidro do carona também rachando e preparei a doze. Ouvi algumas batidas no teto e percebi que eram morcegos descendo, transformando-se no ar, pois outros também faziam isso no carro da frente. Os zumbis tentavam lhes atacar também, mas esses putos são mais espertos. Eles destroçam os zumbis com suas garras como se fossem lixo e, diferente dos mortos-vivos, eles procuravam por brechas específicas para entrar nos veículos. Eu já estava suando frio ao notar o velocímetro baixando novamente e vi muitos zumbis sendo arremessados pela janela lateral rachada.

Eu estranhei, logicamente, e me abaixei um pouco para ver o que estava rolando por ali, esquivando-me daquela bunda nojenta ao mesmo tempo em que tentava não inalar o cheiro daquelas patas estouradas. Percebi muitos morcegos sobrevoando por ali e levei um puta susto com um punho cinza de unhas grandes acertando o vidro violentamente.

Aí eu comecei a ter dúvidas sobre a nossa sobrevivência.

Leafar foi o primeiro a gritar que vampiros atacavam e isso me aliviou um pouco, pois tive a certeza de que notaram o que nos cercava. Aliviou-me de certa forma, porque eles tinham a maior parte das coisas e meus chocolates com Rodrigo. Ficamos mais uns segundos nessa situação, dessa vez só com os gritos das criaturas do lado de fora. O silêncio parecia o luto já adiantado para a nossa velocidade que diminuía cada vez mais, mas aí, a esperança veio em alta velocidade de longe, atrás de nós.

Olhei pelo retrovisor e entre pernas, braços e partes podres penduradas pelo fundo, quando achei que tudo estava perdido, vi minha Fé voltando do desconhecido. Preta, com uma cruz radical gigante riscada no centro do capô, teto, nas laterais e na traseira.

Por isso aquela gostosa me deixou na van, ela quis meu bem mais precioso só para ela. É compreensível.

— Não acredito — comentei comigo mesmo, sorrindo gradativamente enquanto uma lágrima imaginária escorria em um dos meus olhos —, ela voltou! Você é mesmo um anjo que caiu do céu para mim!

Aí o impacto chegou. Eram três carros em fileira agora e, com a ajuda do último, os dois da frente aumentaram sua velocidade novamente, pegando a força de volta. Pude ver através do vidro traseiro deles as caras de felicidade ao notarem que estávamos andando de novo e vi Zé gritando algo que não pude entender, mas ele balançava uma doze contra a janela traseira com um grande sorriso, diretamente para mim. Mais alguns zumbis rolando pelas laterais e lá estávamos em alta velocidade na direção dos prédios do outro lado da estrada. Rodrigo fez a derrapagem para voltar à estrada e eu fui logo atrás, seguido daquela deusa de pele da cor da neve.

— Isso, porra! — gritei comemorando. — Não preciso mais dessa merda — e empurrei com alívio aquele corpo que tampava minha janela para a estrada, fazendo-o rolar enquanto prosseguíamos.

Olhei pelo meu retrovisor lateral e pensei: é aqui e agora.

Joguei o carro para o lado e baixei a velocidade ficando ao lado do Santa Fé. O meu vidro que estava rachado do outro lado se quebrou com um soco de um vampiro que ainda estava no teto. Eu te disse, não disse? Eu detesto muito mais essas merdas, já era a segunda vez que eles interferiam num possível encontro que estava no papo. Olhei para a direita, apontando a doze, e quando um deles entrou em um salto, saiu da mesma forma com um tiro que o fez rolar pelo chão, ficando para trás conforme pintava o asfalto de vermelho.

E aí eu percebi o quanto que eu estava fodido, pois vários morcegos sobrevoavam por ali ainda.

Nós dirigíamos na direção de Botafogo novamente, pois pela praia teríamos mais espaço para uma eventual batalha e as luzes dos postes ainda funcionavam. Zé e eu sempre tivemos esse pensamento e ele devia ter dito isso a Rodrigo que estava no volante. Alguns morcegos tentaram entrar e todos foram estourados com aquele belo tiro de *shotgun* que sai levando tudo na ignorância. Mas eu estava ficando sem munição. Deveria ser *shotgun* no nosso idioma também, é um nome muito mais poderoso.

Quando minha munição se esgotou, minha única opção foi pegar a mochila pela alça e a balançar no

ar, para não deixar nada se aproximar de mim.

— Bento! Pula! — gritou uma voz que veio do meu lado esquerdo.

Sim, do Santa Fé. Como eu já imaginava, era a linda mulher que havia me salvado e roubado. Ela estava quase encostando o meu carro ao caveirão e manteve a janela do carona aberta, para que eu passasse pela minha até lá.

É claro que eu não pensei duas vezes, após pôr a mochila de escudo no meu braço direito, me defendi de um rasante de um dos infelizes e passei me apertando pela janela rapidamente. Caí no banco e me mantive abaixado, pois aquela maluca sedutora estava com uma pistola apontada para a janela. Baleou três morcegos que tentaram entrar e fechou o vidro pelo comando automático, enquanto o caveirão capotava após ter perdido o controle atrás de nós.

— Olha só, nos encontramos de novo — sorri para ela, sedutoramente, enquanto me ajeitava no banco.

— É, nem eu — disse ela, fingindo muito bem o desânimo, ainda olhando para a estrada enquanto o clarão da explosão do caveirão iluminava a nossa frente por alguns segundos.

Apesar de os vidros do Santa Fé serem escuros, o frontal não possuía película e era possível enxergar tudo perfeitamente de dentro para fora e de fora para dentro. Leafar viu que eu havia passado para o outro carro e avisou aos outros, para que não parassem provavelmente, pois eu estava bem. O que eu não tinha percebido era que a janela deles tinha quebrado nesse meio tempo e Zé atirava para o lado de fora mantendo os morcegos no seu lugar.

— Vamos para o lado deles, assim fica mais difícil deles entrarem na janela — comentei com ela.

— Só dificulta, não impede. Se um passar, eles não vão atirar, pois podem nos acertar. É melhor ficarmos por aqui.

— Que nada, mulher, você enlouqueceu?! Eles dão o jeito deles!

— Acho que eles já estão dando o jeito deles.

Quando olhei para frente, vi Leafar posicionando o grande escudo da polícia que havíamos usado de base para levar as armas quando as pegamos até a janela, tampando-a. Zé recarregava a doze enquanto dizia algo para Leafar, o que fez tirar o escudo novamente e permitiu que Zé voltasse a atirar. Eu não sabia se a grande ideia era ir assim até chegarmos a algum lugar, mas se fosse, seria estupidez. É claro que não era. Zé estava comandando e eu fui um idiota de tê-lo subestimado. Leafar, que havia se abaixado com o escudo, levantava-se novamente, dessa vez com o escudo riscado com uma grande cruz em seu centro. Enquanto ele o segurava na janela, Zé procurava por algo para segurar o escudo. Eu estava estranhando, pois Juliana estava quieta demais. Ela permanecia em choque, mas não ouvi uma palavra sequer, um choro. De qualquer forma, Zé havia pegado uma metralhadora no meio das armas que havíamos catado e a pôs no chão, presa na base do câmbio, mantendo seu cano pressionando o escudo bem em seu centro, que também era o centro da cruz, segurando-o como uma alavanca. Enquanto isso, Leafar riscava cruces com o facão no resto dos vidros, para que eles não se aproximassem mais.

Aquele garoto estava ficando esperto.

Porém, Zé via algo com Rodrigo à frente e ele rapidamente veio até a janela dos fundos, me sinalizando que o combustível deles estava acabando. Para nos prepararmos caso eles precisassem parar.

Passávamos pela Pinheiro Machado, uma rua larga em Botafogo, quase na praia. Havia algumas igrejas lá por perto e pelo o que conheço de Zé e seus poderes de argumentação, iríamos parar na primeira assim que desse. De acordo com minhas memórias, a mais próxima ficava na primeira saída da praia, contornando o quarteirão. Pedi para que a garota apenas os seguisse e ela concordou com a cabeça, sem ao menos olhar para mim.

— E então... — perguntei após alguns segundos de silêncio. — Como você encontrou a gente?

— Estranhei vários zumbis de repente tomarem o mesmo rumo. Logo em seguida ouvi gritos e tiros, não imaginava que você estivesse no meio.

— Ah sim. Como eu estava sentindo falta do meu carro.

— Não é seu carro.

E assim, ela declarou guerra após já ter provocado aquela primeira batalha quando pegou o que era meu.

— Sempre foi e eu o quero de volta — falei, pegando uma pistola que eu deixava guardada embaixo do banco de carona e que, por sorte, ainda estava lá. — Mantenha as mãos no volante e quando chegarmos, eu decido o que faço com você — falei, apontando o cano para a sua cabeça.

Caso não tenha percebido, quando eu fiz todos aqueles elogios ao ver o Santa Fé se aproximando, era para o carro mesmo. Eu não fazia ideia de quem era essa vadia.

— Tá difícil de ver que eu estou do seu lado? — perguntou ela, após soltar a pistola, me encarando com aqueles grandes e lindos olhos azuis.

— Do meu lado naquela noite? Sim. Mas eu acordei sozinho, era para ser o contrário, não acha?

Ela se virou para frente e, antes que eu pudesse piscar, tomou a pistola da minha mão, freando bruscamente em seguida, o que fez com que eu fosse de cabeça contra o vidro e caísse no chão do carro. Médica meu pau, ela me machucou de verdade. Levantei sedento para lutar e quando olhei para cima, vi o cano de pistola na minha cara.

Game over.

— Eu voltei para te buscar, mas você não estava mais lá... — disse ela, olhando para a estrada, aparentemente confusa — É que... Eu precisava ficar um pouco sozinho...

— Com as minhas coisas?! Me deixando na merda?

— Suas coisas estão ali atrás...

Quando olhei para o banco traseiro, vi meu blazer com a camisa antiga. Algumas armas ainda estavam ali e até os mantimentos, mais armas e munições, estavam no porta-malas.

— Você... Os lavou?

— Claro que não, eu não sou sua empregada — suspirou. — Foi uma limpeza preventiva de leve,

para desinfetar.

Daí ela se calou, ainda com um olhar tenso para a estrada. Mas eu nunca levei jeito para agradecimentos, foram pouquíssimas as vezes em que senti vontade de agradecer alguém por algo que realmente me deixasse feliz.

— Bem... Nesse caso... Valeu — falei tentando disfarçar minha surpresa. — Eu exagerei um pouco então em ter te assustado agora com a arma na sua cabeça, né? — ri para ela, tentando descontraí-la.

— Você não tem colhões para intimidar alguém — ela falou —, agora senta antes que eu o faça sair da mesma forma que você entrou.

Isso me fez calar a boca.

Eu nunca vi em toda minha vida uma mulher com tanto peito. Literalmente. De repente, ela freou de forma brusca. Eu voei novamente contra o painel, reclamando sobre mulheres no volante porque achei que ela dirigia mal, não por pensar secretamente que ela dirigia melhor do que eu. Quando me levantei, percebi o caveirão parando na nossa frente, bem devagar. Os vampiros sobrevoavam por cima de nós sem tocar nos veículos.

— Agora é só esperar amanhecer pelo menos — comentei espreguiçando-me. — E então? Qual o seu nome?

— Não interessa.

— Prazer, Não Interessa. Bento Batista — olhei para ela dos pés a cabeça tentando disfarçar, mas travei em seus seios.

Aí ela levantou a arma para mim novamente.

— O que foi?! — perguntei sem conseguir desviar os olhos totalmente.

— Idiota, mantenha seus olhos aqui — mexeu a arma como se balançasse o que decidiria minha vida naquele momento. — Eu não vou te matar, mas posso te fazer um belo estrago se continuar com essa merda — aí ela pegou um par de algemas debaixo do banco.

— Eu duvido. Para quem voltou com meu carro e minhas roupas lavadas, você parece mais uma dona de casa que...

E só deu tempo de dizer isso, ela encostou o cano da pistola que usou uns minutos atrás no meu pescoço. Estava fervendo.

— Mas que mer...! — tentei gritar, sendo interrompido quando ela enfiou o cano da arma na minha boca, quase me arrancando alguns dentes.

— Cala a boca — disse ela, me algemando com sua mão livre enquanto me encarava.

E aí eu calei mesmo. Eram raras as mulheres que me satisfaziam ao ponto de me manter quieto e essa, como pode notar, conseguiu em todos os aspectos. Também porque fiquei perdido nos pensamentos pecaminosos ligados às algemas.

Calado, algemado e sem muito o que fazer, abri o porta-luvas, pois lembrei de algo sagrado guardado ali. Meu amado PSP. Só não lembrei que estava sem bateria é claro. Guardei-o triste, pensando

que devia escrever um lembrete para procurar um carregador em alguma loja por aí quando isso tudo acabasse.

Aí, voltei a pensar na Não Interessa.

Eu não conseguia entendê-la... Você conseguiria? Primeiro ela te salva, sendo ela incrivelmente gostosa, vale lembrar. Daí ela te abandona praticamente num mundo apocalíptico e, de repente, te salva de novo, trazendo seu carro, suas roupas lavadas e dizendo que voltou na primeira vez, mas que você não estava mais lá. Porra! Minha cabeça estava explodindo naquele momento. Meu cérebro suava mais do que quando eu tentava aprender física pela primeira vez, então eu deixei meu orgulho de lado e perguntei a ela algo mais direto.

— O que você quer afinal?

— Como assim o que eu quero?

— Por que não saiu da cidade ainda? Você conseguiu o melhor carro, as melhores armas... Tá perdendo seu tempo aqui.

Quando eu terminei de falar, ela parou de me olhar nos olhos e pareceu perdida olhando para frente de novo.

— Cibelle.

— Quê?

— Meu nome é Cibelle.

Ela era diferente da maioria que eu conheci até aquele momento. Na verdade, de todos ali, achei que ela era a que se parecia mais comigo, mesmo sendo a que eu conhecia menos. Ela também buscava algo indeterminado e não conseguia disfarçar isso.

— Seu nome é bem raro...

— Agradeça aos meus pais quando os encontrar no inferno — disse, com um sorriso falso.

Foi a primeira vez que a vi sorrindo, apesar de eu achar naquela hora que aquele rosto era familiar. Foi a primeira vez que vi seu rosto completamente também, já que até aquele momento eu só a tinha visto de máscara.

— Vou até lhes presentear — falei, encostando-me ao banco.

Não tínhamos muito que fazer naquele momento, senão esperar. O pessoal no outro carro estava bem quieto e não podíamos ver ninguém além de Rodrigo de costas, pois Zé e Leafar estavam abaixados, provavelmente consolando Juliana. Notei que ela ficou me olhando de rabo de olho, mas permaneci olhando para frente e fingi que não vi.

Ela me puxou com violência pelas algemas e me soltou.

— Não faça gracinhas — disse me encarando.

Foi difícil segurar uma resposta ou então uma cantada, mas eu consegui.

— Não farei — sorri para ela, ainda com minha cara venenosa, não dá para mudar totalmente de um segundo para o outro. Sorte que ela entendeu meu tom de voz.

Fiquei olhando-a por algum tempo, até que ela se incomodou. Mas eu não estava a secando, por incrível que pareça. Acredite em mim, eu não estava mesmo de olho no corpo dela. Não nesse momento. Minha observação era muito mais profunda e não quero dizer dentro da camisa dela nem nada.

— O que foi?!

— Nada... Eu só...

— Você só o quê?! Estava tentando ver meus peitos de novo? Vai ficar feliz se eu os mostrar para você? — ela se exaltou conforme se aproximava balançando a pistola novamente.

E eu recuei intimidado, admito. Não pela pistola ou pelo medo de levar um tiro, morrer etc. Mas ela ficou em um estado diferente do que ela era normalmente. Sabe quando alguém fica com raiva muito fácil? Parecia TPM. Pensando bem... Mulheres viram alvos naqueles dias!

— Bom... Não posso mentir dizendo que eu não ficaria feliz com isso... Mas o que eu estava tentando ver na verdade eram seus olhos.

Gay! Muito gay, pode falar. Pois é, aqueles dias me mudaram aos poucos, eu não pude evitar. Era verdade.

— E por quê? — ela desviou o olhar novamente, parecendo um pouco constrangida por ter sido hostil daquele jeito.

— É que todos parecem ter medo da morte... Mas você é diferente. E de qualquer forma, eu tenho quase certeza de que conheço você...

Viu? Eu estava mudando.

Dias antes daquilo eu nunca teria tentado entender alguém só porque eu me identifiquei com a pessoa ou coisa do tipo. Não estou dizendo também que foi isso, só para deixar claro. De qualquer forma, nós ficamos em silêncio, eu por esperar uma resposta e ela por ser óbvia com sua timidez momentânea que não eu não fiz ideia do motivo.

Aí, ouvimos gritos.

— Bento!

Olhamos para frente assim que pulamos no banco com o susto e vimos Rodrigo, Zé e Leafar saindo do carro atirando contra alguns morcegos que foram para cima.

— Mas o quê...? O que houve?! — gritei, saindo do carro rapidamente após pegar uma das pistolas.

Enquanto eu ajudava o pessoal, Cibelle ficou para trás. Ela parecia ter paralisado ao ver aquilo tudo, mas não chocada. Apenas assistindo mesmo.

— A Juliana! Ela se transformou! — gritou Rodrigo.

— Como assim?! — perguntei acertando um morcego com o cabo da pistola após desviar do seu rasante.

Saiu do caveirão após ter arrancado a porta do motorista fora, Juliana, transformada em uma aberração peluda, forte e selvagem. Estava descontrolada, acertando vários morcegos ao mesmo tempo

em que batia no veículo. Nesse momento, Cibelle pareceu ter voltado a si e, antes que chegasse onde nós estávamos, a fera se aproximou descontrolada.

Eu esquivei dos golpes aleatórios, jogando-me no chão ao mesmo tempo em que atirei, atingindo-lhe no ombro, mas Rodrigo foi acertado, voando contra o carro, vomitando uma quantidade considerável de sangue em seu peito, o que foi o suficiente para chamar a atenção de todos os morcegos dali. Ele também desmaiou, para completar o drama. Leafar e Zé atiravam contra os morcegos tentando mantê-los afastados de Rodrigo.

— Merda! — gritei ao desviar novamente de Juliana, correndo em direção a Rodrigo.

Ela tentou me perseguir, mas foi morta por Cibelle com apenas um tiro na cabeça, caindo no chão e chamando a atenção de parte dos morcegos sedentos.

Mais um de nós.

Porém, durante o percurso, fui cercado por alguns que tomaram suas formas humanoides na minha frente.

— São muitos! Temos que voltar para o carro! — gritou Zé.

Leafar tremia dos pés a cabeça, segurando com as duas mãos o revólver que havia usado. Ele estava chocado ao vê-la sendo devorada pelos morcegos, era a terceira perda dele desde que eu o conheci. Zé parecia cada vez mais frio e eu tentava manter minha concentração conforme recuava, enquanto aquelas coisas caminhavam na minha direção. Dois tentaram avançar de forma seguida e ambos levaram um tiro na cara. Não os matou, mas os fez recuar. Aí eu ouvi Cibelle gritando.

— Abaixa! — e quando olhei para trás, fui empurrado e usado como degrau por ela, que pulou por cima deles e alcançou Rodrigo.

Eu a xinguei enquanto levantava minha coluna novamente, mas minha expressão furiosa se esfarelou ao ver Cibelle puxando Rodrigo, tentando acordá-lo com tapinhas no rosto. Eu teria ignorado se fosse com qualquer outro, mas... O rosto dela transmitia dor.

Só de olhar aquilo.

A distração que tive fez com que eu simplesmente esquecesse os vampiros que estavam na minha frente. Fui atacado pelo grupo inteiro e minha única reação foi cair para trás, apoiando-me na minha única mão livre enquanto que com a outra eu aponte a pistola e atirei. Sem olhar para onde. E com esse tiro, todos foram arremessados para trás. Fiquei confuso, olhei para dentro do cano da minha arma e não entendi que merda aconteceu ali.

— Você não acha mesmo que isso tudo saiu daí, né? — perguntou Zé, que se aproximou me dando cobertura com sua doze.

— Por um momento, achei que eu tinha me superado — comentei, sorrindo por ver que Zé parecia ter voltado a si enquanto eu me levantava. — Cadê o Leafar?! — eu o chamei de Leafar naquele momento e mesmo com toda essa confusão, estranhei.

Porém, ignorei.

— Ajudando a garota — ele olhou em volta após responder. — Estamos cercados...

Rodeados de vampiros. Zumbis chegavam correndo de longe devido ao barulho e o fagote cuidava de Rodrigo, ficando de guarda na porta arrombada após tê-lo sentado dentro do caveirão no banco do motorista. Cibelle se aproximou do lado de fora do grupo de vampiros que nos cercavam naquele momento.

— Não adianta lutar! — gritou. — Temos que sair daqui — atirou de escopeta em uma nuvem de morcegos que se aproximou.

Ela estava certa.

Zé e eu nos olhamos e atiramos contra os joelhos das três criaturas que estavam mais próximas umas das outras na direção de Cibelle por sorte, fazendo com que elas caíssem de quatro no chão. Eu pulei por cima após correr. Quando me aproximei de Cibelle, fiquei de costas para ela, atirando também contra os zumbis que vinham de longe, enquanto ela cuidava das nuvens de morcego em cima. Quando Zé tentou pular, foi agarrado pelo calcanhar por um deles, caindo no chão e deixando sua arma quicar para fora de seu alcance. Ele tentou puxar seu pé em vão e, ao olhar para trás, deu de cara com um vampiro que estava de boca aberta indo em direção ao seu rosto.

Mas é claro que eu não iria deixar.

E, para a minha surpresa, aquela garota era tão boa quanto eu.

Atiramos ao mesmo tempo, tendo ela puxado outra pistola da cintura enquanto mantinha a escopeta apontada para o alto. Quebramos seus caninos e rasgamos sua boca, deixando seu maxilar pendurado no pescoço enquanto ele grunhia agonizando de dor.

Zé conseguiu sair depois de chutar o que lhe segurava e eu o ajudei a se levantar, enquanto Cibelle nos cobria.

Nesse momento, Leafar atirava desesperadamente para o alto.

— Socorro! — gritou ele enquanto gastava suas últimas balas da porta do carro, erroneamente contra uma nuvem de morcegos que estava quase se aproximando do arrombamento causado por Juliana.

Nós três corremos em sua direção o mais rápido que pudemos, tendo Cibelle chegado primeiro, tomando a frente do garoto e o jogando para o chão, atirando de escopeta contra a nuvem de morcegos que, apesar de deixar cair muitos deles, parecia não diminuir. Zé e eu não chegamos tão perto, então atiramos de longe mesmo, mas quando minhas balas acabaram eu olhei para frente.

Justo naquele momento.

Momento em que Rodrigo havia acordado ainda tonto, e com suas últimas forças disse o nome dela com uma clara felicidade ao ver que a mulher que ele procurou por tanto tempo estava bem.

Distraiu Cibelle por um segundo.

Segundo que fez com que a garota tivesse um choque.

Leafar a tirou do caminho com um pulo para que ela não levasse um corte rasante e se transformasse em uma dessas coisas. Os morcegos entraram aos montes no caveirão arrombado, levando

Rodrigo no ar até a porta do outro lado e se debatiam do lado de dentro tamanha quantidade. A metralhadora havia sido deslocada contra o vidro frontal e o corpo do policial era prensado contra o escudo na parede. Gritos agonizantes de Rodrigo eram ouvidos no meio daquela escuridão massiva e Cibelle berrava desesperadamente procurando pelo irmão.

Zé e eu nos aproximamos para tentar tirá-los de lá antes que ela se soltasse e entrasse naquela nuvem. Mas quando a alcancei, foi quase impossível me manter calmo ao ver aquilo. De onde ela estava, era possível ver Rodrigo no meio daquilo tudo, totalmente ensanguentado, com feridas pelas poucas partes do seu corpo que ainda eram visíveis, já que estava coberto de morcegos que sugavam seu sangue.

Para mim era difícil ver aquilo, para ela era visivelmente impossível.

E se mostrou uma mulher madura, tomando a única atitude naquele momento que poderia, mesmo sendo a mais difícil.

Enquanto ela chorava em silêncio com os dentes prensados, usou suas últimas forças para levantar a arma e usar sua mira perfeita para dar o único tiro necessário naquele momento. O tiro que passou por centenas de morcegos, acertando unicamente a cabeça de Rodrigo, que bateu contra o escudo que tampava a janela do outro lado, livrando-o de sua dor que já nem o deixava mais gritar.

Foi quando eu explodi.

— Seus filhos da puta! — vociferei de tal forma que alguns morcegos voaram para fora do caveirão, fugindo dali.

Mas antes que a maioria saísse, eu peguei a porta que estava jogada no chão e a encaixei de volta no caveirão com vários chutes, travando a mesma ali conforme se amassava. Zé, ao notar, não tentou me impedir e apenas ajudou Leafar a tirar Cibelle de perto conforme eu ainda esbravejava. Enquanto eles iam até o Santa Fé que estava mais atrás, eu dei a volta no veículo, indo até o tanque de combustível. Eles esperaram sentados, consolando Cibelle, e eu fiquei por uns dois minutos do lado de fora, encostado a lataria.

Acendi meu último cigarro e não fumei mais do que a metade dele.

O cigarro não seria para meu suicídio, não naquele minuto. Abri a válvula e o deixei ali aceso, pendurado com as cinzas para dentro.

Era meu maior homicídio até aquele momento.

Voltei para o carro caminhando, só para ter o prazer de ouvi-los se debaterem lá dentro sabendo que algo fatal iria lhes acontecer. Depois de ter entrado no carro e acelerado alguns metros à frente, um belo amanhecer nublado nasceu ali na praia enquanto aquela explosão de fogo, metal e sangue enfeitava o céu. Nós havíamos perdido a noção do tempo e dessa vez eu iria levar Zé para sua casa, atropelando qualquer coisa que aparecesse pelo caminho.

Só que nada seria como era antes a partir dali.

O silêncio prevaleceu enquanto eu dirigia.

Zé dormia ao meu lado no carona, enquanto no banco de trás, Cibelle olhava para o nada do lado de fora encostada no vidro e Leafar tentava fazer ou dizer algo para ajudar a todos. Não demorou para que ela percebesse o incômodo dele.

Eu preferi me manter quieto.

— Qual o problema? — perguntou ela ao percebê-lo inquieto.

— O mesmo de todos aqui — disse ele cuidadosamente, passando a expressão o mais suave possível para a garota.

Eu os observei pelo retrovisor central enquanto se olhavam. Ele parecia um cachorro abandonado e ela manteve-se encostada ao vidro, apoiada em seu braço, apenas o olhando de rabo de olho.

— Nem todos aqui têm esse problema — disse ela —, alguns parecem que nasceram sozinhos com seu egoísmo.

— Ora, por favor — interrompi —, indiretas?! Sério? Isso é patético, aponte logo o dedo na minha cara. E eu achando você sexy.

Não demorou muito a que eu voltasse ao meu eu de sempre. Exatamente como quando Vagner morreu. Por quê? Eu estava sofrendo.

— Viu? — ela disse para ele. — Mas não se deixe abater. É dureza, mas podemos lutar enquanto estivermos vivos — tremeu a voz por um segundo.

Acho que Leafar não percebeu.

— Exceto se formos mordidos, não é? — ele perguntou. — Eu não entendo... Ela não foi...

— Não é nenhum mistério, fagote — falei ainda olhando para estrada com meus olhos frios. — Na hora em que Vagner teve a cabeça esmagada — senti uma leve pontada no peito ao dizer isso — esguichou sangue na cara dela. Provavelmente ela deve ter ingerido o sangue já infectado, lembra que ele havia sido agarrado? Deve ter se arranhado nesse momento. Ele mentiu para ela.

Todos se calaram.

— E então, médica. Não estou certo?

— É. Faz sentido — disse ela me esnobando.

Silêncio de novo, sendo quebrado pelo ronco de Zé. Eu o observei naquele momento, tirando minhas conclusões. O velho estava cansado. Sempre que podia ele tirava um cochilo, foi o que me fez querer levá-lo mais ainda até sua casa.

— Para onde estamos indo agora? — perguntou o fagote.

— Para o bar do Zé.

Isso fez com que Cibelle se surpreendesse de tal forma que ela se levantou em um pulo.

— Voltar para a Lapa? Você tá maluco?!

— Ele pediu para mim, quer ver algo na casa dele. Provavelmente pegar uma *Playboy* antiga, tinha uma dos anos 90 que ele gostava muito.

— Péssima escolha — disse ela, voltando à posição de antes.

— Não se preocupe, não será uma viagem perdida. Lá ainda tem alguma comida, camisinhas, gasolina...

— Claro... — duvidou, voltando a me ignorar.

Chegamos lá sem dor de cabeça. Um zumbi ou outro pelo caminho, mas aquela concentração imensa havia sumido. Talvez porque tocamos o terror pela cidade chamando a atenção de vários de diversos bairros, que se concentraram em outros lugares. Acordei Zé, que, após esfregar os olhos, armou-se e pediu para que esperássemos um pouco, para ele acordar totalmente, já que ainda estava enxergando embaçado.

Noites mal dormidas para todos naqueles dias.

— Senhor... Desculpe, mas por que quis voltar? — perguntou Cibelle do banco de trás.

— Olha só. Ela te chamou de senhor — brinquei rindo para o velho, que ficou sem graça.

Ele nunca gostou da velhice. Isso me faz rir até hoje.

— Tem algo que eu preciso pegar aqui.

Ele novamente não se prolongou em explicar o motivo e eu novamente não perguntei. Mas Leafar não se conteve. Zé o ignorou, dizendo que já estava bem, para irmos. Quando entramos, ele foi para o segundo andar que era sua casa e depois de uns cinco minutos, voltou jogando alguns sacos de dormir, dizendo para nós relaxarmos, já que iria demorar um pouco. Eu aproveitei para por minha roupa antiga de volta ao corpo.

— Isso vai levar o dia inteiro, aquele quarto deve estar uma zona — comentei com os dois após o velho voltar para o quarto, sentando-me apoiado de costas para o balcão em um dos bancos.

Cibelle sentou-se ao meu lado de frente para o balcão e Leafar se sentou em cima de um dos sacos de dormir, ficando de pernas cruzadas enquanto olhava para a gente. Ficamos assim por um bom tempo e como ninguém se pronunciava para ir dormir, eu resolvi quebrar o silêncio, já que também não estava em clima para soneca.

— Que saudade de jogar videogame — fingi me recordar de algo.

Foi o suficiente para deixar Leafar com cara de nojo e para que Cibelle passasse suas mãos no rosto de tanto estresse, tentando me ignorar.

— Essa é a única coisa que você sente falta? — perguntou ele.

— Sempre fez parte da minha vida, é natural eu sentir falta.

Eu não estava mentindo ou esnobando qualquer outro prazer, apenas estava me referindo exclusivamente ao assunto debatido naquele momento.

— A vida é uma brincadeira, um jogo para você, não é? — ela se intrometeu, aumentando o tom de

VOZ.

— Sempre foi — falei —, só que na dificuldade máxima e com uma única vida.

— Dificuldade máxima? Não parece tão difícil assim para você — falou o fagote.

— Sabe o que é, garoto? — ela falou para ele. — Bento sempre foi sem noção de porra nenhuma, tudo sempre foi brincadeira para esse babaca.

— Vocês já se conheciam? — ele perguntou.

E eu também estava me perguntando isso. Mas decidi não transparecer ainda, não era o momento certo.

— Eu acho que sim — falei —, deve ter sido na minha época de galinha no colégio.

— Sim, foi na época do colégio, Bento — disse ela me surpreendendo —, mas eu já esperava que você não fosse lembrar.

— Então eu acertei? — perguntei em tom de deboche.

— Quase. Não lembra por acaso de uma brincadeira que era para ser inofensiva, mas acabou em ossos quebrados?

Putz. Eu tinha apagado da minha memória.

Leafar olhou para mim esperando alguma resposta, mas eu demonstrei não ter ideia do que ela estava falando.

— Antes de eu passar para o concurso militar, Bento... Nós estudávamos juntos. Você e seus amigos idiotas ficavam usando malvinas para vandalizar e assustar o colégio. Era dentro das salas, em canos de PVC pelos corredores e até em rolos de papel higiênico dentro dos banheiros.

— Hm, eu fiz isso tantas vezes — comentei —, também colocava pó-de-mico nos rolos — ri para Leafar.

— Sim, mas eu fui a única naquela porra de escola que você conseguiu machucar com essa merda toda.

Eu pensei bastante nesse momento, pois tinha uma vaga lembrança de algo do tipo. Surpreendi-me quando percebi quem era ela de fato.

— Cibelle! Nossa, você mudou tanto, eu não esperava que fosse você! — afinal, ela era sem peito e tão feinha. — Isso torna seu nome mais raro ainda, não acha?

— Talvez você soubesse que era eu se tivesse pelo menos ido me visitar no hospital enquanto eu mofei naquela porra daquele lugar.

— Como assim? Eu achei que você tinha saído da escola pela vergonha de ter caído da escada na frente de todo mundo, sei lá — falei com uma pausa — fiz até tirinhas zoando a cena, que espalhei pela escola.

Eu estava soltando toda a verdade que era nua, crua e podre. Não para feri-la, e sim para que ela visse que eu estava sendo totalmente honesto com ela, eram raros os meus momentos de bondade e por isso talvez que, quando aconteciam, as pessoas viam com maus olhos.

Ou então porque mesmo quando eu tentava praticar o bem, eu era mau.

— Você podia ter levado uma para mim, pois enquanto você ficou brincando por aí, eu fiquei no hospital por três anos e tive um dano irreversível no braço. Tem ideia de quanto tempo e oportunidade você me tirou?

Eu não sabia o que dizer. Franzi uma sobrancelha e tentei me desculpar com as minhas mais sinceras palavras.

— Bem... Desculpa — só que eu nunca fui bom com elas para gentilezas e isso pareceu cuspidão. Até eu achei que tinha sido da boca para fora.

Ela pôs uma das mãos na cabeça e parecia se acalmar, apesar de tudo.

— A questão não é essa, Bento... Eu gostava de você, nós nos dávamos bem, estudamos juntos por quatro anos e, de repente, você nem procurou saber de mim. Como acha que eu me senti com isso? — ela então olhou para mim. — Como acha que eu me sinto de você não se lembrar de mim até agora, quando não há ninguém mais com quem eu tenha convivido?

Permaneci quieto e inexpressivo, só observando como ela estava ficando abatida. Não era preciso conhecê-la muito bem para ver que estava cansada. Não fisicamente, mas faltava pouco para ela desistir. Havia perdido a fé em tudo, inclusive em si mesma. E então, eu finalmente percebi o que nós dois tínhamos em comum, mas não me pronunciei. Ouvi pequenas fungadas.

Ao olhar para Leafar no chão, vi que ele chorava em silêncio, enquanto Cibelle continha suas lágrimas apoiada no balcão em suas duas mãos que tampavam sua testa. E acho que é o momento certo para dizer isso, caso não tenha percebido, mas conforme o tempo passou, eu aprendi a respeitar o fagote. Não por simplesmente conviver ou pela obrigação social de demonstrarmos respeito ao próximo, mas porque eu entendia a situação que ele passava. Os amigos que ele perdeu, apesar de terem sido de longa data, foram os mesmos que eu perdi, mas diferente de mim, ele ainda era apenas um garoto e tudo lhe foi tirado de uma vez, com uma porrada só.

Foi aí então que eu vi que estava na hora de tomar uma atitude em relação a isso tudo.

— Vamos, levante-se — puxei-o pela blusa no ombro. — Sente-se aqui conosco, você também faz parte do clube, lembra? — e a cara de espanto que ele fez foi impagável.

— O que deu em você? — perguntou ele enquanto levantava secando as lágrimas.

— Zé provavelmente vai demorar muito lá em cima, será bem melhor se todos conversarmos durante esse tempo, não acha?

Ele parecia tão surpreso quanto uma criança ao ganhar um videogame de última geração no natal.

— Você? Querendo conversar?

— Sim, dessa forma o tempo passa mais rápido e vocês não ficam tão abatidos, vamos gente, comecem a falar — estalei os dedos várias vezes seguidas.

— Tá... Mas falar o que...? — perguntou ele, ainda desnorreado enquanto Cibelle me olhava com certo nojo. E receio.

— Não sei. Conte-me algo que faça você se sentir bem — respondi. — Cibelle já deu uma desabafada, é sua vez, pode acabar comigo também se quiser, eu não vou ligar — sorri para ele, comentando em voz baixa em seguida. — Eu tenho noção do quão filho da puta eu sou.

— Mas você quer ouvir alguma coisa?

— É claro que não. Mas eu não quero mais ainda que nos compliquemos porque vocês... — parei, pensei no que eu estava falando e me corriji antes que cagasse tudo novamente. — Nós, estávamos como Juliana estava. Então manda.

Ele estava sorrindo de forma modesta, como já não fazia há muito tempo e Cibelle parecia um pouco surpreendida dessa vez. Acho que foi a primeira vez que ela me viu fazendo algo que fosse bom para alguém e talvez por isso continuasse observando.

— Certo — disse ele, respirando fundo —, eu gostava de ver minha mãe todos os dias quando eu chegava do estágio...

— O que mais? — continuei mostrando-me mais interessado do que eu estava realmente.

— E eu estagiava com alguns amigos meus... Nós íamos e voltávamos juntos de ônibus, sempre conversando e nos divertindo... — conforme ele foi perdendo as palavras, Cibelle focou sua atenção em seus olhos. — Vagner e Juliana também faziam parte... Nós sempre pensávamos que ficaríamos perto uns dos outros e eles também se davam bem com meu namorado...

— Aquele de São Paulo? — perguntei o interrompendo.

— Sim... Nós intercalávamos os meses nas viagens... Ele foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida, sem ele, acho que eu estaria mais perdido do que estou agora... — sua voz começou a tremer.

Cibelle já forçava para não chorar enquanto eu o ouvia. Dessa vez realmente interessado.

— Porque algo que ele me ensinou... Foi que nunca devemos desistir. É no que eu me mantenho até agora, nesse pensamento... Por isso ainda tenho alguma esperança de que ele esteja vivo.

Eu pensei que ele explodiria em choro aí, mas ele pareceu se acalmar. O que nos surpreendeu foi Cibelle, que gritou após dar um soco no balcão, interrompendo Leafar.

— E nós temos escolha?

— Calma — falei a olhando nos olhos, mas de forma amigável enquanto levantava as mãos suavemente.

— Calma é o *caralho!* — ela levantou-se. — Eu tô cansada de ouvir esse monte de merda! Para que continuar lutando? Por que não desistimos logo? — e daí em diante, ela gritou diretamente para mim. — Nós temos algum sentido em viver? — silenciou-se por um segundo. — Se for apenas para sofrer, então nesse caso é melhor morrer logo — então ela sacou a pistola da cintura e encostou o cano debaixo do queixo.

— Espera Cibelle! — levantei-me nessa hora ao perceber que o negócio estava ficando sério. — Não faz isso...

— Você não quis que nos lembrássemos do que nos faz melhor? — disse ela, conforme dava passos

para trás. — Você conseguiu, Bento. Eu lembrei e acabei de me tocar que tudo isso não existe mais. Porque eu matei. Eu matei a única pessoa que era importante para mim e me dava um pingão de esperança para continuar vivendo essa merda de vida! E você... — pausou ao engolir ar. — O único rosto familiar que eu poderia ter... Não é mais o mesmo...

Nessa hora, se eu estivesse com a pistola em mãos, acho que eu teria coragem para puxar o gatilho com o cano contra minha cabeça, pois seria um caminho mais fácil do que tentar confortá-la. Infelizmente, eu só concordei com o que ela disse, sem me expressar é claro, para não piorar as coisas.

Só que às vezes o silêncio pode ser mais expressivo do que mil palavras.

— Não — disse Leafar, levantando-se. — Ele quis que nós não esquecêssemos quem somos de fato. De como nós agimos, independente do que está ao nosso redor... — lacrimejava, mantendo-se firme. — Pelo menos, foi isso que eu entendi.

O garoto havia me surpreendido naquele momento, pois minha única intenção era acalmá-los, sem uma grande ideia por trás de todo aquele desabafo. Eu não tive palavras para contê-la e ele fez isso com maestria, enquanto eu estava encurralado, pensando apenas em como me salvar. Cibelle chorava em silêncio ainda mantendo sua arma enquanto olhava para Leafar. Porém, abaixou a cabeça conforme relaxou seus braços soltando a arma no chão e caindo de joelhos.

— Basta uma mordida — ela chorava trincando os dentes, mantendo os olhos fechados com força — para que tudo acabe...

Ele se agachou ao seu lado e a confortou pondo sua mão em seu ombro, olhando para mim com um singelo agradecimento junto de um sinal positivo com a cabeça. Eu não soube como reagir àquilo, então fiz a única coisa que eu sabia fazer até aquele momento: fugir.

— Vou ver se Zé já achou o que ele queria, já volto — subi as escadas após guardar na minha cintura a pistola que Cibelle havia largado.

Antes de entrar no quarto, me preparei para que Zé não estranhasse. Dei alguns passos andando em círculos e passei as mãos pelos meus cabelos umas três vezes. Depois de respirar fundo, entrei e o vi sentado em sua cama, com as pernas cruzadas em cima do colchão e os olhos fechados, encostado a um travesseiro na madeira. Seu cabelo comprido grisalho estava bagunçado, com algumas mechas caídas por cima de seu rosto.

— Mas já? Tá velho mesmo — me aproximei. — Zé, acorda aí — mexi em seu ombro e notei que ele estava um tanto calmo demais.

Ele não havia mexido um músculo e foi impossível esconder meu sorriso sem graça.

— Zeca, sério... — o sacudi mais forte. — Acorda.

Mas ele permaneceu imóvel.

Percebi as gavetas do criado-mudo abertas e na mão esquerda dele, uma foto. Quando a peguei, vi que era um casal jovem. Zé ao lado de sua falecida esposa, mais precisamente. Ela havia morrido pela idade, em dezembro, alguns dias antes disso tudo acontecer.

A verdade era que Zé já sabia que sua hora chegava e estava contente com isso. O seu último desejo foi poder ver novamente o rosto da única mulher que ele havia amado em sua vida. A mulher que não só o pôs no lugar, mas que também havia sido como uma mãe para mim, já que a minha de sangue eu não conheci e a que me acolheu me expulsou não depois de muito tempo. Sua casa era o único lugar onde ele poderia encontrar essa paz. Deixei a foto em suas mãos novamente e as fechei, deixando meu velho amigo em seu quarto após eu ter pegado as chaves do lugar em cima da cama.

Ao descer as escadas, vi que o fagote estava sozinho.

— Cadê a Cibelle?

— Ela saiu sem dizer para onde ia, eu tentei impedi-la, mas ela apontou o meu revólver para a minha cara — ele soluçava, pelo visto o negócio foi sério.

— Vamos alcançá-la, ela não deve estar muito longe.

— Você é louco? Não temos nem um carro!

— Há carros pela cidade inteira já com a chave na ignição. Só vamos caminhar um pouco, pegue uma automática ali no balcão. Já passou da hora de você largar esse revólver.

Após uma pequena vasculhada, ele achou uma pistola no meio das bebidas e perguntou enquanto caminhava logo atrás de mim até a saída:

— Mas e o Zé? Não vai chamar ele?

— Zé terminou o jogo dele — falei pegando duas cadeiras de ferro, típicas de boteco e entreguei uma delas na mão dele.

Ele entendeu o que eu quis dizer assim que ouviu minha resposta, falando apenas que lamentava.

— Eu estou bem, não esquento. Ele tá melhor agora — sorri mostrando confiança para ele ao colocar a minha mão na maçaneta da porta. — E então... pronto?

— Sim — respirou fundo pela boca.

Abri a porta rapidamente e saímos com as armas já apontadas, nos deparando apenas com dois zumbis atropelados pelo provável caminho que Cibelle tinha tomado, já que o braço de um deles no chão ainda se mexia.

— Temos pouca munição e não devemos fazer muito barulho também — disse a ele enquanto fechava a porta —, portanto, atire apenas se necessário — tranquei em seguida, jogando a chave num bueiro próximo dali.

Foi a minha forma de dizer adeus para o meu amigo.

Caminhamos até a estrada que não era muito longe dali, levou uns cinco minutos. No caminho, alguns zumbis solitários apareceram em pontos diferentes, o que nos permitiu espatifa-los com as cadeiras. Lá, olhamos ao redor para decidirmos qual seria o melhor carro para pegarmos naquele momento.

— Ali — apontei para uma Kombi enferrujada com o vidro do carona rachado. — Perfeita.

— Não seria melhor a Ranger ali do lado? Ela é maior e...

— Não — andei até a Kombi, sendo seguido por ele que me ouviu atentamente —, pick-ups têm a traseira pronta para eles subirem e atravessarem o vidro sem muita dificuldade, nós precisamos de algo que eles deslizem, e a Kombi é perfeita para isso — rodeei o automóvel por um tempo o inspecionando nos pneus. — Só temos que torcer para que ela tenha combustível e a chave... — olhei pela janela e acertei. — Certo, a chave está ali e ela está com o tanque na metade ainda. Me dá cobertura, vou ver se tem alguma coisa lá dentro.

— Tá — disse ele, parecendo impressionado com minha explicação.

Ainda tinha muito que aprender o pequeno gafanhoto.

Abri a porta rapidamente após me preparar e pulei para dentro, apontando a pistola para os fundos. Estava totalmente vazia. Também não tinha os bancos, devia ser um veículo de carga.

— Vem — dei espaço para ele passar e se sentar no carona.

Fechei a porta, me acomodei no banco e respirei fundo.

— Por favor, funciona — sussurrei de olhos fechados.

Ela ligou de primeira.

Eu sorri de felicidade naquele momento, era um pressentimento de que as coisas finalmente dariam certo. Engraçado como nossa própria mente nos ilude, não é?

Acelerei para de onde viemos seguindo os rastros de Cibelle.

Dentro da Kombi, estávamos em silêncio. Não por um clima ruim, mas pela falta de assunto mesmo. Eu tinha algo a dizer, mas não sabia como. E toda vez que eu tentava, me calava antes de pronunciar algum som. O maldito havia percebido como percebeu tudo que era oculto em mim antes.

— Algum problema, Bento?

— Hm — tossi disfarçando —, fora esse dela ter fugido com o meu amor.... — destaquei as últimas palavras seguintes. — De novo? — Sim, eu estava pensando nisso ainda, mesmo com tudo isso acontecendo. Meu amor por aquele carro sempre foi verdadeiro e parecia que o destino sempre queria nos separar.

— Sim.

— Bem, você sabe... Eu não tenho muitos problemas — dei de ombros.

— Sei.

— Mas... Eu só queria te agradecer, por você ter me ajudado a resolver um desses poucos...

— O quê? — perguntou ele.

— Bom... Eu disse tanto isso a você, quando na verdade, eu deveria prestar atenção. Eu estou abrindo meus olhos e você... Bem... Está me ajudando bastante... Obrigado — eu disse isso com uma voz firme, enquanto olhava para a estrada, como se tivesse agradecendo por um copo d'água na casa de um desconhecido.

Ele sorriu. E me deu uma resposta profunda.

— Na verdade, nós sempre estamos aprendendo... Talvez eu tenha essa mentalidade por já ter

sofrido muita discriminação, ter namorado alguém mais velho e seguido caminhos que não eram bem aceitos pela sociedade até isso tudo acontecer.

De fato.

— Mas agora, ninguém liga... A maioria quer acabar com a gente independente de qualquer coisa, não é? — disse ele, rindo.

E foi aí então que percebi que o pequeno gafanhoto aprendeu a manter o bom humor, apesar de tudo. Isso me deixou feliz e me inspirou a atropelar um zumbi que estava na nossa frente, mas de forma artística, apenas com a pontinha lateral da Kombi, fazendo-o rolar pela lataria.

— Nossa! — ele gritou empolgado, enquanto gargalhava.

— Isso não é nada, garoto. Dependendo do ângulo, dá para pintar a Kombi de graça, saca só — nisso, atropelei outro, fazendo com que um pouco mais do corpo dele fosse acertado pela lataria, fazendo-o sangrar bastante e rolar pintando a Kombi de vermelho após ter colado na frente por dois segundos.

O garoto delirou e eu gargalhei por vê-lo assim.

Enquanto nos divertíamos com a quantidade razoável de zumbis do lado de fora, um barulho estranho foi emitido debaixo do meu banco, como se algo estivesse arranhando ali.

— Ouviu? — perguntei, fazendo sinal para que ele ficasse em silêncio.

— O quê?

De repente três morcegos saíram de debaixo do meu banco e começaram a grunhir enquanto voavam em círculos por dentro da Kombi.

— Mas que merda! — gritei freando a Kombi, enquanto tirava a pistola da cintura. — Proteja-se, e não saia!

— Mas...! — antes que ele pudesse dizer algo, apesar de eu não ter ideia de como um “mas” poderia entrar nessa situação, um zumbi conseguiu atravessar o vidro rachado com seu braço e agarrou o garoto pelo pescoço, puxando-o.

— Filho da puta! — gritei e, logo após matar os três morcegos, desnorreados por causa da luz do sol entrando indiretamente na Kombi, atirei na cabeça do bicho que estava do lado de fora, fazendo a bala atravessar o vidro e o braço da criatura perder as forças.

Ele tirou o braço que lhe envolvia e deixou com que escorregasse rasgando pele e carne podre pelo vidro que foi se despedaçando.

— Não temos mais janela — disse ele enquanto eu engatava a ré para voltarmos a acelerar.

— Temos que ir logo — falei quando voltei a seguir em frente. — Você está bem?

— Sim... Ele só me apertou um pouco, mas não me arranhou nem nada.

— Ótimo.

Continuamos a viagem conforme o tempo fechava novamente e eu já estava puto de ver como o mundo parecia estar contra a gente. Nuvens significam que a luz do sol não vem diretamente, isso permite

que os vampiros saiam de suas tocas, apenas lhes ofuscando a visão um pouco. Seguimos os rastros de membros amputados que ainda se moviam, até que chegamos à Lagoa Rodrigo de Freitas. Já havia se passado quase meia hora de carro e nós não tínhamos a encontrado ainda, comecei a duvidar de que conseguiríamos, afinal, aqueles rastros poderiam nem mesmo vir dela.

Quem poderia garantir que não era outro sobrevivente perdido pelo Rio?

Por não tanta sorte assim, vimos o Santa Fé parado em frente ao Hotel Marina Palace no Leblon. Não tanta sorte assim porque, como eu disse, vimos só ele. Não tinha ninguém dentro do carro. Nos entreolhamos com estranheza e descemos da Kombi após estacionarmos ao lado.

Ao abrir a porta do carro, vi a chave ainda na ignição.

— Olha — ele apontou para um bilhete que estava em cima do banco do motorista.

Eu o peguei e naquele momento, conforme ia lendo, percebi como a ironia às vezes era cruel. Leafar perguntava para mim constantemente o que estava escrito, mas eu estava focado.

Lembra-se da gente? Acho que sim, já que você estourou a cabeça de um dos nossos. Esperávamos que fosse você dentro do carro, mas a garota explicou para a gente o que aconteceu quando botamos uma 38 na cabeça dela. Que feio. Tsc tsc. Isso são modos de tratar uma mulher desse porte? Você tem que saber chegar, cara, que nem a gente, viu como não foi difícil para ela confiar em nós? Mulheres carentes são fáceis assim mesmo.

Esteja às seis da tarde aqui nos Arcos da Lapa, nem um minuto a mais e nem um minuto a menos. Caso contrário, iremos estourar sua cabeça assim que você sair do carro. É melhor você vir desarmado, nós iremos te revistar. E quando você chegar aqui, nós vamos te mostrar como se trata uma mulher de verdade, aí você decide o que faz com o que sobrar dela depois, pois vamos jogar os restos aos cães depois de comermos.

Sabe como é. Somos afetados psicologicamente.

Ass: “Quarteto Afetado” como você mesmo disse.

Filhos da puta, covardes e sem noção.

Você devia atribuir essas características a mim quando comecei a te contar tudo, não é? Eu sou ciente de que também sou, mas não a esse nível. Eles viraram o jogo com minha própria provocação. Eu fiquei puto naquele momento, ao ponto de pela primeira vez demonstrar isso com palavras depois de muitos meses.

— Eu vou matar cada um deles — amassei o bilhete antes de entrar no carro.

Bati a porta com força depois que entrei e me doeu o coração na hora mesmo eu não tendo percebido.

— O que houve? — perguntou ele já entrando pelo outro lado do Santa Fé.

Eu lhe entreguei o bilhete e após desamassar enquanto eu já acelerava, ele leu palavra por palavra conforme também ficava furioso, apesar de não demonstrar tanto assim.

— Você vai agora? — perguntou.

— Mas é claro. Você acha que não é uma armadilha essa de eu chegar lá às seis?

— Mas e se já for uma antes? Sabe, tipo psicologia reversa, para você pensar isso e ir agora.

— Nesse caso eu vou arriscar. Tá comigo?

Ele nem sequer hesitou.

— Claro — sorriu confiante.

— Me faz um favor?

— Pode falar.

— Olha embaixo do último banco traseiro e vê se tem alguma coisa lá ainda.

Os idiotas nem sequer inspecionaram o carro direito, quero dizer, eles levaram o resto dos armamentos que estavam no porta-malas, alguns que estavam debaixo de alguns bancos, mas se esqueceram do principal.

— Cacete! — surpreendeu-se depois de levantar o banco. — Tem uma escopeta super moderna aqui! Ela tem o seu nome...

— É isso mesmo, é o bebê do meu amor — sorri. — Pega e traz aqui, por favor.

Eu estava com os olhos em chamas.

Quando chegamos lá, parei o carro depois dos arcos, no meio da calçada em que ficavam.

Ali costumava ter uns banheiros públicos horríveis de tão sujos, e que podiam ser abertos pelo lado de fora com um simples deslize de dedo, além de vários pivetes, mendigos, policiais incompetentes etc.

Atrás dos arcos e de nós, estavam o Circo Voador e a Fundação Progresso, e na nossa frente, os motociclistas. Um deles apontava, como um gangster, um revólver para o carro antes mesmo de descermos. Eu abri a porta, coloquei meus pés para fora lentamente conforme mostrava a eles meus dois braços levantados.

Saí rendido.

— Cadê ela? — perguntei de forma rude, me aproximando.

— Nossa, quanta testosterona! — disse um dos três ali presentes, o careca forte. — Ainda anda armado para ter essa marra toda?

— Tira a blusa devagar, senão vai virar peneira — disse o outro, o negão careca que também estava armado.

— Desculpem, caras — falei sorrindo —, mas vocês irão se apaixonar se eu levantar a blusa. Eu só quero saber da garota.

— Ela tá ocupada — disse o terceiro, magrelo de cabelos compridos, dono de um rosto que o fazia parecer com uma bruxa transexual.

— E não tinham mais dois com vocês na outra vez? — perguntei. — Quer dizer, não o que eu matei, claro, mas dois que andavam em uma moto só.

— O gordo? — perguntou o magricela. — Sabe como é gordo né? Sempre quer comer primeiro.

Eu estava ficando péssimo no jogo de provocação.

Aquilo me deixou puto e eu me esqueci de tudo naquela hora, dei passos largos na direção daquela bruxa para arrancar os olhos dela, mas o careca chamou minha atenção com um tiro pro alto.

— Ô. Esqueceu quem é o manda aqui agora?

E aí eu gargalhei.

— Isso é homossexualidade reprimida ou algo do tipo? — suas caras ofendidas não tiveram preço. Não que eu considerasse ainda como uma ofensa, mas são poucos os que compreendem a arte do insulto.

— Eu não sou o machão e muito menos vocês. Só tem um homem de verdade aqui nesse momento.

— É mesmo? — perguntou o negão, balançando a arma enquanto ainda a mantinha em minha direção. — Quem é então?

— Acabou — gritou Leafar saindo do Santa Fé, apontando a doze de alta tecnologia para eles. — E é melhor largarem as armas, um tiro disso aqui, e eu acerto todos vocês.

Eles soltaram e puseram as mãos ao alto, encarando Leafar, mas eu queria que o jogo se concentrasse em mim.

— Então, meninas — falei —, agora me digam onde eles estão antes que eu mostre para vocês como eu posso ter nascido para ser mais selvagem com um carro do que vocês três com quatro motos.

Os desgraçados começaram a rir e eu não entendi porque até ouvir vindo de trás de mim.

— Bento! — Quando olhei, Cibelle vinha do Circo Voador, ensangüentada, sendo rendida por aquele monte de banha que suava até nos dias mais frios.

Leafar também se distraiu, o careca percebeu e partiu para cima dele tirando a doze de sua mão após acertá-lo com uma cabeçada no rosto. Segunda cabeçada que ele levou, aliás, pelo menos dessa vez não havia sido no nariz. Rendidos, fomos levados para dentro do Circo e eles amarraram Cibelle na minha frente após arrancarem a blusa dela. Ela estava amarrada do outro lado, na pilastra oposta que sustentava a arquibancada de frente para o palco. Eu já estava tão puto que nem sequer aproveitei para dar uma conferida nos peitos só com o sutiã.

E também não senti a dor do arame farpado prendendo meus pulsos e pernas à pilastra conforme entrava na minha carne a cada movimento que eu fazia.

Minha atenção estava toda nas armas e cabeças desses cabaços que achavam que eram motoqueiros selvagens ou qualquer merda desse tipo, e meu sangue estava tão quente que ressuscitaria qualquer vampiro que o sugasse. Em Cibelle, eu só conseguia olhar para suas feridas no rosto, face que foi violentada e sangrava na sobrancelha direita, maçã esquerda do rosto e boca. Ela me disse movendo os lábios que eles iriam estuprá-la na minha frente. Eu sabia que ela daria um jeito de morrer levando pelo menos um deles junto antes de deixar isso acontecer.

Ficamos ali por algumas horas depois que eles mexeram em um aparelho de som, até que percebi que já havia entardecido. Eu já estava preocupado com o garoto em relação aos morcegos que eventualmente voavam por lá na luz do dia. Não tínhamos ideia do que eles pretendiam, mas depois de descansarem por um tempo após encherem a cara de cerveja, mexeram no som que, de acordo com as discussões, tinha músicas para o gosto dos quatro ali.

O gordo, após desamarrar Cibelle enquanto o negão mantinha a pistola apontada para a cabeça dela, veio até mim com uma risada estúpida e deu três tapas na minha cara, dizendo que eu estava fodido. Apenas o encarei em silêncio, com meu sorriso repleto de cinismo.

Eu guardei bem o que ele havia feito e dito para mim.

Eles mandaram Cibelle tirar a calça e subir no palco. Ela pareceu relutar contra isso, preferindo tomar um tiro e morrer logo, mas nós nos entreolhamos como Zé e eu fazíamos. E ela entendeu que era melhor ir, pois iríamos sair dali. Meu olhar dava a ela essa garantia. Enquanto eles regulavam o volume do som que tocava uma banda de heavy metal cujo vocalista parecia apertar as bolas para cantar e o guitarrista para tocar, eu aproveitava que os idiotas haviam colocado o arame por cima do jeans das minhas calças e me roçava neles para que fossem entortando. Ia entrando na minha carne, mas mais

difícilmente e logo me livreí deles, chutando-os para um canto longe dali.

Eles então terminaram e se sentaram, deixando algo cilíndrico em cima da mesinha que estava logo atrás deles.

Cibelle já havia percebido de cima do palco enquanto eles ficaram bebendo sentados em cadeiras de boteco, apontando suas armas para ela. Enquanto ela dançava de forma desengonçada para distraí-los, eu me contorci de modo que deslizei minhas mãos pela pilastra, cortando-as um pouco, mas artificialmente. Aproximei-me da mesa com passos super suaves, pensando que fosse uma pistola, mas era o controle do aparelho de som. Eu nem imaginava que poderia haver igual aos controles caseiros para os sons de palco.

O peguei cautelosamente ainda assim, sem emitir um ruído.

Os imbecis não tiravam os olhos de Cibelle.

Fui até o lado de fora correndo em silêncio e encontrei de costas para minha direção Leafar amarrado do outro lado da palmeira, com um morcego se movendo em seu ombro. Diminuí meus passos ao ver que o pior tinha acontecido. Olhei bem e vi que ele segurava a cabeça do morcego com seus dentes, impedindo que o animal mordesse alguma parte de seu corpo.

— Mas que doideira — comentei comigo mesmo e fui ajudá-lo.

Ao esmagar aquele pedacinho de merda após tirá-lo de seu ombro, perguntei como diabos aquilo havia acontecido e ele disse que o morcego pousou em seu ombro indo morder sua cara um pouco antes de eu chegar, mas que ele abriu a boca e calhou de conseguir segurar o bicho pela cabeça com os dentes. Fiquei o olhando por um tempo, pensando em como aquilo foi estranho e que ele definitivamente seria meu novo ídolo se arrancasse a cabeça daquela coisa com uma mordida.

Deixei para lá, desamarrando sua corda e pensando que, se ele tivesse feito isso, provavelmente algo não muito bom teria acontecido a ele, já que teria contato com aquele sangue imundo.

— Desde quando você tem essa tatuagem? — ele perguntou a olhando a scar no meio do sangue, pelo rasgo da manga do meu blazer.

— Já faz um tempo, depois explico, temos que salvar...

— Quer bancar o herói cara?! — gritou aquela voz grossa maldita que se sobressaiu sobre o baixo volume da voz aguda das caixas de dentro do circo.

Quando olhamos, era o negão. Ele estava com a doze apontada para gente enquanto os outros mantinham Cibelle imobilizada logo atrás, estando o careca com a pistola na cabeça dela. O gordo e o magro passavam as mãos pelo corpo de Cibelle para me provocar. Apertavam os seios dela e passavam os dedos pelas virilhas, e ela deixava porque sabia que eu teria um plano. Mas eu já estava no meu limite que era acima do ódio. A frieza.

— Vai bancar o herói lá fora, então. Anda, porra — ele gritou, falando para Leafar e eu sairmos pelo portão principal.

Saí numa boa, caminhando até o Santa Fé, e Leafar desesperado ao meu lado dizendo que tínhamos

que dar um jeito de não morrer ali. Minha primeira esperança era para que esses idiotas não tivessem trancado meu carro, mas é claro que eu estava errado.

Este cara que matei provavelmente era um líder muito foda para eles ficarem tão rancorosos, mas estava na cara que usavam isso mais como pretexto para me sacanear. Eles ficaram gritando de dentro do portão, me provocando, dizendo para eu dar uma de herói ali enquanto caminhei para trás do Santa Fé, que não estava mais distante do que dois metros dali. Gritavam para me intimidar, enquanto uma nuvem de morcegos voava por cima de nós e só não entrava nas redondezas do Circo, pois o som os desnor-teava junto da luz indireta do sol. Mas enquanto eles não demonstrassem que fariam algo com Cibelle, eu estava cagando para eles. Nunca tive medo de morrer e não seria ali que eu teria. Não posso dizer a mesma coisa de Leafar, que estava encolhido por inteiro ao meu lado.

Esperei até que eles pararam de me provocar e ficaram cochichando entre si, provavelmente se perguntando o que estava acontecendo.

Lembra que eu disse que dava para enxergar através do vidro da frente do Santa Fé? O de trás também era transparente e eu, por cima do capô, mostrei para eles através do vidro, que eu tinha o controle do som.

Os idiotas gargalharam se olhando, tentando decifrar o que tinha demais no controle do som sob meu comando até que eu gritei que já que nós iríamos morrer, eles também iriam quando eu atraísse todos os vampiros, lobisomens e zumbis da cidade para lá, pondo o volume daquele aparelho, que estava acoplado nas caixas de som do Circo Voador, no máximo. Conforme o negão gritava para o resto ir desligar o aparelho enquanto ele mantinha Cibelle como refém, eu afundei meu dedo no volume daquele controle, de forma que praticamente o bairro inteiro pôde ouvir a música que estava tocando naquele momento. Ironicamente, tocava *Aquele Abraço*, do *Gilberto Gil*.

O negão se desesperou ao ponto de também ir verificar o que estava acontecendo para eles não terem desligado ainda, levando Cibelle consigo, dando a brecha para que Leafar e eu entrássemos pulando o portão. Foi engraçado ouvir que o Rio de Janeiro continua lindo ali de cima daquele portão, quando tive uma bela visão da maior parte da cidade destruída, coberta de sangue e até com alguns postes longe dali pegando fogo devido a curtos-circuitos.

O som do Circo era especial, pois era para shows. Então para desligá-lo, somente desligando o disjuntor, que eles esqueceram onde ficava devido ao álcool.

O negão gritava para que se apressassem, mas eu cheguei baixando a doze de sua mão, dando-lhe pelo menos umas três cotoveladas no seu rosto. Cibelle se soltou partindo para cima do careca que estava agachado em frente ao palco e tentou pegar sua pistola, que estava na cintura. Enquanto eles disputavam, Leafar havia segurado a bruxa, imobilizando seus braços enquanto ela se debatia. Eu terminava de nocautear o negão e, após ter tirado a doze de sua mão antes que ele caísse tonto no chão, o gordo veio com toda a sua fome para cima de mim, o que foi assustador por um milésimo de segundo, ainda mais porque foi bem na parte em que a música diz “Aquele abraço”.

Aí eu lembrei que estava com uma doze na mão, de quem eu era e o que ele havia feito comigo minutos atrás, então eu meti um tiro no pé dele.

Conforme aquele mamute gritava no chão com seu tornozelo estourado e pé alguns metros longe dali, a bruxa havia se livrado da chave de Leafar e, depois de empurrá-lo no chão, apontou a pistola para ele. O careca conseguiu sacar a pistola dele e apontou na direção de Cibelle e eu imediatamente direcionei a doze para sua cabeça.

— Não sei mais quem manda aqui, você pode me dizer? — provocou o careca, tentando declarar sua vitória.

— Não temos culpa de você não ter certeza sobre a sua sexualidade — respondi, já que era a cabeça dele na minha mira.

— Atira nele! Mata esse arrombado! — gritava o gordo pernetá no chão. Ele ficou mais puto ainda quando eu fiquei rindo da cara dele naquela situação.

Até que um tiro o calou para sempre ao mesmo tempo em que silenciou a todos nós por alguns segundos, deixando apenas *Garota de Ipanema* dando sua graça por ali, contrastando com os miolos espalhados. O negão havia se levantado uma fera e havia tirado um revólver da cintura.

Parando para analisar agora, eu estou me perguntando quem diabos havia criado aquela lista de reprodução.

— Você perdeu a noção? — ele perguntou para mim, pondo o revólver na minha cabeça enquanto limpava o sangue do nariz.

— Eu nunca tive — respondi com um sorriso provocante, olhando-o nos olhos sem abaixar minha cabeça.

Foi o suficiente para deixá-lo puto ao ponto de cometer uma loucura. Exatamente o que eu queria.

— Vamos dar uma surra nele. Esse filho da puta tá precisando é de porrada.

— Eu topo — disse o careca que empurrou Cibelle para a direção de Leafar, mantendo os dois na mira da bruxa.

— Larga a arma, parceiro — disse o negão, não me deixando alternativa.

E quando larguei minha doze, vi que, sem ela, eu era apenas eu.

Palavras afiadas e punhos ridículos.

Eu não consegui nem ao menos nocautear o cara com sei lá quantas cotoveladas, pensei naquele momento.

— Está anoitecendo — falei, recuando, enquanto os dois gigantes se aproximavam —, daqui a pouco todos esses bichos que eu atraí devem chegar e vocês não vão querer estar aqui não é mesmo?

— Isso mesmo, você atraiu. A gente tá cagando para isso. Qual o problema? Não sabe lutar?

Foi aí que eu descobri que não era o único que estava ligando o foda-se para tudo e, percebendo isso, passei a ligar para os mínimos detalhes.

Cibelle deu um passo à frente querendo ajudar, mas teve a atenção chamada pela bruxa.

— Não! Não se mexe! Você não vai querer levar um tiro agora, não é?

— Dois contra dois? — falei apontando para Leafar, que estava paralisado no canto.

— Não, apenas você! — disse o careca antes de me socar no rosto, fazendo-me ir para trás com o impacto.

Cibelle gritou para eu aguentar firme e dessa vez Leafar deu um passo à frente, mas foi impedido pela bruxa que lhe fez um sinal negativo com a cabeça.

— Ele é um franguinho! — disse o negão enquanto me segurava pelas costas, fazendo com que eu me sentisse uma menininha naquele momento. — Acaba com ele! Eu seguro!

Eles eram o cúmulo da covardia tentando passar a imagem de durões, como pode perceber.

— Se liga, Paulo, agora eu vou te mostrar os socos mais rápidos do mundo! — e o filho da puta me deu cerca de quinze socos pelo meu tórax.

Eu me mantive de cabeça baixa enquanto Cibelle e Leafar xingavam eles.

Mas eu comecei a gargalhar com aquilo. Sério, ponha-se no meu lugar e veja a que ponto isso tudo chegou. Eu voltei a tocar o foda-se e decidi fazer o que sempre fiz de melhor.

Mas daquela vez, com a melhor das intenções.

— Me deixem falar uma coisa para vocês — disse no meio das gargalhadas, enquanto me mantive de cabeça baixa. — Eu nunca fui bom em brigas — cuspi um pouco de sangue misturado com saliva no chão.

Todos ali estranharam. Inclusive Cibelle e Leafar.

— Eu sempre achei que fosse frágil demais para esse tipo de coisa, mas sabe...

— Que porra esse maluco ta falando? — perguntou o careca.

— Sei lá...

— Quando é para se proteger algo importante, a gente se torna invencível — nisso, com toda a força que pude, cabeceei com a nuca o rosto de Paulo, socando seu saco umas três vezes seguidas.

— Pega ele! — disse a bruxa para o careca que veio para cima, passando que nem uma bala depois que eu desviei e o chutei bem no meio da coluna contra Paulo, que ainda se levantava.

Ainda peguei o maço de cigarros que estava dando mole já com isqueiro no seu bolso de trás, eu estava mirando aquilo desde que fui preso.

— E eu disse isso tudo para que vocês entendam, seus filhos de uma puta — acendi o cigarro batendo meus antigos recordes de velocidade. — Nada nesse mundo atualmente é mais importante para mim — olhei rapidamente para Cibelle, que parecia esperançosa novamente ao assistir minha batalha — do que a minha imagem — soltei a fumaça logo em seguida.

— Seu playboyzinho de merda! — gritou a bruxa que atirou com sua pistola duas vezes na minha direção.

Foi aí que tudo tomou o rumo catastrófico.

Do lado de fora chovia, trovões estavam quase que sincronizados com a música do lado de dentro,

zumbis se aproximavam aos montes correndo pelas ruas e tinha acabado de anoitecer. Milésimos antes do primeiro tiro, a luz havia se apagado e eu estava misteriosamente ileso depois dos disparos. Em relação àqueles tiros, que eu digo. Do lado de fora, algum morcego deve ter balançado os fios dos postes ocasionando esse mau contato, era normal naqueles dias onde ainda tinha luz. Quando a lâmpada se acendeu novamente piscando por um tempo, vi Leafar na minha frente caindo de joelhos, com sangue pela camisa, no peito e perto do ombro. Cibelle parecia chocada.

Aquilo foi a gota d'água para mim.

Caminhei enfurecido em direção à bruxa que atirou contra mim, largando toda a munição, errando dois tiros e acertando três, dois no meu braço esquerdo e um de raspão na costela, que me esfarelou um dos ossos. Mas se o meu sangue já estava fervendo antes, agora ele já havia evaporado. Eu não parei por um momento, não expressei o mínimo de dor sequer e não recuei um passo para trás ao ser alvejado e, quando o alcancei, dei-lhe um gancho no queixo, cuja pressão saiu dos meus pés passando por todo meu corpo.

— Leafar! — chamou Cibelle, sacudindo-o após se aproximar.

O magricela tinha cuspidos boa parte dos dentes e um pedaço de sua língua. Mas aquilo não foi o suficiente para mim. Enquanto ele se arrastava tentando fugir desnortado ao mesmo tempo em que babava sangue, eu o agarrei pelo pescoço levantando-o com um só braço.

Nem mesmo eu sabia que tinha essa força.

— Vocês pediram por isso, não foi? Vocês conseguiram — e o joguei contra os outros dois, que ficaram apreensivos depois de me verem pegar a doze no chão e caminhar lentamente em sua direção. — Vocês quiseram se vingar por um amigo de vocês que eu matei, não foi? — aponte para a doze.

Eles fecharam os olhos.

Eu disparei.

A propósito, disparei com minha maior e melhor arma como pode ver.

Minhas palavras.

— Nem essas porras que caçam a gente todos os dias chegam a esse nível. Elas não são as verdadeiras aberrações — eles ainda tremiam olhando para mim enquanto eu tragava um pouco mais meu cigarro. — O ser humano no seu nível mais patético que é a verdadeira aberração. A gente mata por matar, basta termos a mínima desculpa. É incrível como mesmo no inferno nós somos a maior merda que existe.

— Ma-mais — gaguejou o careca —, ele que matou o cara.

Sorri, enquanto traguei novamente falando para os outros dois. A fumaça me queimando o pulmão fazia com que eu não disparasse de verdade neles, com chumbo grosso.

— Nós somos os piores, viu? Quanto ao seu amigo da outra noite, apenas não deixei que ele fosse mais um amaldiçoado no meio de milhões — joguei o cigarro no chão —, mas vocês... Vocês não merecem a salvação. E como vocês já estão no inferno e eu sou o diabo por aqui, vou deixar vocês vivos,

desarmados e com medo. Eu quero que sofram até não aguentarem mais, seus filhos da puta. Até que vocês mesmos matem uns aos outros.

Não os matei por Leafar, que havia provado para mim que o que ele havia dito era verdade.

Este era eu não mais me permitindo ser daquela forma.

A música ainda estava rolando e seria perda de tempo tentar desligá-la naquele momento, parecia que o inferno inteiro estava concentrado ali na Lapa. Peguei as chaves do carro que estavam com o negão e os deixei ali, traumatizados com meus poderes cósmicos. Fui até Cibelle em passos largos, pois já tinha alguma noção do que nos esperava do lado de fora e fui surpreendido novamente.

— Ele está vivo, Bento — disse ela, esboçando um sorriso para mim.

E eu não tive outra reação senão sorrir também, vendo aquele nerd safado rindo apesar da dor. Aí começou a tocar Motörhead. Finalmente uma música inspiradora.

Decidi que era hora de finalmente fazer algo de útil para alguém e disse para os dois se ajudarem, pois eu iria os escoltar até o meu carro. Sozinhos, eles não conseguiam nem mais ficar de pé e já podíamos ouvir uma multidão se aproximando.

— Mas você... — Cibelle tentou falar, mas eu a interrompi.

— Toma, pega — entreguei as chaves e a pistola. — Destranque de longe e... — levamos um puta susto com um raio que caiu ali perto fazendo um imenso clarão além do barulho. — Atire em qualquer coisa que chegar perto de vocês, assim que puderem, entrem no carro e fechem a porta. Se eu não conseguir chegar, saiam antes que fique impossível.

— Tudo bem.

— Você consegue dirigir, garoto?

— Acho que sim...

— Ótimo, deixe que ela fique na posição de tiro, será melhor pra vocês. Agora vão.

— Mas e você... — Cibelle tentou dizer.

— Vão!

Ela fixou-se em meus olhos enquanto ajudava Leafar a se levantar e eu estalei os dedos para que ela acordasse e fosse logo.

Fui à frente e abri o toldo que dava acesso à parte externa do Circo, já de frente para a saída que estava trancada. Era impossível ver o céu tamanha nuvem de morcegos que sobrevoava por ali. Eles estavam desorientados com o som alto e vários zumbis tentavam escalar em volta do lugar pelas grades. Apenas deu tempo de darmos dois passos para ouvirmos três uivos de direções diferentes e eu vi que era hora de nos apressarmos. Atirei no cadeado que estava trancando o portão principal com minha escopeta, já atingindo através das grades dois zumbis que escalavam ali.

Ao passar pela porta, vi o que estava ao meu redor em dois segundos.

Criaturas se aproximavam de todos os lados, sendo os zumbis das grades burros demais para dar a volta, portanto, continuavam a tentar escalar para nos pegar onde pudessem nos ver. Dezenas de zumbis

vieram de longe, de todas as direções que meus olhos podiam ver. Havia um lobisomem saltando de prédios em prédios vindo da direção de Santa Teresa, outros dois vinham de longe sobre quatro patas em cima dos Arcos, das duas direções opostas que eu esperava muito que fossem bondinhos. Morcegos, apesar de não se transformarem, de vez em quando desciam com seus rasantes.

Tudo isso no tempo de eu por o pé para fora e olhar para trás, esperando Cibelle vir com Leafar.

— Não vai dar tempo — disse Cibelle ao passar por mim, conforme caminhava com Leafar em passos largos, apoiando-o em seus ombros enquanto segurava a pistola com a mão que passava pelas costelas dele.

— Continue! Não pare! — gritei ao atirar no primeiro zumbi, que foi na direção deles ao mesmo tempo em que o Santa Fé foi destrancado.

Cibelle atirou em dois morcegos que desceram tentando lhes acertar.

A chuva que antes caía de leve aumentou, transformando-se numa tempestade. Ventava muito e os raios faziam um show nos céus. Mais dois zumbis foram na direção deles e eu me aproximei explodindo aquelas cabeças podres, tendo que dar mais um tiro no corpo de um que continuou rapidamente na minha direção. Eu tinha apenas cinco balas e seis zumbis vinham em nossa direção, pelo noroeste, nordeste, sudeste e sudoeste. No oeste e leste estavam os Arcos, cujas feras corriam sobre. Ao sul, o Circo, e ao norte estava o carro, à frente de vários zumbis que se aproximavam.

Aquilo era o tudo ou nada.

Na verdade, centenas de zumbis vinham em nossa direção, mas aqueles seis estavam próximos demais e Cibelle havia gastado a última bala daquela pistola em um morcego.

Conforme ela caminhava, gritou para mim.

— Bento...! Eu fugi porque vocês estavam se tornando para mim como... — o vento parecia aumentar cada vez mais com a chuva. — Eu fiquei com medo do que estava acontecendo e...!

Outro clarão surgiu, seguido de um trovão que pareceu explodir uma bomba.

— Vai! — gritei de forma prolongada para ela, no momento em que atirei no primeiro zumbi que havia se aproximado dos dois pelo nordeste.

Mas apesar da situação, eu ouvi e guardei cada palavra que ela disse. Foram poucas, mas suficientes para que eu entendesse.

Passei por eles, pondo-me à frente dos outros dois que vinham pelo noroeste e explodi a cabeça de ambos apenas com um tiro devido à proximidade, chutando seus corpos que estavam frente a frente e, logo em seguida, voltei para o nordeste e atirei contra o último que vinha dali. Quando eles estavam quase no carro, dei-lhes uma leve empurrada nas costas para que apertassem mais ainda seus passos e atirei nos dois que vinham do sudeste, disparando por cima de meu ombro antes que mordessem meu pescoço, restando-me apenas um único tiro.

Abriram a porta da frente do carro quando a música chegou a sua metade e entraram.

Senti o maior alívio da minha vida quando vi Leafar no volante fechando aquela porta, mas fiquei

confuso ao ver a cara de Cibelle do lado de dentro no banco de trás gritando alguma coisa para mim enquanto ela batia no vidro com as duas mãos. Eram os zumbis do sudoeste. Eu me virei, pondo meu braço esquerdo à frente do meu rosto para me defender e essa foi a maior ironia do dia.

O braço que estava marcado “Game Over” havia sido mordido.

Game Over para mim.

Engraçado, que quando levei aquela mordida, vendo a minha carne se esticar em vários pedaços que iam se rompendo do meu braço nas bocas daquelas coisas conforme o meu sangue era derramado, eu não senti dor. Naquele momento, pareceu que o mundo tinha parado e que eu havia viajado para dentro da minha mente. Será que é isso que acontece quando se leva uma mordida? Você fica doido ao ponto de começar a se imaginar em um vasto clarão onde tudo é nada e nada é tudo?

Não sei... Mas naquele momento, eu morri.

E por chegar a essa conclusão, aceitei ver tudo o que me recusava a enxergar quando era vivo. Afinal, eu não tinha nada a perder. Certo? Eu não tinha medo de morrer, eu brincava com a morte e a provocava a todo instante. A vida para mim era um jogo na dificuldade máxima, com apenas uma vida. Simples assim. E por um segundo, eu havia ficado feliz por ter morrido, pois finalmente estava livre daquele inferno, daquela maldição que me corroia até aquele dia, que não acabava simplesmente porque eu não tinha coragem para meter uma bala na própria cabeça.

Aliás, foi quando a maldição veio que eu passei a ver tudo realmente como um jogo. Busquei diversão nas situações mais perigosas apenas para ver se um dia eu iria perder em uma dessas fases e simplesmente morrer. Sumir. Mas a maldição, o inferno que me fazia dizer que a vida era assim não eram as criaturas nem nada dessa merda toda. Eu fui marcado, pois foi quando, despreparado, eu meti uma bala na cabeça do meu garoto de cinco anos e na da mãe dele, bem quando eu achava que estávamos no início de nossas vidas.

Quando pensei que, finalmente, minha vida havia começado. Mas na verdade era o final dela.

Quem diria que eu presenciaria o nascimento do meu filho e alguns anos depois, o mataria com uma bala na cabeça. Gerar e tirar a mesma vida.

Eu continuei lutando cegamente ainda assim, mesmo sem saber o porquê exatamente. Talvez por ter nascido onde nós lutamos por tudo desde que nascemos e isso já nos faz gerar o costume. Então, tenho dúvidas se tudo teve um significado. Se tudo serviu de alguma coisa. Não sei até hoje se foi minha culpa Isis ter morrido, vou ter que levar isso comigo eternamente.

Tudo havia mudado drasticamente apenas no dia em que eu encontrei Cibelle pela primeira vez. Quero dizer... Reencontrei, pois eu havia sido um cuzão não só durante os últimos tempos em que passamos juntos, mas também desde quando a deixei no hospital. Eu sabia que ela esperava por mim. Mas não tive coragem de encará-la após aquilo. Mudou, pois vi que ela sofria da mesma maldição que eu. Ela também não tinha medo da morte lhe abraçar. O meu significado em viver naquele momento foi descobrir mais sobre ela, então não vou quebrar minha cabeça no “E se eu tivesse”, pois o que eu fiz me levou a caminhos em que não me arrependo de ter seguido.

Caminhos traçados não só por mim, mas também por quem sabia mais do que eu e fazia questão de

esfregá-los bem na minha fuça, apenas deixando com que eu escolhesse e torcendo para que eu tomasse os certos. Quem me ensinou a respeitar o próximo mesmo que ele não mereça o seu respeito. Não havia lição melhor a se aplicar senão tendo utilizado a mim mesmo como exemplo. Eu finalmente compreendi também porque sempre nos acompanhou mesmo sem necessidade, estava me ensinando tudo, pois sabia que iria partir.

Foi uma aula de mestre, que durou toda uma vida.

A propósito, para a minha vida de verdade, não a falsa e vazia que eu criei para afastar a todos. Afastar quem não usava máscaras e por isso sempre se mantinha com a razão, mesmo que fora de si. E mentia apenas nos momentos certos simplesmente para o conforto geral. Quem somos para ditar o que é o certo e o errado? Estava ali, com metade da minha idade e o dobro da minha nobreza. Nada mais precisava ser dito.

Ele com ela formavam um belo casal.

Eu não admitia isso, mas pensei nisso todo o tempo. Seu relacionamento foi totalmente o contrário do que eu queria acreditar que o ser humano era. Em toda minha vida, nunca consegui entendê-los, ser como eles. Eram opostos, mas quando juntos, pareciam se tornar um só, ficando em harmonia com tudo que lhes envolvia. Isso porque existia quem sabia lidar com a fúria. Não só com a de um, mas com a de todos do grupo e nós nem sequer ligávamos. Enquanto pensava que não era de grande ajuda, eu a via como uma peça fundamental, já que sem sua presença, morreríamos entrando em conflito.

Às vezes, conflitos pelas coisas mais idiotas.

Conflitos que embaçavam minha mente ao ponto de fazer com que eu quisesse apenas foder alguém. Mas teve quem apareceu para abrir minha mente. Para fazê-la voltar ao normal e permitir que eu enxergasse novamente, que vingança não trás de volta aquilo que já se foi.

O mais difícil eu deixei por último, é claro.

Foi força do hábito. Eu tenho que parar com isso. Deixei por último porque era algo que eu já sabia e havia esquecido. Esquecido de quem eu era. Ele abriu meus olhos e me fez enxergar no meu próprio reflexo o covarde que estava ali. Ele que me mostrou o caminho principal, do qual eu nunca devia ter saído.

O meu próprio caminho.

Foi aí que percebi que, na verdade, eu não queria ter morrido. Eu ainda tinha a chance de gratificar dois deles e entregá-los a minha morte seria o pior presente que eu poderia dar naquele momento. Afinal, eu havia dito que iria alcançá-los. Eu percebi que como ainda estava pensando, eu estava vivo. Era a única explicação. Pelo menos eu quis acreditar nisso, então julguei que estava vivo sem ter certeza.

Eu voei pelo mesmo caminho que cheguei até esse nada, mas nessa volta, pude ver tudo o que havia passado até aquele presente momento, onde aquelas merdas me arrancavam pedaços do braço a mordidas enquanto eu ainda mantinha meus olhos fechados.

Os pedaços que eu mesmo havia riscado “Game Over” com vidro quebrado, para marcar meu

estigma, para definir minha maldição naquele braço que usei para assassinar minha própria família e sentir em minha carne a dor inexplicável da perda. Esse era meu pensamento no passado. Mas eu finalmente percebi que não os havia assassinado e sim os libertado de toda essa tragédia.

Quando me dei conta disso, foi a vez da minha explosão. Da minha libertação.

E então, eu renasci.

Todos os pensamentos que eu tive naquele momento duraram apenas três segundos e se concretizaram na minha mente para eu carregá-los para sempre.

Depois que minha confusão havia sumido, eu abri meus olhos em direção às criaturas que ainda estavam puxando minha carne, sacudindo violentamente enquanto o sangue voava refletido pela luz dos raios nos céus. A música estava em uma parte que eu gosto bastante. Acho que foi ela que me acordou. O meu olhar firme neles condizia com o brilho do cano duplo daquela doze que apontei na direção de meu braço, que com o meu último tiro, voou alguns metros de distância naquela explosão junto com os zumbis que me mordiam e com aquela cicatriz que eu havia feito para marcar minha maldição.

Bem na hora do solo de guitarra, é claro.

Aquele era eu saindo do meu inferno depois de enfrentá-lo de frente, acabando com o meu “Game Over” após apertar o gatilho do “Continue”.

Estava finalmente livre das chagas da condenação marcadas em minha carne. Da minha maldição.

Conforme o mundo vinha contra mim, eu corri o mais rápido que pude em direção ao Santa Fé, acertando com a escopeta alguns morcegos que vieram atraídos pelo meu pedaço de braço que não parava de jorrar uma grande quantidade de sangue. Fui me esquivando de zumbis, até rolando pelas costas de um deles que passou com uma bala com os braços e o corpo inclinados para frente. Quando você volta depois de morrer em um jogo, você costuma voltar mais fraco, não é mesmo? Mas tem conhecimento do terreno e sobre o que você deve fazer. *Gamers* tem muita experiência de vida, sempre direi isso para os que acham que perdíamos nosso tempo.

Deixei tudo e todos para trás, atropelando qualquer coisa que aparecesse na minha frente. Os zumbis pareceram ter dobrado sua velocidade, atraídos pelo cheiro, e os lobisomens caíram no chão já pegando pressão para voltarem a correr ao mesmo tempo em que Cibelle abriu a porta do carro. Eu saltei para dentro caindo em seus braços, que me envolveram após terem fechado a porta enquanto gritava para Leafar acelerar.

Eu não sabia se iríamos sobreviver a partir dali, já que, além de eu sangrar horrores, Leafar estava no volante e ele era equivalente a uma mulher que não fosse Cibelle.

Mas senti que havia feito minha parte.

— Seu maluco! — ela gritou enquanto olhava para meu resto de braço e meu rosto. — O que você fez?!

— Mostrei a você que... — respondi dando uma leve pausa, com a respiração ofegante e meu sorriso esnobe, enquanto pegava com dificuldades um cigarro. — Que a vida não acaba só por causa de

uma mordida, querida — pus na boca e acendi com minha única mão.

Ela me deitou cuidadosamente no banco e disse olhando nos meus olhos para eu aguentar firme, conforme minha visão escurecia. Foi uma sensação muito boa dormir após ver aqueles olhos azuis, apesar de, naquele momento, ela ter gritado junto a Leafar pelo carro ter sido atingido violentamente, derrapando ao som dos gritos monstruosos do lado de fora.

O mais triste foi que eu não consegui tragar nem duas vezes antes do cigarro cair da minha boca.

Quando acordei, estava deitado sozinho de novo no banco de trás, com a mochila de mantimentos usada como travesseiro, sem o meu blazer e com o carro todo fechado. Por um momento, pensei ter acordado de um sonho bizarro que havia tido naquela maldita van, mas me lembrei de tudo quando fui coçar minha cabeça e vi que apenas um pedaço de braço enrolado numa bandagem se mexeu. Gargalhei sozinho e em silêncio, enquanto me apoiava no banco com minha única mão, achando graça de eu ter esquecido algo desse nível e feliz por termos sobrevivido.

Amanhecia naquele momento e estávamos bem de frente para a praia de Copacabana, no Calçadão. Era uma vista linda e, apesar de ninguém saber, era um dos meus lugares preferidos.

Saí do carro depois de pegar a escopeta recarregada que estava no chão ao meu lado e encostei-me à frente do Santa Fé, curtindo o amanhecer. Fazia um tempo que eu não via o sol, senti-lo na minha pele foi prazeroso e nostálgico. Isso é de carioca mesmo. Aquela paz durou pouco, pois senti uma mão fria no meu ombro nu e me virei violentamente já apontando a escopeta.

Isso também é coisa de carioca, sabe como é. Por sorte, era Cibelle.

— Isso é o seu bom dia?

Eu fiquei em silêncio que nem um babaca para ela.

— Você está bem? — perguntou ela ao bocejar. — Cuidei de você o máximo que pude.

— Ainda dói bastante... — eu disse fisicamente, por dentro, minha dor acabou no momento em que aquelas chagas se desapegaram de mim. — Mas se você me tratar com carinho, eu me recupero rápido.

— Meu carinho é do tipo tratamento mais eficaz, que sempre é o mais doloroso — ela disse sorrindo, pela primeira vez com um sorriso feliz apesar dos olhos ainda abatidos.

— Você já me ganhou assim, querida.

Perdemos o assunto por alguns segundos e, como eu havia perdido minha máscara, fiquei um pouco, bem pouco, constrangido também, com um sorriso igualmente babaca ao dela, mas não tão bonito, é claro.

— Cibelle... Tudo o que eu disse durante todo esse tempo, meus pensamentos... Eu não sei como posso te explicar isso, mas...

— Não se preocupe, eu conheço você...

— Hein?

— Bento Batista; 32 anos, cínico, misantropo e depressivo em recuperação. Usa e abusa do sarcasmo como destilador do próprio veneno e também da raiva acumulada.

Eu segurei meu queixo. Ela realmente me conhecia.

— Então... eu...

— Não interessa — disse ela, calando com seu dedo indicador nos meus lábios. — Somos

parecidos, a gente vai vendo aos poucos — e ela sorriu para mim, me encarando e encantando novamente com aquela magia negra de sempre.

Eu disfarcei, fingindo que olhava para baixo envergonhado, mas aproveitei para dar uma checada em seus seios novamente, ver se ainda estavam inteiros. O quê? Eu ainda estava em recuperação, como ela disse, ué.

— Cibelle, você falou para ele do beijo que ele ganhou enquanto dormia? — disse Leafar, que se levantou do nada de cima do teto do carro, ajeitando os curativos do corpo.

O mundo havia parado novamente.

Brincadeira.

Mas foi sacanagem dela ter feito isso enquanto eu estava inconsciente. Ela ignorou qualquer pergunta que eu fizesse depois dali — incluindo a que eu fiz sobre não me recordar do Circo Voador ter grades no lugar de muros —, mas ele me explicou a sós que assim que ela cuidou de mim durante aquela tempestade enquanto fugíamos, ela me deu um beijo nos lábios, desses bem colados, românticos e cheios de paixão, passando a mão carinhosamente na minha cabeça depois. Ele acha que foi devido ao meu ato heroico, mas eu acho que isso é uma antiga paixão que estava encubada desde a época do colégio e ela usou isso como desculpa, afinal, não tinha como ela resistir.

Eu descobri também que eu só acordei depois de dois dias, por isso já estava naquele clima tranquilo de férias, praia e tudo mais. E tudo isso com o grande amor da minha vida, minha nova futura namorada gostosa, meu melhor amigo gay, vários zumbis, vampiros e lobisomens com temporada de caça aberta 24h e meus novos bebês que ficavam guardados pelo corpo do meu amor.

O que mais um homem pode querer da vida?

Bem, por enquanto, novos parceiros.

O mundo é enorme, por sorte eu tenho um inglês *perfect* e estamos nessa viagem agora para organizar aquela colônia em que Rodrigo tanto falava, pode dar certo. Até porque, pretendo fazê-la da maioria sendo meus filhos com essa mulher. Vou convencê-la dizendo que devemos ter pelo menos cinco filhos, cada um com nomes que já tenho uma boa ideia de colocar. E depois, talvez eu recrute mais gostosas. Mas não conte para a Cibelle que eu disse isso. Apesar de ela não assumir, ela não suportaria saber que outras mulheres ameaçariam o que ela acredita, no fundo da própria alma, ser território dela.

De qualquer forma, quero que o maior número de pessoas se junte a mim. Digo, a nós.

Eu aprendi a manusear armas apenas com um braço agora, o que me tornou muito mais fodão do que eu já era antes, convenhamos. Todos vão adorar ter um líder assim, imagina se eu conseguir implantar um braço-mecânico que atira, ou então que tem uma serra elétrica como naqueles filmes de terror clássicos, sei lá?! As garotas não vão resistir. Sabe como é, eu posso ser um ex-lobo solitário, mas não tenho como deixar de ser um cachorrão. Agora só falta aprender a jogar videogame com os pés ou a língua, eu não pretendo largar esse vício. E como eu já falei demais, vamos por logo um fim no seu notável sofrimento. Queremos você no grupo de extermínio mais destruidor que existe no mundo, o meu.

E então? Topa?